



EM CINCO ANOS

Ações contra planos de saúde privados crescem 110% na PB

Quantidade de processos com origem no estado saltou de 613 para 1.286, desde a pandemia de Covid-19. **Página 7**

Geração X lidera satisfação com as experiências afetivas e sexuais

Estudo revela que pessoas de 45 a 60 anos têm mais segurança, autoconhecimento e qualidade nos relacionamentos.

Página 6

Botafogo enfrenta o ASA, de Alagoas, no Almeidão, pela Copa do Nordeste

Belo faz, hoje, primeiro duelo em casa após a conquista do Campeonato Paraibano. Equipes não se enfrentam desde 2017.

Página 21

Gastos com festas juninas acendem alerta nos órgãos de controle no estado

Ministério Público e Tribunal de Contas acompanham as estratégias de prefeituras para equilibrar orçamento no período.

Página 13



Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria incluirá o nome do padre Ibiapina

Proposta da publicação é rememorar pessoas e legados importantes para uma sociedade mais justa e democrática. Missionário teve atuação marcante na Paraíba, com forte trajetória na solidariedade, no cuidado com os pobres e na defesa da dignidade humana.

Página 25



Sobe o número de crianças com TEA nas escolas

Realidade é um desafio para profissionais e instituições de ensino público e privado, que precisam garantir aos estudantes o acesso à educação e à inclusão social, enquanto enfrentam a falta de formação e conhecimento sobre o tema.

Página 5

Pesca esportiva estimula o turismo e atrai praticantes

Atividade não comercial reúne adeptos no rio e no mar aberto, em torno da experiência de contato com a natureza. Segmento tem licença específica para lazer ou desporto e exige a soltura dos animais.

Página 8

Foto: Rafael Marques/Arquivo pessoal



■ “Com o passar do tempo, a gente vai se recolhendo, sumindo dos lugares onde foram sedimentadas as melhores afeições”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Toda viagem pressupõe a agulha do tempo. Dentro dos caminhos visíveis, há os invisíveis roteiros”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “Mais do que uma celebração religiosa, a Páscoa também se torna um momento de decisões econômicas importantes”.

Marcílio Correia

Página 17

Editorial

Mercado editorial

Um estudo recente, intitulado “*Panorama do Consumo de Livros*” — conduzido pela Câmara Brasileira do Livro, com realização da Nielsen BookData —, revelou que a aquisição de livros no Brasil cresceu em 2025, alcançando a marca de três milhões de novos compradores. A notícia foi comemorada pela indústria e pelo comércio livreiros e desbanca a alardeada “premissa” de que o livro digital sepultaria seu irmão primogênito impresso.

A pesquisa constatou que 18% da população com 18 anos ou mais adquiriram ao menos um livro nos últimos 12 meses. Esses números significam um crescimento de 2 pontos percentuais em relação a 2024, ou mais precisamente cerca de três milhões de novos consumidores no período estudado. Essa evolução tanto aponta para a permanência da relevância sociocultural do livro como credencia o mercado editorial brasileiro.

Tem razão o presidente da Câmara Brasileira do Livro, Sevani Matos, quando afirma que esse marco editorial, atestado pela pesquisa, “é resultado de um ecossistema que envolve editoras, livrarias, autores, influenciadores, políticas públicas e iniciativas de incentivo à leitura”. De fato, há um universo de pessoas, empresas e instituições a serviço do livro, enquanto instrumento de transmissão de saber e entretenimento.

Estão de parabéns, portanto, os homens e as mulheres que escrevem livros. Que os editam e vendem. Que os leem sem fins comerciais, apenas pelo prazer da leitura. Que os analisam e criticam. Que os transformam em objetos de estudo nas salas de aula das escolas e das universidades. Enfim, congratulações a essa grande e plural família que se formou em torno dos livros, ao longo dos séculos, em todos os quadrantes do planeta.

O estudo da Câmara Brasileira do Livro/Nielsen BookData mostrou também que 56% dos consumidores de livros costumam fazer compras em geral por meio das redes sociais. A Amazon é uma das plataformas de comércio eletrônico, sem dúvida, responsáveis pela ampliação da compra de livros. Mas a Estante Virtual conecta leitores a milhares de sebos, livrarias e editoras independentes espalhados por todo o país.

Virá o dia em que o livro impresso não mais será produzido no Brasil? O futuro é uma estrada longa, e nesse percurso tudo pode acontecer. O que se pode afirmar, no presente — e pesquisas realizadas também em outros países atestam isso —, é que o livro de papel e tinta ainda vai demorar muito por aqui. Boa política, portanto, é procurar ler o maior número possível de títulos, sejam eles impressos ou digitais, sem ligar muito para essa discussão.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Triste memória de um primeiro de abril

Acordei cedo naquele primeiro de abril de 1964, como em qualquer outro dia. Preparava-me para ir ao colégio quando percebi meu pai, à porta de casa, em conversa séria com nosso vizinho, o radialista Gilberto Patrício. Havia algo diferente no ar, um silêncio pesado, uma tensão que eu ainda não sabia nomear.

Foi então que ouvi: durante a madrugada, os militares haviam depositado o presidente João Goulart. Um novo governo nascia à força. O país, sem saber, começava a perder a própria voz. Por um instante, quis acreditar que fosse mentira, uma dessas brincadeiras cruéis do dia primeiro de abril. Mas não era. A notícia carregava um peso real, irreversível. Sem percebermos, dávamos os primeiros passos rumo a um dos períodos mais sombrios da nossa história.

Naquele tempo, eu não compreendia a gravidade do que acontecia. Ao meu redor, muitos adultos comentavam com aparente alívio. Falava-se em ameaça comunista, em desordem, em necessidade de intervenção. Acreditavam estar defendendo o país.

Hoje entendo: era o medo falando mais alto, alimentado por discursos e interesses que poucos conseguiam enxergar com clareza.

O que veio depois desfez qualquer ilusão. A esperança deu lugar ao silêncio. A liberdade, à vigilância. O medo passou a habitar as casas, as ruas, os olhares. Pessoas foram perseguidas, caladas, presas. Algumas desapareceram. Outras jamais voltaram a ser as mesmas. O país, ferido, aprendeu a conviver com a dor e com a ausência.

Lembro-me de acompanhar tudo ainda como espectador, tentando compreender um mundo que se tornava, a cada dia, mais duro e mais injusto. Muitos, influenciados pela opinião de boa parte da mídia brasileira, acreditaram que aquilo fosse necessário. Mas o tem-

po revelou a verdade: fomos enganados. A promessa de ordem escondia a perda da dignidade. O discurso de proteção encobria a violência.

Hoje, ao olhar para trás, percebo a ironia amarga da data. Não poderia haver dia mais simbólico para o início de tamanha ruptura do que o dia da mentira. Mudaram-no nos registros oficiais, chamaram-no de revolução, tentaram reescrever a história. Mas a memória resiste. E ela não mente.

Fica, então, a lembrança, dolorosa, mas necessária. Que ela nos sirva de alerta. Que jamais esqueçamos o preço que se paga quando a verdade é sufocada, quando o medo substitui a consciência, quando a liberdade é entregue em nome de promessas vazias.

Triste memória. Que nunca mais sejamos conduzidos por mentiras. Que nunca mais nos roubem a democracia. Que nunca mais nos calem.

Foto Legenda

Evandro Pereira



Esquinas históricas

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A janela de Ivonaldo

Com o passar do tempo, a gente vai se recolhendo, sumindo dos lugares onde foram sedimentadas as melhores afeições, sem distinção das pessoas ou do lugar em si. Também a vida desses lugares dependia da nossa. Onde está o Cabo Branco dos meus antigos intervalos de redação, a dois passos do antigo jornal da Duque de Caxias? Dos meus dedos de prosa com Dr. Celso Mariz, com Rubin Falcão, com Mário Santa Cruz, com Luciano Wanderley, com Rivadália Pereira? O meu Cabo Branco, que era a sede central, sustentava-se desse espírito de convivência?

Já no fim desses tempos, a maioria das almas já livres das fadigas do corpo, Wellington Aguiar ainda entre nós tentava despertar meu interesse em voltar a esquentar aquelas cadeiras. “Por que não aparece? Estou lá todo fim de tarde”. Levou tempo a se convencer de que só contava com a própria companhia. Os que o rodeavam, como a própria sala em que se sentava, nada mais conservavam do ambiente e da prosa que remanesciam no seu espírito. E terminou ausentando-se, entregando-se ao convívio sempiterno dos seus livros de memória da cidade.

Onde ainda me soprava um bafejo dessas fontes de identidade e até de ternura, era da janela com formato de crônica social de Ivonaldo Correia, aberta a todas as manhãs. E de onde, vez em quando, aparecia um riso, um olhar, um retrato representativo da simpatia bem-comportada da cidade em que fui aceito e a que aderi sem inveja nem cobiça de outras ofertas mais ricas de encantos metropolitanos. Não foi pensado ou falso o meu desabafo ao pisar na escada de um avião para uma ausência de poucos dias: “Nunca subi a escada de um avião que já não fosse pensando na volta”. Está em meu livro *Notas do meu lugar*. Não é uma bela frase, mas é verdadeira, consequente de meu apego ao destino que a vida me legou. E daí para mais dentro, Campina Grande, meu Brejo de coronéis e de meninos cambados.

Otinaldo Lourenço mangava de um bom homem, um grande amigo nosso, Arquimedes Cavalcanti, jornalista, historiador versado

“

Levado por um filho e esposa, aleguei cansaço e os liberei para a Paris da sua escolha

na Revolução de 1817, que, levado a Paris pelo presidente Clóvis Bezerra, da Assembleia, não saiu do quarto de hotel. Alegou enxaqueca e, da janela mesmo, numa rua suja, se bastou por dois ou três dias inteiros.

Comigo não foi diferente: levado por um filho e esposa, aleguei cansaço e os liberei para a Paris da sua escolha; e o que vi, além do Sena em toda parte, foi o que ficava no caminho do Louvre. Vendo por cima e não foi pouco. É que ainda não havia chegado a *Minha Paris* do sociólogo e filósofo Edgard Morin, a Paris das prostitutas e fanfarrões e, sobretudo, “de suas tribulações pelos diferentes bairros da capital francesa a nos convidar a fazer parte da sua história”.

Um roteiro, um grande guia, mas agora até o Ponto de Cem Réis fica longe.

■ ■ ■ ■

A Emerson Barros de Aguiar: Demorei esses dias todos tentando agradecer a felicidade do seu artigo sobre meu modo de escrever. Martinho Moreira Franco, Luiz Crispim, Agnaldo Almeida e o Ivonaldo dos velhos tempos foram e continuam testemunhas do meu emperro em busca da expressão mais apropriada ou dessa graça raramente alcançada. Sua leitura, no seu estilo, veio me dizer que vale a pena o sacrifício.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA – PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga
GERENTE – EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

DEFORMIDADE FACIAL

HULW dobra o número de cirurgias ortognáticas

Foram 40 procedimentos realizados em um ano, contra 20 ocorridos anteriormente

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

O Hospital Universitário Lauro Wanderley da Universidade Federal da Paraíba (HULW-UFPB), em João Pessoa, dobrou o número de cirurgias ortognáticas realizadas na instituição. Foram 40 cirurgias realizadas de março de 2025 a março de 2026, sendo que, anteriormente, a média era de 20 cirurgias por ano.

Esse tipo de operação serve para corrigir deformidades do maxilar e da mandíbula, que geralmente não se encaixam corretamente, fazendo com que o paciente tenha o queixo projetado para frente, ou para trás, ou mesmo uma assimetria no rosto.

Além do prejuízo estético, a condição pode causar problemas como dificuldades de mastigação, deglutição, respiração e problemas na fala. Foi o que explicou o cirurgião-dentista especializado em cirurgia bucomaxilofacial, Davi Costa, que atua no HULW. “Os ossos da face não cresceram do jeito que eram para crescer, e essa deformidade dentofacial causa uma deformidade facial estética na maioria dos casos e causa também uma dificuldade de mastigação. A gente tem de 28 a 32 dentes, todos os dentes encostam. Tem paciente que só encosta quatro. Então, imagina como é a mastigação”, exemplificou.

“Tem a questão da fonação também, os pacientes que tem o queixo muito projetado, eles ficam com a língua para fora e não conseguem falar algumas palavras. Muitas vezes eles não têm o selamento labial por causa dessa discrepância e não conseguem dormir com a boca fechada e aí dormem com a boca aberta, respiram pela boca aberta também”, complementou Davi.

Ele ressaltou que, além dessas questões, a cirurgia tem, sim, um impacto mui-



Fotos: Evandro Pereira

Esse tipo de operação serve para corrigir deformidades do maxilar e da mandíbula



A gente tem de 28 a 32 dentes, todos os dentes encostam. Tem paciente que só encosta quatro. Então, imagina como é a mastigação

Davi Costa

to grande na estética. “Tem esse lado facial estético que não é um capricho, né? Porque não é um paciente que quer melhorar alguma coisa, deixar os lábios maiores, deixar o queixo mais bonito. É uma deformidade facial, ele sofre *bullying*, ele tem uma exclusão social e isso mexe muito com a autoestima, com o relaciona-

mento social do paciente. Tem paciente que chega aqui e nem fala, é a mãe que fala por ele. Não sorri. E, depois da cirurgia, ele conversa, interação, sorri, se sente mais confiante”.

Qualidade de vida

A professora Joana Darc Fontes de Mendonça está em processo de recuperação da cirurgia ortognática a que foi submetida no HULW. No caso dela, a intervenção foi necessária devido a um grave caso de apneia obstrutiva do sono, que fazia com que ela parasse de respirar em alguns momentos enquanto dormia.

Joana contou que se sentia constantemente cansada, mas atribuía a situação ao fato de ter fibromialgia. Uma noite, no entanto, o marido de Joana percebeu que ela estava gelada e tinha parado de respirar. Ele conseguiu acordar a esposa, que procurou, o mais rápido que conseguiu, o médico de uma unidade de saúde da família para relatar o ocorrido. Após realizar alguns testes que comprovaram a apneia obstrutiva, Joana procurou um otorrinolaringologista, que afirmou que o caso era cirúrgico e a encaminhou

ao HULW.

Antes do encaminhamento, porém, o médico fez questão de ressaltar que o caso era sério e que ela corria o risco de morrer enquanto dormia. “O médico me fez um assombro tão grande que eu não podia esperar nem dois anos. E isso me tornou assim mais ansiosa do que eu já era. Ele disse que eu só tinha dois anos e tudo em mim estava se agravando. Eu não tinha pressão alta, né? Só em 10 por 7. Estava chegando a 20 por 11, 18 por 10. E cada vez eu estava ficando mais estressada, mais exausta. Eu acordava de três em três horas, ia aumentando para duas em duas horas”, lembrou.

Atualmente, poucos dias após a cirurgia, ela se emociona ao contar que já consegue dormir e respirar melhor. “Eu estava sendo dopada de medicação e não adiantava, até falei para a psiquiatra que não iria mais tomar remédio para dormir, porque não era insônia o que eu tinha. Hoje, meu marido chega em casa, vai ver e eu estou dormindo. E eu estou aqui, linda, perfeita, um sorriso melhor, respirando bem”, afirmou.

tricional, porque vai mudar a rotina, precisa equilibrar a dieta, porque sozinho ele pode comer coisas que não completem ali a quantidade de proteína, de carboidrato, então um apoio nutricional é bastante válido. E o fonoaudiólogo para ajudar na movimentação dos lábios, para o caso de ele ficar com medo de movimentar. Então, tem esse acompanhamento para acelerar a cicatrização. E, às vezes, a gente consegue associar fono com a fisioterapia. Existe uma especialidade da fisioterapia que é especializada em bucomaxilo, e aí eles também fazem acompanhamento para diminuir o inchaço, também ajudando no controle da dor das regiões, também ajudando na abertura de boca”, explicou Davi Costa.

Eduardo
Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O último escritor

Há quem diga que a literatura acabou. Não com um estrondo, como um romance de festim, mas com um soluço, como quem desliga a televisão numa tarde de domingo. O fim não veio anunciado por críticos de preto e branco nem por editores de óculos fundo de garrafa. Veio disfarçado de sinceridade. Veio na embalagem de quem jura que está dizendo tudo, sem perceber que o “tudo” encolheu até caber dentro de um apartamento em Paris ou numa cidadezinha da Picardia.

O exercício estético, outrora um campo minado de estilo, ritmo e invenção, foi substituído pelo gesto de apontar para si mesmo e dizer: isto é verdade. E como resistir à verdade? Como argumentar contra a própria vida? Aí está a artimanha. A autoficção nos venceu não por sua beleza, mas por sua blindagem ética. Criticar o livro é, agora, duvidar da dor do autor. E quem ousaria?

Édouard Louis aparece, então, como o símbolo perfeito dessa decadência. Não porque escreva mal — escreve com clareza, com fôlego, com uma urgência que, por vezes, roça o literário — mas porque sua obra inteira se converteu num espelho retrovisor apontado para o próprio rosto. Da violência paterna à ascensão social, da homofobia sofrida à conquista dos salões parisienses, tudo é matéria-prima, tudo é documento, tudo é ele. O mundo, nessa operação, torna-se cenário. A política vira pano de fundo. A literatura, enfim, deixa de ser um território de descoberta para virar um longo e exaustivo luto de si.

Não se engane: a dor de Louis é legítima, e sua trajetória, impressionante. Mas o que fazer quando a legítima dor de um se multiplica em dezenas de livros, em centenas de entrevistas, em um sistema inteiro que consagra o autor no lugar da obra? O que acontece com a literatura quando o escritor se torna o personagem principal, o narrador, o crítico, o leitor ideal e o próprio monumento?

O exercício estético — esse trabalho anônimo e brutal de construir frases que sobrevivam ao tempo, que não dependam do escândalo biográfico para se sustentar — foi trocado por um pacto de comoção. Não se pergunta mais “isto está bem escrito?”. Pergunta-se “isto é corajoso?”. E a coragem, convenhamos, virou matéria-prima barata: qualquer um pode ter uma história dura. Nem todo mundo pode transformá-la em arte.

O problema não é Édouard Louis. O problema é que ele é a ponta visível de um movimento que transformou a literatura em uma vasta sessão de terapia coletiva, em que o critério de valor é a exposição da ferida e o estilo é tratado como capricho menor. Ele não criou essa engrenagem; apenas a calibrou com uma inteligência formidável. Entrou pelo portão da sociologia, passou pela imprensa de prestígio e fincou bandeira no território que antes era ocupado pela ficção.

Há, claro, quem ainda escreva como se a literatura fosse uma questão de linguagem, e não apenas de testemunho. Mas esses estão emudecendo, empurrados para as bordas, enquanto o centro da cena é ocupado por sujeitos que escrevem como quem entrega um dossiê. O leitor, acostumado à verdade, já estranha o artifício. A frase bem talhada soa, agora, suspeita. A metáfora, um luxo. O ritmo, um exibicionismo.

E assim caminhamos: lendo livros que nos informam sobre a vida de seus autores, mas que raramente nos arrancam para fora de nós mesmos. A literatura, que deveria ser um salto no escuro, virou um mergulho no próprio umbigo. E, quando todos os umbigos estiverem esgotados, quando a dor de ser pobre, gay, nordestino ou órfão já tiver rendido todos os seus capítulos, o que restará?

Restará o silêncio. Ou, quem sabe, a volta à forma. Porque o exercício estético é teimoso: ele sobrevive ao que se pretende sua necrópole. A literatura já morreu muitas vezes. Morreu com Flaubert, com os surrealistas, com o *nouveau roman*, com a *internet*. Cada vez, renasceu de um deslocamento. Desta vez, talvez renasça de um cansaço. Do cansaço de ouvir a mesma voz — eloquente, sofrida, bem-educada — nos dizer, em livro após livro, que a vida é dura, que o mundo é injusto, que o autor, no fim, sobreviveu.

Sobreviveu. Mas a literatura, essa, ficou pelo caminho.

Recuperação com equipe multidisciplinar

A indicação de cirurgia ortognática geralmente é feita por um dentista ou, em alguns casos como apneia do sono, um otorrinolaringologista. Geralmente a cirurgia é realizada logo após o fim do crescimento ósseo, ou seja, em pacientes jovens, mas muitos demoram a procurar tratamento ou sequer sabem que o procedimento existe. “Se você chegar na população e perguntar o que é a cirurgia bariátrica, eu acho que quase todo mundo já vai ter ouvido falar, mas, às vezes, eu pergunto numa sala de aula de dentista, no primeiro período e mais da metade nunca ouviu falar”, comparou o cirurgião-dentista Davi Costa.

Ele explicou que a cirurgia é feita sob anestesia geral e dura de três a quatro

horas. Durante esse período, os ossos do paciente são serrados e a mandíbula é posicionada da forma correta, seguindo uma simulação que é realizada previamente em computador com todas as medidas do rosto do paciente, e um molde-guia que é impresso com o auxílio de uma impressora 3D. Os cortes são feitos apenas dentro da boca, não havendo, portanto, cicatrizes externas.

Davi Costa ressaltou que existe um certo “terrorismo” em relação ao pós-operatório que, segundo ele, não se justifica. “Existe um estigma, um mito de ser um pós-operatório horrível. Mas vamos tentar desmistificar. O paciente fica inchado depois da cirurgia, usa elásticos nos dentes, igual a es-

ses que usam em aparelho, que a maioria dos dentistas usa, e fica mais ou menos uma semana comendo comidas líquidas e pastosas. Basicamente só engolindo. Depois de uma semana, ele já está liberado para mastigar alimentos macios, como ovo, cuscuz, macarrão com carne moída, etc. Ele só vai passar de 30 a 45 dias sem poder mastigar alimentos duros, como bife, maçã, pão francês. Mas ele consegue comer quase tudo e ter uma vida normal”, detalhou o cirurgião.

Durante a recuperação, o paciente é acompanhado por uma equipe multidisciplinar que pode envolver nutricionista, fonoaudiólogo e fisioterapeuta. “Idealmente, o paciente precisa de um acompanhamento nu-

Foto: Roberto Guedes



Izadora Xavier

Professora de Relações Internacionais da UEPB

“Um país mais forte se envolver no assunto de um país mais fraco não tem justificativa”

Em entrevista ao jornal *A União*, mestra em *Política Internacional* fala sobre as consequências da guerra entre *EUA/Israel* e *Irã*

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Um ataque coordenado entre Estados Unidos e Israel, no último dia 28 de fevereiro, deu início a um conflito que já envolveu outros países, como o Líbano, matou mais de três mil pessoas na região e vem mexendo com o preço do petróleo, já que o Estreito de Ormuz, por onde passam 20% do abastecimento de petróleo do mundo, foi fechado. A reportagem de **A União** conversou com Izadora Xavier, doutora em Sociologia e mestra em Política Internacional, que atua como professora do curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), para entender melhor as origens e consequências dessa situação para o Brasil e o mundo.

Entrevista

■ *Nós temos três grandes conflitos em andamento atualmente: Rússia x Ucrânia, Israel x Palestina e, mais recentemente, Estados Unidos x Irã. Podemos considerar que eles se relacionam de alguma forma? Há semelhanças entre eles?*

Eu tenho um pouco de dificuldade de chamar todos eles de conflito, exatamente porque isso dá a tendência da gente achar que tem duas forças iguais e opostas em combate. E isso não acontece em nenhum desses casos. Eu acho que a gente tem um imaginário da guerra que é a guerra entre duas potências, digamos assim, ou dois países de igual posição em conflito por um território ou alguma coisa assim. No caso da Ucrânia, o que a gente tem é uma invasão da Rússia no território ucraniano, que obviamente envolve algumas questões a respeito de minorias étnicas russas na Ucrânia, mas também envolve uma longa história de imperialismo russo e soviético na região. No caso de Israel e Palestina, nós tampouco temos essa guerra do imaginário. O que a gente tem é também uma lógica de colonização do território palestino pelo Estado de Israel há já bastante tempo, entre 70 e 80 anos, e o que a gente tem é um genocídio amplamente denunciado pela comunidade internacional. No último caso, que é o Irã, a gente tem algo que eu assemelharia mais à Venezuela, ao sequestro do Maduro [Nicolás Maduro, presidente deposto da Venezuela e preso pelos Estados Unidos] e a invasão da Venezuela. O que a gente tem é, de fato, os Estados Unidos atacando esses dois espaços e desestabilizando regimes. Então eu acho que são, na verdade, coisas diferentes. Talvez o que eu diria que eles têm em comum é que são conflitos, mas são, sobretudo, avanços imperiais ou coloniais.

■ *O que justifica o conflito no Irã? Quais os motivos alegados pelos Estados Unidos e o quanto eles correspondem à realidade?*

Para mim não há justificativa para uma guerra imperial. Um país mais forte se envolver no assunto de um país mais fraco não tem justificativa. Mas isso, de fato, é uma posição política, porque a gente vê que acontece com muita frequência. A primeira justificativa: os Estados Unidos declaram que é uma questão de mudança de regime. O Irã é um país autoritário. O povo iraniano tem se revoltado contra o próprio governo há alguns anos, inclusive as mulheres. O movimento de mulheres iraniano, as minorias étnicas, como os curdos, há anos querem mais espa-

ço em uma mudança política no Irã. Os Estados Unidos estão manipulando isso, dizendo que a intervenção segue uma mudança de regime. É isso o que disseram expressamente o próprio Rubio [Marco Rubio, o chefe da diplomacia nos Estados Unidos] e o Trump. Aí tem o que os analistas de política internacional dizem que é a verdadeira razão, que a gente sabe que os Estados Unidos, em geral, quando se envolvem em ações de mudança de regime... tem a ver com o petróleo. O Irã é um país rico em petróleo. Tem a ver com o petróleo, tem a ver com o opor a China, uma tentativa de opor o fornecimento de petróleo que o Irã faz para a China, que seria o grande inimigo geopolítico dos Estados Unidos. E existe outro ponto que levantam com frequência, que é o fato de que Israel e Irã também são opositores estratégicos e que Israel está numa escalada militarista na região. Uma das análises diz exatamente que o partido de extrema direita que agora está no poder em Israel tem laços muito próximos com a família do Donald Trump e com o regime americano. E eu acho que o quarto ponto — que se fala pouco, mas que eu acho que é muito importante e que talvez conecte todas essas situações — é o fato de que o Trump parece agir com a força porque ele pode, porque ele tem uma. E eu digo que isso conecta outros, porque a gente está falando de um regime, a gente está falando do regime iraniano também, dos aiatolás, do Putin, do Netanyahu, do Trump, que são todos esses homens que dominam pela força, que acham que é o lugar deles dominar se eles podem, e que eles não precisam de mais justificativa do que isso, do que alimentar o ego deles, que gosta de armas e de poder e de bombardear os outros, se eles puderem bombardear, e dominar os outros, se eles puderem dominar. Então eu acho que é importante também pensar na masculinidade desses líderes e a relação muito íntima que eles fazem entre masculinidade, dominação e armas. Eu acho que é um elemento muito importante. Inclusive, outro ponto também a mencionar é que o Trump fez isso logo depois da discussão e da abertura dos arquivos do Jeffrey Epstein, na qual ele está muito envolvido, e que a opinião pública americana está extremamente descontente, revoltada, e bombardear outro país é um jeito fácil de mudar a discussão. Fácil para ele, né? Muito difícil para quem está sendo bombardeado, claro. Uma cortina de fumaça. Eu sempre tenho um pouco de dificuldade com esse argu-

mento da cortina de fumaça, porque eu não acho que é tanto uma cortina de fumaça quanto é uma atitude política. [Trump] quer dizer: “Eu não vou discutir esse tema, porque eu não acho que discutir o tema da minha conexão com redes internacionais de tráfico de mulheres é um tema político importante, e isso aqui é uma coisa política importante”, que é exatamente bombardear escolas de mulheres e desestabilizar um regime de um jeito que não tem nenhum compromisso real com, por exemplo, os grupos internos, como as mulheres iranianas que estão querendo modificar a situação delas. Então acho que não é tão cortina de fumaça quanto é conveniente, porque conecta essas duas dimensões perfeitamente. “Essa discussão sobre como a nossa estrutura política é baseada em dominar e oprimir as mulheres não é importante; o que é importante é bomba, é eu ser forte e a gente dominar os outros”.

■ *Uma das justificativas ventiladas por ele é que o Irã teria bomba nuclear.*

Essa é uma discussão muito antiga sobre o Irã ter bomba nuclear. O Trump, por outro lado, não inventou isso. Na época do Bush, na invasão do Iraque, os Estados Unidos já usavam essa desculpa para atacar e invadir o país. O que é sempre irônico, porque a gente sabe que os Estados Unidos têm bomba nuclear. Então essa coisa do Irã já entrou em negociações várias vezes, o Brasil já foi mediador desse processo, não há nenhuma evidência de que o Irã tenha bomba nuclear e, além do mais, eu acho que o Trump diz um dia uma coisa, outro dia outra, porque ele também não está lá tão preocupado assim em justificar. Eu acho que ele está mais preocupado exatamente em mostrar que o que ele quer ele faz, e não vai ter ninguém para dizer que ele não vai fazer o que quer. O Donald Trump é um *bully*. Ele pressiona, ele não negocia e, se você é mais fraco do que ele, ele vai usar a força dele para humilhar você. A grande questão é que o regime iraniano é um *bully* também. Ele obviamente é mais fraco do que os Estados Unidos e ele é um *bully* de outro tipo. Eles não são amigos, eles não se gostam. Por outro lado, eles falam a mesma língua, que é essa língua da dominação, da humilhação. E a questão também é que o Irã não é Cuba, que é um país muito menor, ou mesmo os territórios palestinos, que nem Estado são. Irã é um país organizado e tem força suficiente para causar um estrago de volta, que é o que ele está fazendo nos aliados americanos na região, que é essa lógica geopolítica desses homens poderosos com suas armas. Eles vão causar destruição. E a grande questão é que o regime do Irã tão pouco tem interesse em se mostrar fraco ou indefeso. Então é por isso que todo mundo tem esse sentimento de tensão. Porque a gente está nas mãos desses grupos de homens que estão sempre dobrando a aposta, que é tipo aquele jogo em que os dois carros vão na direção um do outro e a gente vê quem vai sair do meio primeiro. A gente está nessa situação. O regime não tem interesse de cair, o regime tem interesse que os Estados Unidos pressionem, porque isso permite e eles sufocar, na

verdade, a dissensão interna e tentar aumentar um discurso nacionalista que diz: “Os Estados Unidos estão atacando a gente. Eu sou a sua única proteção contra um caos do tipo Venezuela. Então vocês têm que se juntar a mim”. Eu acho que, nessa história, o que se fala pouco é do povo iraniano, que eu acho que é o foco, que está exatamente preso entre esses diferentes *bullies* aí brigando por dominância.

■ *E não tem final feliz aí?*

Eu não sou tão pessimista, porque é a coisa do Gramsci [pensador italiano], que é o pessimismo da análise e o otimismo da ação, e que eu acho que isso é importante para a gente pensar o nosso contexto local também. Na verdade, existe muita resistência do povo iraniano, dos curdos, das mulheres. A minha posição a respeito é que o foco dessas discussões deveria ser exatamente esses movimentos de massa, o povo, essas soluções que buscam verdadeiramente uma emancipação. Porque é verdade que acho que, na própria mídia, tem um pouco essa fascinação por essa briga entre esses homens fortes, com as armas deles, e talvez tem histórias um pouco menos fascinantes — quer dizer, que eu acho mais fascinantes —, porque não são grandes histórias heróicas, de glória, de arma, mas são histórias de povos que resistem e que têm verdadeiras alternativas. Não é ser dominado pelos Estados Unidos ou por um governo de extrema direita autoritário do seu próprio país. Eu acho que o grande perigo desse momento na política nacional é a gente achar que só tem essas duas escolhas: ou autoritários estrangeiros ou autoritários internos. E eu acho que existe a possibilidade da gente construir outra resposta. Mas é uma época bastante dura que a gente está vivendo, sim.

■ *Há possibilidade de outros países se envolverem? Quais?*

Já tem bastante gente envolvida. Os Emirados Árabes Unidos já foram bombardeados, Dubai, né? Foi a resposta do Irã. Israel... Líbano está sendo bombardeado. Eu acho que, se a gente considerar que tudo isso tem a ver também com essa política do Trump de “eu vou onde eu quero e ninguém vai me dizer não”, isso vai ter consequências. O caso do Maduro vai ter consequências de médio e longo prazo importantes para nossa região. A gente parou de falar disso porque ele começou a bombardear outro canto e a gente não está vendo mais, mas o fato é que ele tirou o governo do poder do nosso lado e desestabilizou um Estado que certamente estava sob um governo autoritário. E a mudança de regime não foi feita com nenhuma preocupação a respeito de quem estava na Venezuela sofrendo porque o regime era ou não era autoritário. A mudança de regime se fez, simplesmente, para controlar o petróleo venezuelano. Na verdade, você cria um enorme vácuo de poder que não melhora a situação das pessoas na Venezuela e a desestabilização que isso provoca, o impacto que isso vai ter pra gente, ainda está a ser determinado.

■ *Ele está numa mesma movimentação a respeito de Cuba, não é?*

É, e eu acho que é importante a gente pensar nisso, porque a gente tem eleições esse ano e é um momento de pautar quais são os candidatos que têm alguma perspectiva a respeito disso que não seja simplesmente “os Estados Unidos dominarem o Brasil seria ótimo”. E que tenham uma verdadeira alternativa que não seja a ideia de que a gente vai então se aliar com outros imperialistas que não sejam os Estados Unidos, a gente vai se aliar com outros grupos que tampouco têm interesse na justiça, na igualdade racial, na igualdade de gênero para poder se defender dos Estados Unidos. Uma alternativa que seja reforçar a nossa capacidade de autodeterminação.

■ *Quais consequências esse conflito pode trazer para o Brasil? O desabastecimento de petróleo é uma possibilidade?*

Eu realmente não sou especialista de petróleo. O que eu entendi é que o Brasil não é tão dependente de petróleo estrangeiro. O Brasil é um país — quer dizer era — mais soberano em relação ao petróleo. Alguns governos anteriores diminuíram essa nossa soberania, que é por isso que é importante falar de política internacional, porque, quando vendem o controle, por exemplo, de um campo de petróleo para estrangeiros, quando se critica aquilo, é por causa de momentos como esse. Pelo que eu entendi, o governo está tomando precaução para a gente aumentar essa autonomia. A gente tem diversas fontes de energia. Inclusive, o Nordeste é essencial nisso, porque a gente produz álcool e biomassa, então está aí a importância da Paraíba na geopolítica global. Se isso, no entanto, parar redes globais de produção de coisas que a gente não produz aqui, aí pode ter efeito.

■ *Quanto tempo esse conflito pode durar?*

A questão já volta para o que é exatamente o conflito. Porque bombardear os Estados Unidos já pararam. A ameaça do bombardeio ainda continua. A resposta do Irã também fica dependendo disso. A questão é a que tipo de estabilidade ou acordo os Estados Unidos e Irã podem chegar. Eu também não sou especialista nisso, eu não consigo te dizer. O que eu posso dizer é que está muito claro que a política externa dos Estados Unidos agora é: eles bombardeiam quem eles quiserem na hora que eles quiserem. Então, até a presidência do Trump acabar, e dependendo de quem venha depois, é sob essa ameaça que nós vivemos. Não dá para saber. E outra coisa é que, ainda que o regime atual dos Estados Unidos e o regime atual do Irã consigam chegar num acordo, é como um empate. Não é uma estabilidade. A gente poderia ter isso amanhã e as pessoas no Irã estariam vivendo ainda sob um regime autoritário. Como, na verdade, as pessoas nos Estados Unidos estão vivendo nesse momento sob um regime fascista, autoritário. Então eu devo dizer que estabilidade a gente não tem nesse momento e os termos de uma estabilidade para a gente no futuro, eu acho que a gente está em disputa política por ela.

EDUCAÇÃO ESPECIAL

Cresce número de alunos com TEA

Com a elevação constante na quantidade de estudantes autistas, escola e profissionais precisam preparar-se

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

A presença de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) é cada vez mais comum em escolas públicas e privadas em consonância com o crescimento dos diagnósticos da condição. Nesse contexto, o preparo dos profissionais e do ambiente escolar é fundamental, tanto para a inclusão dessas crianças quanto para lhes garantir, o direito à educação, assegurado pela Constituição Federal.

De acordo com a Secretaria de Estado da Educação, atualmente há 1.661 estudantes com laudos de TEA nas escolas da rede estadual paraibana. É importante destacar que a Educação Infantil e o Ensino Fundamental são de responsabilidade dos municípios e, por isso, a tendência é de números maiores quando acrescentadas essas outras etapas da Educação Básica.

“Atualmente, observa-se um crescimento exponencial do número de estudantes com necessidades específicas atendidos tanto em escolas públicas quanto privadas. Diante desse cenário, torna-se essencial que haja formação continuada dos profissionais envolvidos no processo educacional. Além disso, é necessária a construção coletiva, não apenas do Plano Educacional Indi-



Acesso ao espaço escolar busca não apenas aprendizado formal, mas qualidade de vida e integração entre sujeitos diversos

vidualizado (PEI), mas também de um diálogo constante entre família, escola e profissionais responsáveis pelas terapias adequadas”, afirmou a neuropsicopedagoga Patricia Vasconcelos.

Para a especialista, um dos maiores desafios para a inclusão dos neurodivergentes é, justamente, a falta de co-

nhecimento sobre o tema. “O transtorno do espectro autista representa um universo plural e, ao mesmo tempo, singular. Embora existam características comuns entre as pessoas dentro do espectro, é fundamental reconhecer que cada indivíduo possui suas próprias particularidades e sua própria personalidade.

Dessa forma, as estratégias de ensino e as abordagens pedagógicas precisam ser individualizadas, considerando as necessidades e potencialidades de cada estudante. Para que a inclusão aconteça de forma efetiva nos espaços acadêmicos e sociais, é fundamental considerar diferentes dimensões da acessibilidade,

como a programática, atitudinal, metodológica, instrumental, comunicacional e digital”, avaliou.

Além da educação formal, Patrícia destacou a importância das terapias como ferramentas essenciais para o desenvolvimento e estímulo de habilidades. Segundo ela, esses acompanhamentos po-

dem trabalhar aspectos como atenção, concentração e redução da rigidez cognitiva, além de incluir modelos vocais, quando necessário.

As intervenções também contribuem para o desenvolvimento de habilidades motoras e para o alinhamento emocional, favorecendo a autorregulação por meio do controle de impulsos. Entre os ganhos, estão ainda a capacidade de lidar com frustrações, esperar a própria vez e manter o foco nas atividades, entre outros aspectos importantes para o desenvolvimento global. “A comunicação e parceria entre terapias adequadas, escola e família é de profunda importância, para que as crianças se desenvolvam não tão somente saudáveis, mas, também felizes”, esclareceu.

Carência de cuidadores dificulta o acesso de crianças neurodivergentes

A presidente da Associação Integrada de Mães de Autistas (A-ima), Elaine Araújo — que também é psicóloga e mãe atípica — relatou que as dificuldades enfrentadas pelas famílias começam já no processo de matrícula escolar. Segundo ela, embora haja vagas disponíveis, a situação muda quando se informa que a criança é autista. “Quando matriculamos, pessoas da escola dizem que avisarão quando conseguirem um cuidador, que muitas vezes não chega. As aulas começam e a criança não pode estudar por falta desse profissional”, afirmou. Elaine também destacou que, mesmo quando há cuidadores, nem sempre eles estão devidamente preparados para atender às necessidades das crianças, o que compromete o processo de inclusão escolar, ressaltando que o problema existe tanto em escolas públicas quanto privadas.

“Muitas mães chegam para mim, até de outros estados, e perguntam: ‘Vocês podem indicar alguma escola que seja inclusiva?’. Eu sempre digo que não consigo indicar nenhum tipo de escola, pois vemos, constantemente, a falta de capacitação dos profissionais. Essa falta de habilidade e conhecimento abarca

diversos profissionais que compõem o ambiente escolar, porque o autismo é diverso, não existe só um tipo de autista. Percebemos essa dificuldade, no entanto essa capacitação é necessária e precisa ser feita”, comentou.

O gerente comercial José Walter da Silva, pai de uma criança com autismo, cujo grau de suporte é três, contou que o início da vida escolar do filho foi muito difícil. “Nada é fácil para quem tem um filho autista. A escola não recebe de braços abertos, são poucas que aceitam. Primeiro, eu botei ele em uma instituição particular, nela eu via que meu filho era rejeitado, porque percebemos quando um professor tem um carinho, tem um cuidado e quando não tem”, comentou.

Diante disso, José Walter decidiu trocar o filho de escola e apostar em uma instituição pública, Centro de Referência em Inovação da Aprendizagem (Cria) Capitulina Sátiro — escola estadual de Ensino Fundamental localizada no bairro João Agripino, em João Pessoa. “No começo foi difícil, porque não tinha cuidador. Eu deixava ele na escola, quando chegava em casa e estava tomando café para ir trabalhar, então a direção da escola ligava:

‘venha buscar o Luis Vitor que ele está descontrolado’”, lembrou.

A situação melhorou depois que a escola conseguiu, junto à Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad), um cuidador para acompanhar o menino durante o período escolar e, graças a Deus, ele desenvolveu bastante, aprendendo a ler de forma mais fluida. Ele estuda nessa escola até hoje”, contou.

O gerente comercial destacou, ainda, a importância de a família e a escola trabalharem juntos. “A gente não pode dizer que foi fácil, tudo tem que ter uma equipe, um conjunto. Meu filho sempre conversava comigo e eu com ele, com a professora, com o cuidador e com a diretora. O Luis Vitor costuma ter uns ‘de repente’, não é fácil ter uma criança autista, pois não sabemos quando ele está bem e quando não está. Com a ajuda de todos, hoje, conseguimos ter um cuidado melhor. Eu posso deixar ele na escola e fico tranquilo que ele vai ficar” disse. O filho de José Walter estuda na mesma escola há cinco anos, onde permanece durante um turno. O outro é reservado para que Luis Vitor possa fazer suas terapias.

Inclusão também esbarra em falhas no processo de formação docente

A diretora da Cria Capitulina Sátiro, Tatiene Valentim, destacou que as instituições de Ensino Superior não formam professores preparados para lidar com crianças no espectro. Por isso, ela está sempre investindo em cursos e capacitações para si mesma e para os funcionários da escola, que atualmente tem 26 alunos com laudos médicos, sendo 12 deles de TEA.

Muitos desses cursos são ofertados pela Funad. Dados da instituição apontam que, no ano passado, 2.171 certificados de participação em cursos e eventos formativos foram emitidos e 3.294 profissionais participaram de formações com foco em todos os estudantes que compõem o público-alvo da Educação Especial — aqueles com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades/superdotação.

A coordenadora da Assessoria de Educação Especial da Funad, Samiri Mendes, contou que tem recebido demandas das escolas referentes à capacitação dos profissionais da equipe pedagógica. “Atualmente, a maior demanda concentra-se em formações voltadas à inclusão do estudante autista no contexto escolar, especialmente no

que se refere à realização de adaptações pedagógicas, organização de práticas inclusivas e manejo de situações de crise no ambiente escolar”, afirmou.

Tatiene Valentim informou que uma das maiores dificuldades, hoje, é garantir a presença de cuidadores para as crianças que precisam, pois o processo de solicitação é burocrático e um pouco lento. De acordo com a Secretaria de Estado da Educação,



Atualmente, a maior demanda concentra-se, especialmente, no que se refere à realização de adaptações pedagógicas

Tatiene Valentim

atualmente a rede estadual conta com 107 cuidadores e 62 mediadores. Enquanto os mediadores auxiliam o aluno na compreensão das atividades escolares e o estimulam a desenvolver autonomia, os cuidadores oferecem um suporte mais amplo, auxiliando em tarefas como se alimentar e usar o banheiro, por exemplo, no caso das crianças que não conseguem fazer isso sozinhas. Ela ressaltou, porém, que nem todas as crianças com TEA precisam dessa assistência. As que estão no grau de suporte um, por exemplo, costumam se comportar de forma mais independente.

Outra questão para a qual a diretora chama atenção diz respeito ao fato de que muitas crianças autistas sofrerem preconceitos, chegando à escola com traumas relacionados a isso. Tatiene, inclusive, citou o caso de um estudante que teve uma crise de ansiedade quando foi orientado a usar o cordão de quebra-cabeça colorido, que indica autismo, em um passeio fora da escola. Posteriormente, a mãe da criança explicou que ele sofreu bullying enquanto usava o cordão e acabou associando o episódio ao acessório.

Pedagogia
Intervenções
adequadas estimulam habilidades como atenção e autocontrole, e favorecem a autonomia e o convívio social

AMOR E SEXO

Geração X está no topo, diz pesquisa

Estudo revela que pessoas de 45 a 60 anos têm mais segurança, autoconhecimento e qualidade nos relacionamentos

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Nascidas de 1965 a 1980, as pessoas que compõem a geração X são, atualmente, as mais satisfeitas com a vida amorosa e sexual no Brasil. Resultados da pesquisa *Love life satisfaction 2026*, desenvolvida pela Ipsos, mostram satisfação de 67%, entre aqueles com idades de 45 a 60 anos, nos relacionamentos e experiências afetivas. Para a psicóloga e sexóloga Roselaine Londero Mossatti, as pessoas nessa faixa etária estão mais seguras em suas escolhas, e “se permitem mais, tendo maior autoconhecimento e clareza do que querem para si e em seus relacionamentos — ou estão em busca desse autoconhecimento”.

O estudo informou, ainda, que entre os *millennials* — nascidos de 1981 a 1996 — o percentual foi de 61%; já os representantes da geração Z — de 1997 a 2010 — atingiram 57%.

Por meio da pesquisa, pode-se concluir, portanto, que aqueles que vivem a maturidade estão mais confortáveis no amor e na sexualidade. Roselaine relata mediante sua experiência que “na prática clínica, o que vejo são pessoas que não querem mais sofrer nem perder tempo com o que não lhes faz bem e que priorizam seu prazer e bem-estar, o que inclui a saúde física, emocional, mental e sexual”.

Subdelegada estadual da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (Sbrash), a psicóloga pontua que, atualmente, as pessoas que têm de 45 a 60 anos são ativas, se cuidam e querem viver a sexualidade de forma plena. É uma nova forma de se relacionar com o corpo e a mente: o sexo já não é mais como aos 20 anos ou o no início do relacionamento, mas há uma busca maior pelo prazer e como expressar isso.

Maturidade e segurança são elementos importantes nessa equação, influenciando vivências mais satisfatórias nos relacionamentos e na intimidade. Contudo, para além da experiência acumulada, é preciso ter autoconhecimento. Isso envolve conhecer o próprio corpo e o que lhe dá prazer — não apenas sexual —, explorando e entendendo os próprios limites e com maior liberdade para ser quem é, livre de preconceitos e estereótipos.

Satisfação

Relação com o corpo e com o desejo se transforma ao longo do tempo, possibilitando maior conexão emocional e ganhando novos significados durante a maturidade

Questões de gênero e as expectativas sobre o papel da mulher nos relacionamentos também influenciam o nível de satisfação, que ainda é maior para os homens brasileiros (63%) do que entre as mulheres (55%). Por outro lado, Roselaine identifica que o comportamento e a auto-percepção das mulheres têm passado por transformações significativas.

“A menopausa já não é mais vista como o fim da linha”, a psicóloga destaca que, se antes as mulheres se calavam, nos dias atuais muitas, nessa faixa etária, permitem-se rever crenças e ir em busca do próprio prazer, descobrir seus orgasmos, reacender a libido, e até mesmo, incorporar novos repertórios sexuais nas relações.

As pessoas desse grupo etário, principalmente as mulheres, têm se mostrado, de acordo com Roselaine Mossatti, cada vez mais livres, seguras e abertas a buscar ajuda profissional especializada, se houver necessidade. “Quando as expectativas de gênero estão alinhadas ao que cada um espera da parceria, há uma maior satisfação”, avalia a subdelegada da Sbrash.

Ter clareza, transparência e conversar abertamente sobre desejos, anseios e expectativas, requer, conforme explica a psicóloga, reavaliar atitudes, crenças e tabus que permearam a construção da sexualidade e suas percepções. “É uma idade em que as pessoas passam a olhar para a vida que construíram, o que ainda querem viver e como desejam ter essas vivências. São pessoas que não renunciam a sua individualidade, conciliam a vida em família, mas também priorizam os momentos do casal”, afirma Roselaine.

Aos 57 anos, Josefa Go-



Josefa Gomes mantém um relacionamento à distância e costuma viajar duas vezes por mês para encontrar seu namorado

mes percebe-se mais confortável consigo mesma e, por consequência, mais satisfeita. “Sinto-me mais feliz, livre de receios e me reconheço, principalmente agora, como uma pessoa mais corajosa, mais bonita e confiante”, revela. Exatamente nessa fase da vida, ela encontrou um relacionamento no qual as suas necessidades são contempladas. Há um ano e quatro meses, conheceu uma pessoa pela *internet*, resolveu encontrá-la pessoalmente e, desde então, estão juntos. “Ele é do interior, então preciso ir até lá para que a gente se encontre”, conta.

Os dois decidiram viver o companheirismo com liberdade e independência. “Começamos um namoro, eu aqui e ele lá, mas eu gosto que seja assim, e me sinto satisfeita. Acho que, para namoro, relacionamentos e também para o sexo, não tem idade. O que importa é ser feliz”, afirma Josefa, opinando que, na sua experiência, as atitudes que mantêm um relacionamento satisfatório são a confiança e a compatibilidade.

Longe de ser um obstáculo, para ela o relacionamento a distância cria oportunidades de sair da mesmice, mudar de ambiente e ter novas experiências. “Adoro viajar, então a cada 15 dias eu vou até onde ele mora, passo um fim de semana, aproveito para descansar, e assim seguimos. Concordamos um com o outro e achamos melhor assim. Passei por três relacionamentos quando eu era mais jovem, mas esse que eu vivo hoje em dia é o melhor que já tive”, relata. “Agora me sinto melhor, minha intimidade e autoestima estão melhores. Sinto-me mais segura que no passado”, acrescenta Josefa.

Comunicação e estabilidade
Em média, na totalidade dos países em que a pesquisa foi conduzida, 60% dos entrevistados se dizem satisfeitos com a vida amorosa e sexual. No Brasil, o *status* civil foi fator determinante para os índices de satisfação, que entre as pessoas casadas atingiu os 83%. Já entre os solteiros, o percentual foi de 70%. “Relações duradouras e estáveis proporcionam maior segurança. A sensação

de apoio e o pertencimento contribuem para o sentimento de bem-estar”, aponta Roselaine Mossatti.

Essa realidade, de acordo com a psicóloga, perpassa um contexto relacional em que se tem uma comunicação clara, com objetivos em comum, bons vínculos emocionais, proximidade afetiva, intimidade e abertura para explorar novidades juntos, o que inclui conhecer novos lugares e ter novas experiências, bem como falar abertamente sobre sexo, desejos e fantasias. “Afim, estamos falando de pessoas com maior clareza de limites e expectativas mais realistas, que escolhem estar em relacionamentos compatíveis com seu estilo de vida, baseados no respeito e na parceria, e com padrões comunicacionais assertivos e transparentes”, conclui.

Casada há 11 anos, Sandra Galdino está vivendo, no seu segundo relacionamento, uma parceria madura e estável. O encontro do casal aconteceu quando cada um já tinha dois filhos e acumulava anos de experiências, erros e acertos. “Nos conhecemos na faculdade, apaixonamo-nos e resolvemos nos unir. Até então nossa união tem sido maravilhosa, com seus altos e baixos, é claro, mas muito satisfatória”, afirma.

Sandra viveu, durante 23 anos, uma relação abusiva e hoje, aos 50, em uma nova união experimenta um recomeço. Com o atual marido, Eduardo, foi construindo uma relação fundamentada em comunicação e cuidado. “Nosso relacionamento começou na base de uma amizade, não foi uma coisa repentina”, conta. Depois do início da trajetória a dois, eles passaram mais de um ano em preparação para começar, de fato, a viver juntos. “Então [nesse contexto], sempre conversávamos abertamente, sobre frustrações do passado e tudo que eu tinha vivido”, compartilha Sandra, defendendo que a geração X, tem a seu favor o tipo de relação estabelecida com o tempo que interfere no ritmo de vida, além de um ambiente formativo que favoreceu o surgimento de um grupo de pessoas resilientes. “Nós éramos e estamos proporcionando maior segurança. A sensação

totalmente diferente desse de hoje, onde as informações são muito mais rápidas e a expressão é muito mais espontânea e apressada. No nosso tempo, a gente tinha que saber esperar o momento para tudo”, lembra Sandra. “Depois de uma certa idade, começamos a entender e enxergar as coisas de uma forma diferente. Eu já consegui superar coisas do passado, que hoje eu não faria igual”, relata.

Um dos ganhos que o tempo trouxe, na avaliação de Sandra, foi o aumento da autoconfiança e, com isso, maior assertividade e capacidade de escolha. “Como mulher, aprendi a me impor com mais clareza: eu não quero menos do que o que eu mereço e só vou aceitar aquilo que me faz bem. Foi assim que eu adquiri, essa realização comigo mesma, de me amar, de achar que eu sou suficiente, capaz de entender o próximo e saber conviver”, afirma.

Quando o assunto é a intimidade do casal, no relacionamento de Sandra e Eduardo, além da disposição para o contato e para a descoberta contínua do outro, o diálogo e a franqueza são elementos-chave para uma vivência plena e satisfatória. “Sempre tivemos a liberdade de falar um para o outro o que era bom, o que era suficiente e o que não funcionava. Então, a gente sempre conversa, sempre estamos abertos. Temos nossos momentos a sós, saímos para namorar, curtir e sempre falamos sobre as nossas vontades. Então, realmente faz a diferença e ajuda a nossa relação a ser mais ativa sexualmente, com maturidade e satisfação”, conta Sandra.

Sexualidade e saúde

A sexualidade, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), é um conceito amplo, construído socialmente e que envolve desde a forma como as pessoas relacionam-se com o seu próprio corpo, passando pela afetividade e chegando aos relacionamentos, indo muito além do ato sexual em si. “Envolve desejos, sentimentos e interações que nos movem na busca pelo amor, pela intimidade, e pelo contato”, ressalta a psicóloga Roselaine.

Na dimensão biopsicossocial, a sexualidade é atravessada tanto por fatores biológicos e psicológicos, quanto pelos socioculturais e econômicos. Nesse contexto, falar de satisfação na vida amorosa e sexual envolve o cuidado abrangente com a saúde física e o bem-estar psíquico. “É crucial manter um estilo de vida saudável, conhecendo o próprio corpo, seus desejos e limites, e tendo a liberdade de conversar abertamente com a parceira ou parceiro sobre isso”, exemplifica a especialista.

O cuidado com a qualidade das relações e conexões íntimas começa com o fortalecimento dos vínculos emocionais. Sendo assim, se faz importante ter gestos e comportamentos afetivos, tanto na expressão interpessoal, como também na sexualidade. “É preciso saber agir com assertividade, mantendo uma comunicação aberta e explícita, e alinhar expectativas e desejos compatíveis com o momento e estilo de vida”, descreve Roselaine, destacando a importância de saber equilibrar individualidade e conjugalidade, e não ter vergonha de buscar ajuda especializada quando for necessário. “Cuidar de si e do relacionamento é um ato de amor”, finaliza.



Na prática clínica, o que vejo são pessoas que não querem mais sofrer nem perder tempo com o que não lhes faz bem

Roselaine Mossatti



Sandra e Eduardo temperam o relacionamento com afeto

SAÚDE PÓS-PANDEMIA

Ações contra planos crescem 110%

De 2020 a 2025, processos judiciais envolvendo operadoras saltaram de 613 para 1.286 no estado, conforme o CNJ

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A busca por atendimento médico tem se expandido cada vez mais até os tribunais paraibanos. Ir à Justiça virou parte do tratamento. Dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) mostram que as ações judiciais contra os planos de saúde privados, no estado, cresceram 110% de 2020 a 2025. O número saltou de 613 para 1.286 processos desde a pandemia. Apenas em janeiro deste ano, já foram registrados mais 116 novos casos.

Esse crescimento compõe um cenário mais amplo de judicialização da saúde privada, no qual pacientes precisam recorrer à Justiça para garantir o direito de acesso a cirurgias, exames, procedimentos e medicamentos e, assim, dar sequência aos seus tratamentos. Por trás desses números, existem histórias marcadas por disputas legais que se arrastam enquanto o quadro clínico dos pacientes agrava-se.

Foi isso que aconteceu com a professora universitária Manuela Eugênio Maia, de 49 anos, diagnosticada com Parkinson há 13 anos. Ela possui uma forma precoce da doença, considerada menos comum. Docente efetiva da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Manuela construiu carreira acadêmica ao mesmo tempo em que enfrentava a progressão de uma doença neurodegenerativa. Uma batalha que tem incluído também uma disputa judicial contra seu próprio plano de saúde.

Desde que recebeu o diagnóstico de Parkinson, após uma série de consultas, ela iniciou tratamento medicamentoso e adotou uma rotina de cuidados para manter a autonomia, que percebia ir diminuindo no decorrer dos anos. “Fui tendo muitos tremores e muita rigidez muscular do lado esquerdo do corpo. Eu engasgava direto, tinha insônia constante e micrografia”, relata Manuela, mencio-



Foto: Evandro Pereira/Arquivo A União

Só em janeiro deste ano, foram registrados mais 116 casos na Paraíba; números revelam disputas legais que se arrastam, enquanto quadros de pacientes se agravam

nando um dos sintomas da doença, que é a redução progressiva do tamanho da letra durante a escrita.

Mesmo com esse quadro, ela tornou-se doutora em Ciência da Informação e seguiu orientando alunos e publicando trabalhos. “Busquei fazer o que fosse possível para conseguir o doutorado, que era um sonho meu. Tento ser bastante ativa para não deixar a doença avançar mais do que já está avançando”, afirma. O problema continuou progredindo até que, em 2023, houve indicação médica para a implantação de um dispositivo conhecido como “estimulação cerebral profunda” (DBS, na sigla em inglês).

O equipamento funciona como um “marcapasso cerebral”, com eletrodos que enviam impulsos elétricos para regiões específicas do cérebro. Só isso poderia ajudar Manuela a controlar sintomas como tremo-

res e rigidez. Mas o procedimento não foi autorizado pelo plano de saúde GEAP — apesar de ser um tratamento necessário e comprovadamente eficaz, e não um procedimento novo ou experimental. Depois de encerradas tentativas administrativas para resolver o impasse, a única saída foi levar o caso à judicialização. Foi apenas com intervenção do Ministério Público da Paraíba (MPPB) que a operadora decidiu custear a cirurgia naquele ano. Mas esse não foi o fim dos transtornos nessa relação.

O episódio voltou a se repetir nos primeiros meses deste ano, quando foi necessária a substituição da bateria do aparelho eletrônico, que fica implantado na região peitoral. Esse era um momento de retorno intenso dos sintomas e das fortes dores para Manuela. O pedido de cirurgia para a troca da bateria foi formalizado

no mês passado. “No dia 6 de fevereiro, dei entrada no hospital, porque tive que fazer todos os exames necessários, como risco cirúrgico. No mesmo dia, a GEAP negou o pedido de cirurgia, dizendo que o médico não é credenciado”, conta ela. Mas, como consta nos autos, o mesmo médico já havia atendido a paciente pelo plano. Três dias depois, a própria operadora reabriu o pedido de cirurgia, mas classificou o procedimento como eletivo, estabelecendo prazo de até 21 dias para a realização.

“Eu tinha um laudo médico informando urgência e foram várias negativas e entraves até a gente recorrer novamente à Justiça”, relata. No mesmo dia, a cirurgia que constava no sistema foi cancelada pela operadora. Em 4 de março, a Justiça expediu liminar determinando a autorização e o custeio da operação, reco-

nhecendo o risco de agravamento do quadro clínico e que a troca da bateria significava apenas a continuidade de um tratamento já autorizado. A ação inclui um pedido de indenização por danos morais, que ainda será analisado.

A GEAP foi intimada a cumprir a determinação no prazo de até 15 dias, sob pena de multa diária de R\$ 1 mil, em caso de descumprimento. A decisão também previu a possibilidade do bloqueio de valores da empresa para custear diretamente o procedimento. A reportagem procurou a GEAP por telefone, WhatsApp, e-mail e por meio de sua advogada responsável em João Pessoa, mas não obteve qualquer resposta até a publicação desta matéria.

Com a decisão judicial, a cirurgia foi finalmente realizada no último dia 16, após a concessão da liminar. Ma-

nuela recebeu alta no dia seguinte e segue em recuperação, com retorno médico agendado para a avaliação do quadro clínico. “A expectativa é que, com a recuperação, eu consiga melhorar meu quadro. Acho importante expor esse lado pessoal, para que a gente evite ficar nessa cultura do silêncio”, destaca.

Luta

Acometida por Parkinson, a professora Manuela Maia teve de recorrer à Justiça duas vezes para garantir seu direito a cirurgias críticas

Acesso à informação impulsiona busca por justiça, diz promotor

Enquanto o caso de Manuela Maia ganha desfecho, os dados do CNJ apontam para um fenômeno mais amplo e profundo. Além das ações contra planos de saúde, outros tipos de demandas apresentaram crescimento expressivo na Paraíba. O fornecimento de medicamentos segue como o principal motivo de judicialização da saúde no estado. Embora tenha registrado queda de 11% em 2025, na comparação com 2020, essa ainda é a demanda mais frequente nos tribunais, à frente, inclusive, das ações contra planos de saúde, que ocupa o segundo lugar nesse ranking.

Na sequência, aparece o fornecimento de insumos, que teve o número de casos multiplicado por sete no

mesmo período, chegando a 1.158 novos processos no ano passado. Em seguida, estão as ações relacionadas a tratamento médico-hospitalar, que expressaram alta significativa de 138%, totalizando 843 casos. Para o procurador de Justiça Sócrates Agra, coordenador do Centro de Apoio Operacional do Consumidor do MPPB, o aumento da judicialização está associado a múltiplos fatores.

“Destaco a ampliação do acesso à informação por parte dos consumidores, que passaram a conhecer melhor seus direitos e a buscar o Judiciário diante de negativas indevidas”, explica. Ele também aponta práticas recorrentes das operadoras como um dos elementos que contribuem para o cenário,

como restringir coberturas — especialmente em relação a procedimentos de alto custo, tratamentos continuados e terapias mais recentes. Na prática, segundo o procurador, os pacientes enfrentam uma série de obstáculos antes de recorrer à Justiça.

“As principais dificuldades envolvem negativas indevidas de cobertura, demora excessiva na autorização de exames e cirurgias, descredenciamento de profissionais sem adequada substituição, além de entraves burocráticos que acabam por agravar o quadro de saúde do usuário”, cita Sócrates. O Ministério Público tem identificado, ainda, falhas recorrentes, como justificativas genéricas para a recusa de tratamentos e a ausência de informa-

ções claras ao consumidor.

Em alguns casos, há, inclusive, o descumprimento de decisões judiciais. Para o procurador, a redução da judicialização passa por mudanças estruturais no setor. “São fundamentais o aprimoramento da regulação, maior transparência por parte das operadoras e o cumprimento rigoroso das normas da Agência Nacional de Saúde Suplementar [ANS]", indica Agra. “Nesses casos, é comum a condenação ao cumprimento de custear o tratamento, além do pagamento de indenizações por danos morais e materiais aos consumidores prejudicados. Também podem ser aplicadas multas diárias, em caso de descumprimento de decisões judiciais”.

Mesmo que essas conde-

nações sejam recorrentes, para Manuela Maia, os planos de saúde seguem com a estratégia de negar os tratamentos e forçar os pacientes a dividir seus recursos e tempo vital nos tribunais de Justiça. Consciente das dificuldades que conseguiu superar, ela agora oferece ajuda para casos semelhantes.

“Tive que fazer uma campanha nas redes sociais para impactar a GEAP e para alertar as pessoas com relação às condições de saúde. É importante que elas saibam os procedimentos que vão adotar. Eu me coloco à disposição para ajudar aquelas que precisarem de orientação. Não de orientações jurídicas, porque não sou advogada, mas sobre os procedimentos que adotei para conseguir a liminar”, conclui.



Foto: Arquivo pessoal

As principais dificuldades incluem negativas indevidas de cobertura e demora em autorizações

PESCA ESPORTIVA

Prática reúne adeptos no rio e no mar

Do Litoral ao interior do estado, atividade movimenta o turismo local e atrai até visitantes estrangeiros

Robalo, cioba, tilápia, cavala branca e xaréu estão entre as espécies de peixes encontradas na Paraíba. Impulsão pela diversidade da fauna e das belezas naturais, o estado tem ganhado destaque entre os adeptos da pesca esportiva. A prática, que vai do rio ao mar aberto, reúne esportistas, empreendedores e turistas em torno da experiência de contato com a natureza.

Alguns locais específicos destacam-se como polos locais da atividade. No Litoral, a foz do Rio Paraíba, entre Cabedelo e Lucena, concentra pescarias de espécies como camurupim (*tarpon*, como é conhecido em inglês), robalo e tilápia. Já no interior, o Açude Epitácio Pessoa — popularmente conhecido como “Boqueirão” —, maior reservatório de água do estado, chama atenção pela variedade de espécies, como tilápia, traíra e tucunaré. O Açude de Coremas também oferece uma estrutura que permite aos pescadores aproveitar o espaço com suas famílias.

A oferta diversificada de ambientes ajuda a explicar o crescimento desse tipo de prática. “Eu pesco em Baía da Traição, João Pessoa, e na Praia de Jacumã [em Conde]. São destinos onde vamos de 30 km a 40 km mar adentro, na beira do talude continental — uma área de grande concentração de vida marinha”, explica Gustavo Adelino, praticante da pesca oceânica. Também adeptos da pesca em alto-mar, o casal paulista Carlos Matzner, de 68

anos, e Clotilde Matzner, de 71, navega cerca de 30 km da costa para praticar a atividade em locais onde a profundidade ultrapassa os 100 m. “É um aprendizado constante. A gente evolui em técnica, equipamento e segurança”, conta Clotilde, que diz já ter fispado uma cavala de 20 kg. Ela é, de fato, a pescadora do casal; apaixonado pelo mar, Carlos aprendeu a pilotar embarcações para apoiar as atividades da esposa, tanto na navegação quanto na hora de trazer os peixes ao barco. “É pesado e trabalhoso para uma pessoa só”, pontua.

Clotilde nutre a paixão pela pesca desde criança, quando a atividade já fazia parte de sua programação familiar nos fins de semana. Chegando em João Pessoa, em 2011, ela voltou à prática na beira da praia. “Depois, pegamos nosso primeiro barco. Iamos só para o rio, mas eu quis ir um pouquinho mais para o fundo, então compramos outro barco. Aprimorei minha técnica e, hoje, pesco mar adentro”, destaca.

Demanda

A atividade também movimenta o setor turístico, com empreendedores oferecendo passeios guiados para adeptos e interessados. Romildo Júnior, que pesca há quase três décadas, passou a levar clientes para o Rio Paraíba, há cerca de 15 anos. “As pessoas começaram a perguntar como faziam para pescar comigo, e esse tipo de serviço não existia aqui. Foi uma demanda que surgiu



Para Rafael Marques, todos os praticantes devem respeitar o princípio da soltura dos animais

naturalmente”, explica.

Hoje, ele conduz sessões de pescaria, que duram cerca de seis horas, voltadas ao camurupim ou *tarpon* — peixe conhecido como de difícil captura. Segundo Romildo, o foco não está na captura em si, mas na experiência. “Nossa pescaria é 100% esportiva. Trabalhamos só com isca artificial e devolvemos todos os peixes”, garante. “O *tarpon* é uma espécie muito admirada e temos a felicidade de tê-la no Nordeste. Como é um peixe que gosta de águas quentes, mais tropicais, a incidência dele é maior na região. É uma pescaria que tem suas dificuldades, por isso ele é muito desejado”, detalha Romildo.

sempre em posição horizontal, com dois pontos de apoio, além de ter o menor contato possível das próprias mãos com o corpo do peixe e evitar exercer pressão na barriga do animal (já que ele pode estar ovado) ou na cauda (região muito irrigada). O MPA também orienta que não se deve manusear o bicho pelas guelras, pois isso pode causar sangramento, nem soltá-lo com rastros de sangue, para não fazê-lo atrair predadores. Sobre a soltura, aliás, é recomendado que se apoie o peixe com as mãos por baixo de seu corpo, para ajudá-lo a se recuperar da captura, e colocá-lo lentamente de volta na mesma área onde ele foi pego.

Qualidade de vida

Guia profissional para quem busca aprender a atividade, Rafael Marques, da Jampa Fishing, reforça que a pesca esportiva é aquela praticada por lazer, não para subsistência. Atuando no estuário do Rio Paraíba, ele tem como focos o camurupim e o robalo. “São duas espécies que atraem pescadores de várias regiões do Brasil e até de fora. São extremamente divertidos de fispagar, e é por conta disso que são atrativos para a prática esportiva”.

Rafael também chama atenção para a necessidade de preservação dos animais. Segundo ele, a soltura dos peixes é um princípio da pesca esportiva, mas ainda pouco respeitado. “O camurupim, por exemplo, é protegido por lei e teve o abate proibido desde 2014, quando foi considerado uma espécie vulnerável. Mas, ainda assim, os pescadores da região continuam matando-o”, alerta.

Apesar dessas questões, para ele, pescaria é sinônimo de qualidade de vida. “João Pessoa proporciona isso para a gente, a proximidade com o Rio Paraíba. Em 15 ou 30 minutos, você já está subindo no barco para começar a pescaria. E tem todo aquele contato com a natureza. Um bom dia de pescaria faz você relembrar muita coisa na vida”, conclui Rafael.

Segmento exige licença específica e é fiscalizado por órgão ambiental

De acordo com a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), a pesca esportiva e amadora é regulamentada por normas federais e exige licença específica, definida como uma atividade não comercial que tem por finalidade o lazer ou o desporto.

Em competições que envolvem a prática, o órgão ambiental exige dos participantes a apresentação de suas licenças de pesca amadora e esportiva, emitidas pelo Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA). As espécies-alvo também são avaliadas, bem como os limites de quantidade e tamanho dos indivíduos capturados.

Segundo o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o órgão federal não tem, por sua vez, atuação específica sobre a pesca esportiva, mas todos os adeptos devem comprovar sua conformidade à lei. “Fazemos operações de pesca e quem é abordado precisa comprovar sua regularidade, seja pescador amador ou comercial. Os pescadores esportistas também precisam seguir o ordenamento pesqueiro, a época de defeso, os tamanhos mínimos [dos peixes capturados] e os apetrechos adequados”, informa Geandro

Guerreiro, chefe substituto de Fiscalização do Ibama.

Orientações

O MPA divulgou, na última quinta-feira (26), o Panorama da Pesca Amadora e Esportiva no Brasil, que tem, entre seus objetivos, propor estratégias para a formulação de políticas públicas e iniciativas que incentivem a sustentabilidade da atividade.

No documento, o órgão federal ainda lista algumas boas práticas que devem ser adotadas pelos adeptos, como reduzir ao máximo o tempo do peixe fora da água — quanto menor o intervalo, melhor para o animal. Ao capturá-lo, deve-se mantê-lo



Novo documento do MPA lista boas condutas para a pescaria

Ministério da Cultura e Bradesco Seguros apresentam

Ana Rosa

Helena Ranaldi

Fernanda Nobre

TRÊS

Edward Albee

MULHERES

Produção Geral
Bruna Dornellas
Wesley Telles

ALTAS

Direção
Fernando Philbert

Tradução
Gustavo Pinheiro

03 a 05 de abril

TEATRO PAULO PONTES

Vendas:
Sympli

12

Apresentado por

Le Rouanet

bradesco seguros

Máquagem Oficial

Mídia

Apelo Cultural

ILMONE & CAPPERI

GARDEN

MARÉ ALTA

in-cena

WB produções

ARTE ESTÚDIO E ENTRETENIMENTO

GOVERNO DO BRASIL

TEATRO

Cartas
interpretadas
no palco

Emílio Orciollo Netto apresenta hoje, no Paulo Pontes, o monólogo Também queria te dizer, com relatos ficcionais adaptados de livro de Marta Medeiros

Ator vive vários personagens: conflitos universais sob o ponto de vista masculino

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Uma cadeira e a presença física de Emílio Orciollo Netto. A cenografia e a encenação concisas de *Também queria te dizer: cartas masculinas* contrastam com a complexidade dos temas que o ator paulista compartilha com o público há mais de uma década. Baseada na obra de Martha Medeiros, com direção de Victor Garcia Peralta, a peça suscita questões universais, mas sob, especificamente, o ponto de vista dos homens. O espetáculo será apresentado hoje, em João Pessoa, numa sessão única às 18h, no Teatro Paulo Pontes do Espaço Cultural (situado no bairro de Tambauzinho). Os ingressos estão disponíveis no site Sympla e custam de R\$ 40 (meia para a platéia alta) a R\$ 140 (inteira para platéia baixa).

O ponto de partida é o livro *Tudo o que eu queria dizer*, lançado em 2007. Nele estão impressas cartas ficcionais, escritas por Martha, utilizando perfis femininos e masculinos. Os relatos são diversos — o primeiro, por exemplo, é escrito por Renata para um certo Raul: ao sonhar com um ex-paquera, ela decide encerrar o seu relacionamento e sair de casa.

“Me reconheça ímpar. Impaciente. Só. Muito antes de louca. Muito antes e muito mais. Louca é pouco. Vou passar o final de semana fora, sozinha. E, quando voltar, as perdas serão calculadas, malas serão fechadas, as crianças serão preservadas e as vidas seguidas”, justifica Renata.

Noutro capítulo, está o desabafo de André para sua tia Lúcia, após a morte do primo, Lucas. Tendo bebido antes de

pegar a direção, envolveu-se num acidente de carro que vitimou o parente. Nutrindo sentimentos de culpa e negação pelo fato, Lucas ensaia desculpas a Lúcia, enquanto recorda os bons momentos com André e os instantes antes e depois da batida.

“Eu não tive culpa, tia. Podia ser qualquer outro na direção. Podia um detonado, um maluco ter entregue o Lucas inteirinho em casa, mas foi comigo, um cara que nunca se meteu em encrenca. A vida prepara umas ciladas”, lamenta.

Ao longo dos anos, outras obras de Martha foram utilizadas como base para outras peças, Orciollo Netto recorda que anos antes de embarcar no projeto já era fã do trabalho dela, mas o que lhe chamou a atenção na proposta de *Também queria te dizer* foi o olhar feminino sobre o comportamento masculino.

“Esse foi o grande desafio, assim, num primeiro momento, trabalhar melhor essas cartas, com Vitor, parceiro que também dirigiu, inclusive, a versão feminina, feita pela Ana Beatriz Nogueira. Esse espetáculo é realmente muito interessante, porque a gente fala de homens que não conseguem se expressar por meio da fala e, sim, da escrita”, sinaliza.

Emílio interpreta sete dos textos compilados no livro. De tempos em tempos, ele mexe na ordem do roteiro, adiciona ou suprime relatos... Mas o que há de comum a todas sessões nesses 13 anos em que permanece em cartaz é que para cada perfil que compartilha com a platéia, ele constrói um novo personagem, sem

interligação com o anterior ou o seguinte.

“Uma das coisas que a própria Marta fala, é que essa peça não necessariamente representa o que ela pensa, ou o que eu penso, ou o que a direção pensa. São histórias do imaginário da autora. Mas, por outro lado, Marta é uma profunda conhecedora da alma humana, independente do gênero, e eu acho que é o que faz ela ser um sucesso”, crava.

Abismo

Estreando no teatro no fim dos anos 1980, Emílio Orciollo Netto esteve em peças como *Eu sou vida e não sou morte* (1994) e *O macaco peludo* (1995).

No entanto, o ator tornou-se conhecido do grande público em 1996, por meio da TV: primeiro como apresentador do educativo *Globo ciência*; depois como o Giuseppe, da

novela *O rei do gado*.

Angariou outros papéis de destaque na televisão: Bruno, de *Anjo mau* (1997); Orlando, de *Marcas da paixão* (2000); e Crispim, de *Alma gêmea* (2005). No cinema, foi Valmir em *Tropa de elite 2: o inimigo agora é outro* (2010); e Gustavo Franco, em *Real: o plano por trás da história* (Rodrigo Bittencourt, 2017).

“Tenho, hoje, 36 anos de carreira. Venho trabalhando, sempre entre sucesso e fracasso, mas sempre trabalhando. Estou sempre em movimento. Acho que se existe um segredo, se é que existe um segredo, é você estar nessa pegada, conectado com o mundo que você vive e sempre disponível para contar histórias, histórias boas, textos bons”, resume o ator, analisando a carreira.

Voltando a falar de *Também queria te dizer: cartas masculinas*, Emílio destaca que o número diminuto de objetos cênicos foi uma herança do período pandêmico, que acabou sendo mantida, com o afrou-

xamento das restrições sanitárias. Apesar das alterações na estrutura do projeto, o seu cerne — os textos — seguem com o mesmo frescor do lançamento.

“O que mantém o espetáculo vivo, presente, atravessando esses anos todos, é o fato de ele falar do ser humano, das relações, da vida, de como o ser humano vive as suas emoções. Ele é muito verdadeiro nesse sentido, a ponto de pessoas se identificarem com o que está sendo dito, ou conhecem outros que tenham passado por essas situações”, aponta.

Considerando o caráter pedagógico da peça e uma das generalizações imputadas aos homens — a inabilidade deles ao lidar com sua própria subjetividade —, Emílio rejeita esta última concepção, mas assevera que o contato com os textos de Martha Medeiros pode suscitar, sim, novos jeitos de encarar a vida e de manejar os problemas que dela decorrem.

“Expressar, principalmente, os seus sentimentos mais escondidos, mas únicos, na alma de cada homem ou do ser humano, melhor dizendo. *Também queria te dizer* é um grande mergulho no abismo, um desafio. E cada sessão é um novo aprendizado. Então eu me coloco à disposição e sempre em função da história que eu estou contando”, conclui.

ONDE:

■ TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho, João Pessoa).

Emílio Orciollo Netto está só em cena, acompanhado de um banco

Foto: Divulgação

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

A construção social do maconheiro

Ser taxado de maconheiro duran- te a minha infância e adolescência era uma das ofensas mais constringedo- ras que alguém poderia receber. Ao menos entre as chamadas “pessoas boas” e “de família” do meu bairro. A imagem social do usuário de ma- conha estava associada às caracte- rísticas humanas mais deploráveis: maus, emocionalmente fracos, vio- lentos, sórdidos, criminosos, imorais, que precisavam ser evitados. Sua pre- sença causava medo, desconforto, e o contato com eles poderia poluir os “bons costumes” e desorientar a ju- ventude. Podíamos ouvir os comen- tários nos encontros com os vizinhos: “Carlinhos, filho de Maria José, está andando com um mói de maconhei- ro.” “Você viu?”, “Este mundo tá aca- bado mermo.”, “Na minha época era diferente.”, “Se fosse meu filho, leva- va uma surra de cipó de boi!”.

De um certo ponto de vista, é possí- vel afirmar que também havia um lado positivo nessa história. Vejam vocês: os maconheiros de verdade e aqueles apenas rotulados de maconheiros — os rockeiros, skatistas, surfistas, “a ga- lera mais alternativa” — levavam cer- ta vantagem devido ao temor que os

mais jovens e “caretas” sentiam. Afir- mo com o mais profundo conhecimen- to de causa. Não foi uma única vez que vi garotos fisicamente mais fortes se acovardarem diante de um maconhei- ro franzino. Eles borravam as calças, enrubesciam, gaguejavam e “davam o pitu”, isto é, escapuliam na primeira oportunidade. Na escola, isso se tradu- zia em vantagens práticas: comer o lan- che de outros meninos, não enfrentar filas, receber cola durante as provas.

As coisas não são mais tão radicais como antes, pelo menos em alguns grupos ou classes sociais. Entre uni- versitários, jovens da classe média, ar- tistas e intelectuais, o uso da droga é muito comum e, ao que me parece, não cria problemas da natureza que expus acima. Conversando com um amigo sobre o Rio de Janeiro, ele dizia que na Zona Sul, onde mora, o consumo é frequente: “Vá qualquer dia no Posto 9, na Praia de Ipanema; lá as pessoas fumam a céu aberto em frente aos po- liciais”. Ele salientava, porém, que, na Zona Norte e nos morros, os policiais costumavam ser bem mais rigorosos, repressivos e violentos.

Desenvolvo atualmente uma pes- quisa sociológica sobre as experiên-

cias dessas pessoas, que ainda está no início, é verdade, mas que, mes- mo assim, revela traços importan- tes de uma triste realidade social. Nesse universo, os mesmos proble- mas de minha infância e adolescên- cia se mantêm e estão combinados com abordagens policiais arbitrá- rias, agressões, violência excessiva, humilhações e pobreza.

Diante desse cenário, torna-se evi- dente que a questão da maconha está muito menos ligada à substância em si do que aos processos sociais que produzem estigmas, desigualdades e formas seletivas de repressão. O que está em jogo não é apenas o consumo, mas quem pode consumir, onde e sob quais consequências.

A mesma prática que, em determi- nados espaços, é tolerada ou até na- turalizada, em outros continua sen- do motivo de violência, humilhação e exclusão. Nesse sentido, discutir a legalização da maconha é também discutir o tipo de sociedade que que- remos construir: uma sociedade que reproduz preconceitos e pune seleti- vamente, ou uma que enfrenta suas contradições de forma mais justa, ra- cional e igualitária.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Drama musical wagneriano

A vida e a obra do regente, com- positor, diretor de teatro e ensaís- ta alemão Wilhelm Richard Wagner (1813–1883) contribuíram para inovar a estética, o que gerou um impacto so- bre o conjunto de sua obra, de forma especial na ópera. Nascido em Leip- zig, na Alemanha, Wagner cresceu em um ambiente cultural marcado pelo romantismo, movimento que va- lorizava a expressão subjetiva, o na- cionalismo e a integração da arte em suas diversas expressões. Desde cedo, demonstrava gosto pela literatura e pelo teatro, que o influenciaram em sua produção musical.

Sua trajetória inicial foi marcada por dificuldades financeiras e insta- bilidade profissional. Wagner ocupou cargos como maestro em diversas ci- dades alemãs, como Riga e Dresden, ao mesmo tempo que buscava afir- mar-se como compositor. Seu envol- vimento com movimentos revolucio- nários entre 1848 e 1849 levou-o ao exílio político, sobretudo na Suíça, período durante o qual amadureceu suas concepções e seus ensaios teóri- cos, como *A obra de arte do futuro*, pu- blicado em 1849, no qual expõe alguns de seus ideais sobre a arte e o drama musical. Nesses escritos, Wagner de- fendia a ideia de “obra de arte total”, na qual música, poesia, cenografia e atuação deveriam fundir-se em uma experiência artística unificada.

As contribuições de Wagner para a música erudita são multifacetadas. Uma de suas principais inovações re- side na transformação da ópera tra- dicional. Diferentemente da ópera italiana, estruturada em árias e reci- tativos bem definidos, ele propôs uma continuidade musical fluida, na qual a distinção entre esses elementos se dis- solve. Esse processo resulta em uma narrativa musical contínua, mais pró- xima do drama teatral do que da exi- bição vocal isolada. Obras como *Tris- tão e Isolda* (1865) exemplificam essa ruptura, sobretudo pelo uso inovador da harmonia. Essa ópera versa sobre a história lendária — de origem medie- val — do trágico amor entre o cavalei- ro Tristão, originário da Cornualha, e a princesa irlandesa Isolda.

Do ponto de vista harmônico, Wagner expandiu significativamen- te os limites da tonalidade. O conhe- cido “acorde de Tristão”, presente na



O alemão Richard Wagner compôs obras como Tristão e Isolda e O anel do nibelungo

abertura de *Tristão e Isolda*, tornou-se símbolo da tensão e da ambiguida- de harmônica que caracterizam sua música. Essa inovação influenciou compositores, de forma mais inten- sa, como o francês Claude-Achille Debussy (1862–1918), o regente checo- -austriaco Gustav Mahler (1860–1911) e o austriaco Arnold Franz Walter Schönberg (1874–1951), sendo fre- quentemente apontada como um dos marcos que conduziram à dissolu- ção do sistema tonal tradicional. Ou- tro elemento determinante na obra wagneriana é o uso do “motivo con- dutor”. Trata-se de um recurso com- posicional em que temas musicais específicos são associados a person- gens, objetos, emoções ou ideias. Es- ses motivos reaparecem ao longo da obra, sofrendo variações conforme o desenvolvimento dramático. Tal téc- nica não apenas reforça a coesão es- trutural da composição, mas tam- bém amplia a capacidade expressiva da música, permitindo uma narra- va simbólica paralela à ação cênica.

O ciclo operístico *O anel do nibelun- go* — sua estreia foi em 1876 — con- stitui o exemplo mais elaborado des- se recurso. Essa obra é um conjunto de quatro óperas épicas, baseadas em

personagens mitológicos das sagas nórdicas e do *Nibelungenlied*. Os dra- mas musicais que a compõem são *O ouro do Reno*, *A valquíria*, *Siegfried* e *O crepúsculo dos deuses*. Sua última ópe- ra, *Parsifal* (1882), sintetiza muitos de seus ideais estéticos e espirituais.

Richard Wagner foi um dos com- positores que redefiniram os parâme- tros da ópera e expandiram as expres- sividades da música. Seu conceito de “arte total”, suas inovações harmôni- cas e estruturais e seu impacto dura- douro na tradição musical fazem dele um imortal na história da música eru- dita, cuja obra continua a despertar admiração e reflexão crítica sobre o sentido da arte e sobre a ancestrali- dade dos povos como patrimônio de pertencimento e afirmação cultural.

Sinta-se convidado à audição do 561º Domingo Sinfônico, que ocorrerá nes- te dia 29 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei algumas peças do composi- tor, regente e ensaísta alemão Wilhelm Richard Wagner (1813-1883).

Kubitschek
Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

Carona com
Miller

Botei meus olhos, acho que pela última vez, no *Trópico de Câncer* de Henry Miller, quem sabe eu encontre, nas ruas de João Pessoa, o cenário do romance de 1934 em Paris, considerado fundamental da literatura moderna, algo verborrágico e lascivo. Como ele mesmo disse: “Isto não é um livro. É libelo, é calúnia, difamação...”.

Vamos imaginar a tropa cá nos trópicos de Tambaú, nos espinhaços entre os obcecados por liberdade sexual, viagens e boemia, o que não difere dos tempos de hoje, embora de forma autobiográfica, as histórias de Miller não devem ser levadas ao pé da letra. São uma mistura de ficção e realidade — um tipo de Bukowski mais elaborado, filosófico e surrealista. O Henry Miller deu esse pontapé.

Delírios românticos dos escombros e subúrbios dos cabarês da Paris dos anos 1930, a guerra era outra, quase uma sombra a rondar incessantemente a cabeça dos intelectuais, artistas, pintores, e todos se reúnem para beber, transar e discutir. Discutir o quê? Ora, discutir as coisas consumidas com outros até se empanturrarem de sensibilibdades imaginárias.

Henry está por aí, nada no bolso e nas mãos, e vivia de bicos (na prisão dos escritores: o jornalismo), o que parece bem mais atual, mas poucos jornalistas ganham bem ou conseguem pagar as contas, sem esquecer que hoje todo mundo é jornalista, com suas páginas e asneiras nas redes sociais. Em priscas épocas, o absurdo não só acontece, ele toma posse.

Conhecido como anti-herói, Henry Miller se afirmava como um artista assalariado, obrigado a interpretar uma farsa intelectual sobre seus estúpidos desejos. Delírio, muito delírio. E o mundo dando voltas.

Os capítulos de *Trópico de Câncer* vão se revezando um após o outro sem nenhuma ordem cronológica, o que não difere do que estamos vivendo, carregados de fluxo de inconsciência com reflexões fantasiosas nos relatos crus do cotidiano,do toma lá, dá cá.

Sexo é o clima, mas sexo é apenas uma brincadeira de adultos. Quem viu o filme *Henry & June*, de Philip Kaufman (diretor de *Contos Proibidos do Marquês de Sade*), focado no triângulo amoroso entre Henry, sua esposa June e a escritora Anaïs Nin, não vai tentar entender o que hoje é chamado de “trisal”. Outro dia vi no Instagram uma mulher casada com quatro homens — não sei como eles aguentam ou se estão no mesmo caldeirão.

A busca por grana e sexo, muita grana e sexo, é boa demais, até não representar mais nada, grana e sexo como formas de sobrevivência, sobrevivência uma ova, como única alternativa da vida. É pra lascar, viu?

Nas redes sociais, o sexo não tem segredo, nem é surrealismo, nunca foi, sexo tem e recebe influências da arte, mas não creio, ou creio, estar confundido a coisa.

Hoje *Trópico de Câncer* ainda assombra, claro, e é um clássico, mas há algo a mais ali. Não é um livro pornográfico, já que sexo não tem a ver com pornografia. Os censores da época acusaram o livro de imoral e conseguiram manter a obra inédita por 30 anos, nos países de língua inglesa. Quanta bobagem.

Até que um dia Oswald de Andrade disparou que Miller clamava para que se incendiassem as bibliotecas, museus e biografias. E que os mortos devorem os mortos e os vivos dancem!

Não sei se é bom, mas não deixa de ser.

Kapetadas

1 – Não subestime um idiota. Ele pode ter seguidores. E muitos.

2 – O homem é um animal político. O político, às vezes, nem animal é.

Foto: Divulgação

Henry Miller escreveu *Trópico de câncer*: “Ainda assombra”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

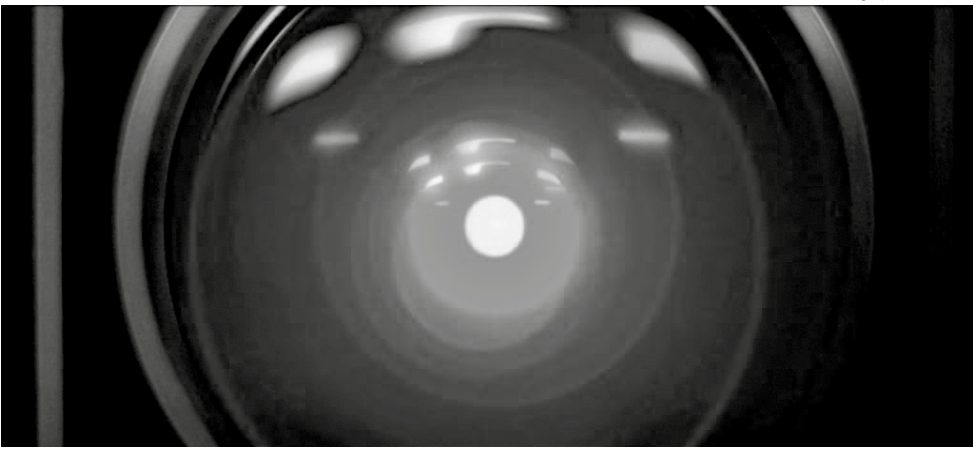
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Para que serve então a nossa mídia?

Procurando traduzir comparativamente a dinâmica fractal dos tempos atuais e os vastos recursos das novas tecnologias da informação (onde estaria inserido o nosso cinema), vemos que o *modus vivendi* já não é mais o mesmo. De há muito, o tradicional, que queiramos ou não, tem-se perdido no tempo, num emaranhado de situações, na revolução dos *bits* de uma nova história.

No clique instantâneo das comunicações, como num passe de mágica, já se salvam vidas a quilômetros de distância. Contraditoriamente, num piscar de olhos, apertando-se um simples botão, vidas anteriormente salvas pelo “milagre científico” poderão ser ceifadas. Tudo isso produto da intolerância e desatino dos que, consciente e insensivelmente, dominam e manipulam as massas incautas, em um mundo hoje realmente fragmentado.

Reproduzindo em cinema a aldeia global em que vivemos, durante anos, fomos capazes das mais pirotécnicas experiências, numa odisséia não apenas prevista a partir do ano 2001, preconizada sabiamente no filme de Kubrick, *2001: uma odisséia no espaço*, intencionalmente, nos compelindo a sublimar as “guerras”. Nessa evolução, simplesmente cooptando as massas à prática do real desinteresse pela paz, simplesmente porque o con-



HAL-9000, a inteligência artificial de bordo do filme 2001: uma odisséia no espaço

fronto armado daria pecúnia, posição social e poder.

Certamente, não há de ser tão simples a culminância da complexidade humana num simples aperto de mãos, como desejariam os mais otimistas. Mas bem que esse pudesse ser o gesto de uma catarse e do reconhecimento às equações de toda uma civilização. Assim, nas relações políticas e sociais, não menos nas artes, o grande desafio mesmo é se conseguir um *animus* desarmado entre os povos. Atitude essa que tanto nos tem faltado.

Refletindo sobre um possível elo comparativo entre aquilo que é virtual (pode acontecer) em cinema e a realidade mos-

trada diariamente através da televisão, notamos que há uma grande diferença. Talvez não nos termos em que essa violência vem ocorrendo, mas, principalmente, sob a forma velada, sub-reptícia, “fabricada” pelos meios de comunicação social, expressão clara de que a forma de violência de hoje é, realmente, o ópio de consumismo das massas.

Ficaria, então, uma crucial verdade: quanta contradição tem gerado o preconizado progresso da humanidade, sob elementos também fortes como já existem, no caso, a inteligência artificial (IA)... (Mais “Coisas de Cinema”, acesse: www.alexantossantos.com.br).



APC: apoio federal ao Nudoc/UFPB

O professor João de Lima Gomes, coordenador do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC), recebeu nesta semana comunicado do deputado federal Luiz Couto sobre a emenda parlamentar de sua autoria (de 24 de março de 2026), destinando recursos para o Nudoc.

A medida visa “o fortalecimento da universidade pública, da educação superior de qualidade, da preservação da memória, da produção cultural e audiovisual e do apoio a iniciativas voltadas à valorização do patrimônio documental e cinematográfico”.

MÚSICA

Nathalia Bellar canta na Casa da Pólvora

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Ampliar o entendimento do que convencionamos chamar de MPB — eis a proposta de Música Preta Brasileira, *show* que a cantora e compositora paraibana Nathalia Bellar apresenta hoje, às 17h30, no Parque Cultural Casa da Pólvora, no Centro da capital. Às 16h, a DJ Dany Andrade comanda o som na pista e inicia os trabalhos. Aberto ao público, o evento integra a programação de 2026 do projeto Circulador Cultural, realizado pela Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope).

“Essa MPB que é tão atravessada por corpos e inteligências negras”, diz Nathalia. “Então, mais do que um recorte de gêneros tradicionalmente associados à cultura afro-brasilei-

ra, o *show* propõe evidenciar a presença negra como estrutura da música brasileira, atravessando estilos, estéticas e formas de interpretação, assu-

mindando uma ideia central: música preta brasileira é um sistema”.

Dada a proposta, o repertório percorre as diferentes camadas dessa construção: passeia do samba ao *soul*, do baião ao *reggae*; entra pela canção romântica e entoa o axé, alternando nomes de envergadura como Elza Soares, Tim Maia, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Leci Brandão, Cátia de França, Luedji Luna, Jorge Ben Jor. E, claro, outras tantas autorais de Bellar.

“A ideia é mostrar que a música preta brasileira não é um nicho, mas uma base ampla, híbrida e fundamental para o som que o país produz”, ela defende.

Para 2026, Nathalia segue em circulação com o trabalho autoral *Pelo espelho da pele*, que também entra na fase de pré-produção do

álbum de mesmo nome, com lançamento previsto para o segundo semestre.

“Paralelamente, preparo novos lançamentos em parceria, incluindo uma regravação-surpresa ao lado da multiartista paraibana Mayana Neiva e do músico e produtor Helinho Medeiros. A ideia é ampliar a presença desses trabalhos em outros territórios, além de seguir desenvolvendo conteúdos audiovisuais para cada um deles”, comenta Nathalia.

Quanto ao *show* de hoje, a expectativa é mesmo de um encontro regado ao pôr do sol deslumbrante, que é próprio ao Centro Histórico.

“Esse é um *show* que provoca reconhecimento... às vezes imediato, às vezes mais sutil; e que fala sobre tudo aquilo que a gente já escuta, mas nem sempre nomeia. Existe uma energia de celebração e de descoberta. Eu acredito muito na potência desse tipo de experiência ao ar livre, especialmente em um lugar como o Parque Cultural Casa da Pólvora, que carrega tanto da nossa história. É um contexto em que música e memória se encontram de forma direta e afetiva com o público”, conclui.

ONDE:

■ CASA DA PÓLVORA
(Ladeira de São Francisco, nº 152, Centro, João Pessoa).

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Leo e Sandra

Leo Barbosa e Sandra Raquew S. Azevêdo, colunistas de **A União**, fazem, cada um, a sua recolha textual e lançam um livro. Aquele, *O peso da borboleta* (Campina Grande: Papel da Palavra, 2026); esta, *O caminho invisível* (João Pessoa: Marca de Fantasia, 2025). Saem, assim, da circunstância efêmera da página do jornal para a possibilidade mais duradoura do livro. E como isso é bom!

Livros assim passam pelo rigor dos critérios de seleção e escolha. Sinalizam para o fato de que certos textos devem permanecer abertos ao horizonte de expectativas do leitor, na medida em que encerram, na sua tessitura expressiva, ideias, sentimentos, valores e conceitos aptos a uma renovável investigação meditativa. À fragmentação e volubilidade da sintaxe jornalística, se contrapõem, portanto, a concentração e a densidade da organização livresca. É como se os autores quisessem congelar o fluxo do tempo em função daquilo que lhes parece essencial. E como isso é bom!

Em *O caminho invisível*, título já de *per si*, rico e sugestivo, Sandra Raquew desenvolve o tema da viagem, eu diria, em três modulações, a saber: uma viagem geográfica, uma viagem interior e uma viagem verbal.

A geográfica, ditada pelos apelos de Portugal, inscreve-se no âmbito exterior das paisagens, dos lugares, dos ambientes, dos encontros e reencontros; das pessoas, dos afetos, ou seja, de tudo aquilo que atrai o olhar do viajante na sua relação sensível com o mundo, com os seres e com as coisas.

A interior se abre para um mergulho no oceano da subjetividade e traz, à tona, uma autora tocada pelos sortilégios da condição feminina, em seus conflitos íntimos, ambivalências, sonhos, ousadias, singularidade. Diria ser a mulher, em sua palpabilidade sensível, a protagonista dessa viagem histórica e existencial. Mais que protagonista, é a mulher, enquanto viagem ela mesma, que se projeta no tecido do texto e habita tempo e espaço, com sua presença forte e educativa.

A viagem verbal se constrói no âmbito das palavras, pois escrever combina com viajar. Sandra Raquew arruma a mala, organiza seus afazeres domésticos, demarca os passos de sua agenda e se lança ao mar das palavras, para fazê-las ecoar à luz do pensamento e aos sons e ruídos da emoção humana.

Toda viagem pressupõe a agulha do tempo. Dentro dos caminhos visíveis, há os invisíveis roteiros, os recados imprevistos do acaso, a sutileza de certos acontecimentos que a razão desconhece ou oculta. A viagem é também um tempo dissipado em outra cronologia. Mais que os dias, as horas, os minutos, importa o selo da duração afetiva. Aquele vestígio psíquico e emocional que descortina belezas e verdades imperceptíveis. Tudo isso, Sandra Raquew nos oferta com sua escrita delicada e reflexiva. Suas doze crônicas, aqui reunidas, são como doze passos para penetrarmos nos ritos da sabedoria.

Leo Barbosa, a seu turno, se não se compraz claramente com os motivos da viagem, não se deixa fixar, no entanto, num plano meramente sedentário. *O peso da borboleta* me parece metáfora perfeita para idear o fluxo plural dos movimentos. Sua temática é mais ampla e mais variada, embora algo o aproxime de Sandra Raquew no manejo das palavras. Penso ser o tom reflexivo do estilo, sempre atento ao ato de pensar, de lidar com ideias e conceitos, no sentido de medi-los e examiná-los numa perspectiva crítica e pessoal.

Se se reporta a coisas da literatura, se se volta para traços do cotidiano, se se refere ao tempo, ao amor, à maternidade; se se debruça sobre categorias como solidão, velhice, lugar de fala, sociedade homoafetada e produtos da prudência, entre outras, sempre o faz com o pensamento criativo e com a posição irredutível do educador. Isto é, como aquele que, ao lançar mão do poder das palavras, sabe da necessidade dos deslocamentos e das condensações, na lúcida apreensão dos fenômenos reais e simbólicos que nos cercam.

Nem tudo que se publica nos jornais é descartável. Colunistas e colaboradores deveriam ser mais atentos ao que pode “arder e perdurar”, como diria Borges, e, por isto mesmo, dar materialidade ao sonho de Mallarmé, de que tudo que existe deveria se transformar em livro. Leo e Sandra fizeram esta viagem. E como isso é bom!

CANTORIA

Evento reúne poetas repentistas

Festival será realizado neste domingo em casa de shows do Colinas do Sul, com 20 artistas e entrada franca

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Buscando ampliar o alcance da cantoria de viola e fortalecer a presença do repente no circuito cultural urbano, João Pessoa fará palco para a terceira edição do Festival de Poetas Repentistas Cantadores, hoje, a partir das 16h, na casa de *shows* Quatro Estações, no Colinas do Sul. O evento integra o projeto Cantos da Natureza, idealizado pelo poeta e cantor Paulo Cruz, e reunirá 20 artistas. A entrada é franca.

Participam desta edição os poetas Dimas Arruda, Moreirinha, Maria Solidade, Biu Cardoso, Severino Constantino, Jorge Nascimento, Toinho Batista, Manoel Alves, João Lourenço, Pereira Santos, Manoel Rufino, Geraldo Brito, Domingos Matias, Marcos Teixeira, Marivaldo dos Anjos e Heleno Alexandre.

“A cantoria vem de um contexto antigo, ligado à vida rural, e hoje segue como forma de sustento para muitos artistas”, explica o poeta. No palco, os repentistas desenvolvem versos improvisados a partir de estruturas métricas tradicionais, como sextilhas e setilhas.

Criado em 2009, o projeto nasceu no Brejo paraibano, quando o organizador iniciou a divulgação da cantoria por meio de uma emissora local em Bananeiras. À época, ele residia em Solânea e utilizava o rádio como principal ferramenta de difusão. “Comecei a divulgar o projeto ainda no interior e depois levei a iniciativa para João Pessoa”, relata, ao destacar que a proposta ganhou continuidade ao longo dos anos, com apresentações e ações voltadas à cultura popular.

Após a mudança para a capital paraibana, o trabalho passou a incorporar eventos presenciais, incluindo

cantorias, festivais e apresentações artísticas. A primeira edição do festival foi realizada em 2018, em Bayeux, reunindo poetas ligados à tradição do repente. Desde então, a iniciativa vem sendo retomada de forma pontual, com atividades realizadas em diferentes cidades.

Em 2023, o projeto promoveu uma série de cantorias em João Pessoa e em municípios da Zona da Mata, como Sapé. Quanto à edição deste ano, o elenco contará majoritariamente com homens e apenas uma mulher, o que, de acordo com o organizador, reflete dificuldades logísticas. Ele afirma que buscou ampliar a participação feminina, mas nem todas as artistas estavam disponíveis na data.

Paulo Cruz e Toinho Batista estão na terceira edição do festival

ritariamente com homens e apenas uma mulher, o que, de acordo com o organizador, reflete dificuldades logísticas. Ele afirma que buscou ampliar a participação feminina, mas nem todas as artistas estavam disponíveis na data.



Foto: Roberto Guedes

Em Cartaz



Cinema

Programação de 26 de março a 1 de abril, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

ELES VÃO TE MATAR (*They Will Kill You*). EUA/ África do Sul, 2026. Dir.: Kirill Sokolov. Elenco: Zazie Beetz, Patricia Arquette, Heather Graham, Tom Felton. Terror. Mulher trabalha como empregada em um edifício, onde acontecem desaparecimentos. 1h34. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: qui. a ter.: 21h30; qua.: 14h45. **CENTERPLEX MAG 3** (Atmos): qui. a ter.: leg.: 18h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2:** dub.: 14h45, 17h15; leg.: 19h45. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dub.: qui. a ter.: 19h15, 21h30. **CINESERCLA TAMBIA 4:** dub.: qui. a ter.: 16h30. **CINESERCLA TAMBIA 5:** dub.: qui. a ter.: 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: qui. a ter.: 20h15. **CINESERCLA PARTAGE 1:** dub.: qui. a ter.: 16h30 **Patos:** PATOS MULTIPLEX 1: sáb. a ter.: dub.: 16h25, 18h55, 21h; qua.: 15h10. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: qua.: 21h10.

NUREMBERG (*Nuremberg*). Hungria/EUA, 2025. Dir.: James Vanderbilt. Elenco: Rami Malek, Russell Crowe, Michael Shannon. Drama. Em 1945, psiquiatra estadunidense avalia 22 nazistas que respondem julgamentos por crimes de guerra. 2h28. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 16h30, 19h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 10** (VIP): leg.: qua.: 17h15, 20h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 10** (VIP): leg.: qui. a ter.: 14h40, 18h, 21h15. **CINESERCLA TAMBIA 3:** dub.: 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h20.

VELHOS BANDIDOS. Brasil, 2026. Dir.: Cláudio Torres. Elenco: Fernanda Montenegro, Ary Fontoura, Vladimir Brichta, Bruna Marquezine, Lázaro Ramos, Reginaldo Faria, Vera Fischer, Toni Tornado. Comédia/policial. Casal idoso se junta a jovens parceiros para um audacioso roubo a banco. 1h33. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: seg. a qua.: 15h, 19h20. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1:** 13h30, 16h, 18h30, 21h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1:** 13h45, 16h, 18h15, 20h45. **CINESERCLA TAMBIA 2:** 17h, 18h55, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 17h, 18h55, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 3: 17h, 19h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: 14h50. **CINEMAXXI CIDADE LUZ 2:** qua.: 16h40, 18h40. **CINEMAXXI CIDADE LUZ 3:** dom.: 18h50; seg. e ter.: 16h45, 18h50. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom., ter. e qua.: 16h15; seg.: 18h30.

VINGADORA (*Protector*). EUA, 2026. Dir.: Adrian Grunberg. Elenco: Milla Jovovich, Matthew Modine, D.B. Sweeney. Policial/ ação. Mulher tenta salvar a filha de um sequestro enquanto é perseguida pela polícia e pelos militares. 1h31. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 19h, 21h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 6:** leg.: qui. a ter.: 21h. **CINESERCLA TAMBIA 3:** dub.: 16h30, 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 17h, 21h30. .

PRÉ-ESTREIA

SUPER MARIO GALAXY: O FILME (*The Super Mario Galaxy Movie*). Japão/ EUA, 2026. Dir.: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Comédia/ aventura/ animação. A dupla de encanadores Mario e Luigi enfrentam uma dupla que conspira para dominar o mundo. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos):

dub.: qua.: 14h, 16h15, 18h30, 20h45. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4:** dub.: qua.: 14h, 16h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 5:** dub.: qua.: 13h, 15h30, 18h, 20h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 6:** dub.: qua.: 15h, 17h30, 20h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** dub.: 3D: qua.: 13h30, 16h, 18h30, 21h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 9** (macro-XE): dub.: qua.: 14h30, 17h, 19h30, 22h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 10** (VIP): leg.: qua.: 13h15, 15h45, 18h15, 20h45. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1:** dub.: qua.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: 3D: qua.: 13h, 15h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5:** dub.: qua.: 13h30, 16h, 18h30, 21h. **CINESERCLA TAMBIA 4:** dub.: qua.: 15h, 17h, 19h, 21h. **CINESERCLA TAMBIA 5:** dub.: 3D: qua.: 15h30; 2D: 17h30, 19h30. **CINESERCLA TAMBIA 6:** dub.: qua.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 3D: qua.: 15h30; 2D: 17h30, 19h30. **CINESERCLA PARTAGE 2** (laser): dub.: qua.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. **CINESERCLA PARTAGE 3:** dub.: qua.: 15h, 17h, 19h, 21h. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 15h20, 19h20; 2D: 17h20. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: qua.: 3D: 15h15; 2D: 18h10, 20h25. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: qua.: 2D: 16h45; 3D: 19h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: qua.: 2D: 15h, 19h20; 3D: 17h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: qua.: 14h, 18h30.

ESPECIAL

DITTO: CONEXÕES DO AMOR (*Ditto*). Coreia do Sul, 2022. Dir.: Eun-Young Seo. Elenco: Yeo Jin-Goo, Cho Yi-Hyun. Romance/ fantasia. Rapaz ouve voz vinda do futuro levando-os a compartilhar histórias de amor. 1h54. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: seg. e ter.: 19h40.

REAPRESENTAÇÃO

CREPÚSCULO (*Twilight*). EUA/ Reino Unido, 2008. Dir.: Catherine Hardwicke. Elenco: Kristen Stewart, Robert Pattinson, Taylor Lautner, Anna Kendrick. Romance/ aventura. Jovem se apaixona por colega de classe vampiro. 2h02. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h45. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3:** dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. **CINÉPOLIS MANAÍRA 5:** dub.: qui. a ter.: 14h30, 17h30; leg.: 20h30. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1:** dub.: qui. a ter.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dub.: qua.: 13h15, 19h30. **CINESERCLA TAMBIA 1:** dub.: 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 19h. **CINE GUEDES 3:** dub.: dom.: 14h50. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: qui. a ter.: 15h35. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 19h05. **CINEMAXXI CIDADE LUZ 3:** dub.: dom.: 14h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 14h; seg. e qua.: 20h15.

O DIÁRIO DE PILAR NA AMAZÔNIA. Brasil, 2026. Dir.: Eduardo Vaismann e Rodrigo Van Der Put. Elenco: Lina Flor, Sophia Ataide, Babu Santana, Marcelo Adnet. Aventura/ infantil. Com uma rede mágica, menina viaja até a Amazônia e ajuda amiga ribeirinha a reconstruir sua comunidade. 1h30. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 12h30. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3:** 13h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 5:** 12h15. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** 12h.

INCÊNDIOS (*Incendies*). Canadá/ França, 2010. Dir.: Dennis Villeneuve. Elenco: Lubna Azabal, Mélissa Désormeaux-Poulin, Maxim Gaudette. Drama. Irmãos viajam para o Oriente Médio para cumprir o último desejo da mãe e descobrir revelações sobre sua família. 2h11. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: seg., 30/3: 18h10.

CONTINUAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil/ França/ Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. Vencedor de dois Globos de Ouro: ator/ drama e filme de língua não inglesa. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 29/3: 19h30.

CARA DE UM, FOCINHO DE OUTRO (*Hoppers*). EUA, 2026. Dir.: Daniel Chong. Aventura/ animação. Ativista usa máquina que transfere sua consciência para um castor robô, incitando rebelião contra humanos. 1h45. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 16h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4:** dub.: qui. a ter.: 16h15. **CINÉPOLIS MANAÍRA 6:** dub.: qui. a ter.: 13h, 15h30, 18h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dub.: qui. a ter.: 14h15, 16h45. **CINESERCLA TAMBIA 6:** dub.: qui. a ter.: 16h, 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: qui. a ter.: 16h, 18h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: qui. a ter.: 15h20. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 3D: qui. a ter.: 15h15. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: qui. a ter.: 18h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 3D: 15h15. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h30; seg.: 14h.

CASAMENTO SANGRENTO – A VIÚVA (*Ready or Not – Here I Come*). EUA, 2026. Dir.: Matt Bettinelli-Olpin e Tyler Gillett. Elenco: Samara Weaving, Kathryn Newton, Elijah Wood, Sarah Michelle Gellar, David Cronenberg. Suspense/ comédia. Mulher novamente é colocada como alvo de família poderosas em jogo mortal de esconde-esconde. 1h48. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 17h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3:** dub.: 15h15. **CINESERCLA TAMBIA 4:** dub.: qui. a ter.: 18h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: qui. a ter.: 18h20.

DEVORADORES DE ESTRELAS (*Project Hail Mary*). EUA, 2026. Dir.: Phil Lord e Christopher Miller. Elenco: Ryan Gosling, Sandra Hüller, James Ortiz (voz). Ficção científica/ suspense. Astronauta tenta impedir o Sol de ser destruído e recebe a ajuda de um ser alienígena. 2h36. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): qui. a ter.: dub.: 15h; leg.: 20h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 9** (macro-XE): dub.: qui. a ter.: 14h, 17h30, 21h. **CINÉPOLIS MANAÍRA 11** (VIP): leg.: qui. a ter.: 13h30, 17h, 20h30; qua.: 13h45, 17h15, 21h. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3:** dub.: qua.: 16h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5:** dub.: qui. a ter.: 14h, 17h15, 20h30. **CINESERCLA TAMBIA 2:** dub.: dom.: 14h10. **CINESERCLA TAMBIA 5:** dub.: qui. a ter.: 17h20. **CINESERCLA TAMBIA 6:** dub.: qui. a ter.: 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: qui. a ter.: 17h20. **CINESERCLA PARTAGE 2** (laser): dub.: qui. a ter.: 20h. **CINESERCLA PARTAGE 4:** dub.: dom.: 14h10. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 17h30, 20h30; seg. a qua.: 20h30. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: qui. a ter.: 19h55; qua.: 19h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: qui. a ter.: 17h30, 20h40; qua.: 20h40.

FELIZ ANIVERSÁRIO EM BELGRADO (*Celts*). Sérvia, 2021. Dir.: Milica Tomovic. Elenco: Dubravka Kojvanic, Stefan Trifunovic, Katarina Dimic. Drama. Mulher que prepara uma festa para a filha tem rotina sufocante na família na Iugoslávia dos anos 1990, enquanto o país se desintegra em guerras. 1h46. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 29/3: 15h.

MEMÓRIAS DE UM VERÃO (*The Summer Book*). EUA/ Finlândia/ Reino Unido, 2025. Dir.: Charlie McDowell. Elenco: Glenn Close, Emily Matthews, Anders Danielsén Lie. Drama. Menina é levada para passar o verão com a avó em uma ilha desabitada da Finlândia. 1h30. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: seg., 30/3: 16h.

MISSÃO REFÚGIO (*Shelter*). Reino Unido/ EUA/ Canadá, 2026. Dir.: Ric Roman Waugh. Elenco: Jason Statham, Bodhi Rae Breathnach, Bill Nighy. Aventura. Detento em remota ilha resgata uma garota do mar, desencadeando uma série violenta de eventos. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CINEPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 17h45.

PÂNICO 7 (*Scream 7*). EUA, 2026. Dir.: Kevin Williamson. Elenco: Neve Campbell, Courteney Cox, Isabel May, McKenna Grace, David Arquette, Matthew Lillard. Suspense. Sidney Prescott enfrenta um novo assassino mascarado que surge presseguinto sua filha. 1h54. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 20h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: 20h15. **CINESERCLA TAMBIA 5:** dub.: qui. a ter.: 15h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: qui. a ter.: 15h10. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 17h30.

A SAPATONA GALÁTICA (*Lesbian Space Princess*). Austrália, 2025. Dir.: Emma Hough Hobbs e Leela Varghese. Comédia/ animação. Princesa entra em missão intergaláctica para salvar sua ex-namorada caçadora de recompensas. 1h27. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 31/3: 18h10.

SE EU TIVESSE PERNAS, EU TE CHUTARIA (*If I Had Legs, I'd Kick You*). EUA, 2025. Dir.: Mary Bronstein. Elenco: Rose Byrne, Delaney Quinn, Mary Bronstein, Christian Slater, Conan O'Brien. Drama. Mulher vive crise lidando com vários problemas e sobrecargas ao mesmo tempo. 1h53. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: seg., 30/3: 20h30.

UMA SEGUNDA CHANCE (*Reminders of Him*). EUA, 2026. Dir.: Vanessa Caswill. Elenco: Maika Monroe, Tyriq Whithers, Lauren Graham. Drama/ romance. Após deixar prisão, mulher tenta se reaproximar da filha, mas enfrenta resistência da família do namorado que morreu. 1h54. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 18h20. **CINÉPOLIS MANAÍRA 7:** leg.: dom.: 14h15, 17h, 19h40, 22h15; seg. e ter.: 14h15, 17h, 22h15. **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4:** dub.: qui. a ter.: 15h; qua.: 15h, 17h45. **CINESERCLA TAMBIA 4:** dub.: dom.: 14h20, 20h30; seg. e ter.: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dom.: 14h20, 20h30; seg. e ter.: 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 17h, 21h; seg. a qua.: 21h. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: qui. a ter.: 20h30; qua.: 17h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 16h25, 21h; seg. e ter.: 21h; qua.: 21h25. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 20h30; seg.: 16h.

SYRÁT (*Sirát*). Espanha/ França, 2025. Dir.: Oliver Laxe. Elenco: Sergi López, Bruno Nuñez Arjona, Stefania Gadda. Drama. Pai com seu filho viajam até o Marrocos para tentar encontrar filha que desapareceu em uma rave. Indicado a 2 Oscars, incluindo Filme internacional. Prêmio do Juri no Festival de Cannes. 1h55. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 29/3: 17h; ter., 31/3: 16h.

O VELHO FUSCA. Brasil, 2026. Dir.: Emiliano Ruschel. Elenco: Caio Manhente, Tonico Pereira, Cleo Pires, Danton Mello. Comédia/ romance. Jovem quer restaurar e ficar com um velho fusca de seu irascível avô. 1h37. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dom. a ter.: 13h30, 16h, 18h45, 21h30; qua.: 13h30, 15h30, 18h, 20h30.

VIAGEM GELADA: O RESGATE DO URSO POLAR (*Huevitos congelados*). México, 2022. Dir.: Gabriel Riva Palacio Alatríste e Rodolfo Riva Palacio Alatríste. Aventura/ animação. Animais ajudam filhote de urso polar a encontrar seus pais, enquanto são perseguidos pelos donos do circo do qual fugiram. 1h31. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: qui. a ter.: 13h45.

A VOZ DE HIND RAJAB (*Sawt Hind Rajab*). Tunísia/ França/ EUA/ Reino Unido/ Itália/ Arábia Saudita/ Chipre, 2025. Dir.: Kaouthar Ben Hania. Elenco: Saja Kilani, Motaz Malhees, Amer Hlehel. Drama. Voluntários recebem a chamada de emergência de uma menina presa em um carro sob fogo cruzado em Gaza e tentam ajudá-la. Grande Prêmio do Juri no Festival de Veneza. 1h29. 14 anos.

João Pessoa: CINEBANGÜÊ: leg.: ter., 31/3: 20h.

Teatro

HOJE

FEIRANTES PROFANAS. Montagem da Trupe de Humor da Paraíba.

João Pessoa: THEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/n, Centro). Domingo, 29/3, 20h. Ingressos: R\$ 50 (inteira), R\$ 40 + 1 kg de alimento (social) e R\$ 25 (meia), antecipados na plataforma Olha o Ingresso.

QUEM MENTE O NARIZ CRESCE: UMA HISTÓRIA DE PINÓQUIO. Montagem da Arretado Produções Artísticas. Adaptação e direção: Edilson Alves, baseado na obra de Dadá Vencelau.

João Pessoa: THEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/n, Centro). Domingo, 29/3, 17h. Ingressos: R\$ 50 (inteira), R\$ 40 + 1 kg de alimento (social) e R\$ 25 (meia), antecipados na plataforma Olha o Ingresso.

HAMLET CUIR. Solo de Rodrigo Vaz. Classificação: 16 anos

João Pessoa: CASARÃO CRIATIVO (R. Maciel Pinheiro, nº 56, Centro). Domingo, 29/3, 16h. Entrada franca (Pix voluntário).

JOB. Texto de Max Wolf Friedrich. Direção: Fernando Philibert. Com Bianca Bin e Edson Fieschi.

Cabedelo: INTERMARES HALL (Rodovia BR-230, km 9, nº 9240 B, Amazonia Park). Domingo, 29/3, 18h. Ingressos: de R\$ 70 (plateia P a S/ meia) a R\$ 200 (plateia A a E/ inteira), antecipados pela plataforma Sympyla.

TAMBÉM QUERIA TE DIZER. Texto de Martha Medeiros. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Emilíio Orciello Netto.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Domingo, 29/3, 18h. Ingressos: de R\$ 60 (frisas/ meia) a R\$ 140 (plateia baixa/ inteira), antecipados pela plataforma Sympyla.

Música

HOJE

FORRÓ ARRUMADINHO. Grupo apresenta show de forró.

João Pessoa: RECANTO TRÊS RUAS (R. Bancário Waldemar de Mesquita Accioly, Parque das Três Ruas, 53, Bancários). Domingo, 29/3, 20h. Ingressos: R\$ 15.

NATHALIA BELLAR. Cantora apresenta o show *Música Preta Brasileira*.

João Pessoa: CASA DA PÓLVORA (Ladeira de São Francisco, nº 152, Centro). Domingo, 29/3, 16h. Entrada franca.

PARAHYBA SKA JAZZ E GRUPO MOEN-DA. Apresentação no Festival Multicultural Engenheiros da Paraíba.

Areia: CACHAÇA MATURE (Fazenda Engenho Vaca Brava, Areia). Domingo, 29/3, 18h30. Entrada franca.

SÃO JOÃO

Gastos preocupam poder público

Órgãos de controle acompanham estratégias adotadas por prefeitos para equilibrar orçamento no período junino

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A proximidade das festividades de São João, uma das maiores festas da Região Nordeste, acende um alerta nos órgãos de controle sobre as contratações realizadas pelas gestões municipais. Na Paraíba, a preocupação tem precedentes: no começo do mês, o Ministério Público da Paraíba (MPPB) abriu um inquérito civil para apurar eventuais irregularidades em gastos realizados pela Prefeitura de Curral de Cima, localizada na Zona da Mata. A investigação concentra-se nas contratações de atrações artísticas para os festejos juninos, cujo custo soma mais de R\$ 1,1 milhão, realizadas durante o período em que o município estava sob decreto de emergência. Segundo auditoria realizada pelo Tribunal de Contas da Paraíba (TCE-PB), de 2023 a 2025, as despesas com festas de São João somaram R\$ 318,6 milhões, o equivalente a 50,5% dos gastos com festividades gerais. Em 2025, foi registrado um aumento de aproximadamente 80% desses gastos com relação aos de 2023, totalizando R\$ 130,1 milhões empenhados pelos municípios paraibanos. Em fevereiro, a Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup) e a Associação dos Municípios do Cariri e Agreste da Paraíba (Amcap) reuniram-se com o Tribunal de Contas da Paraíba (TCE-PB) e o Ministério Público da Paraíba (MPPB) para discutir limites nos gastos com as festas juninas. “Esse assunto começou e tomou uma dimensão nacional por conta da Federação [dos Municípios] da Bahia, a União dos Prefeitos da Bahia. Eles levantaram essa preocupação e, lá na Bahia, eles chegaram, inclusive recentemente, a uma conclusão de limitar um valor a cada mu-



Foto: Julio Cezar Peres

Gestores reclamam do alto custo das atrações artísticas

nício para gastar em cachê de banda”, afirma o secretário-executivo da Famup, Pedro Dantas. A movimentação da Bahia iniciou-se em março, com o lançamento da campanha São João sem Milhão, em reação ao aumento expressivo dos cachês das bandas contratadas pelas prefeituras para atuar nas festividades juninas. A iniciativa da União dos Municípios da Bahia (UPB) tinha como objetivo racionalizar o uso dos recursos públicos destinados aos grandes eventos. No mesmo período, o Ministério Público da Bahia (MPBA), o Tribunal de Contas da Bahia (TCE-BA) e o Tribunal de Contas dos Muni-

cípios da Bahia (TCM-BA) assinaram uma nota conjunta, apontando novas orientações aos gestores municipais. Para definir o limite de gasto com um artista, é usada como referência a média do que a atração recebeu no São João de 2025, no mesmo estado. O valor-limite para contratação será estabelecido por essa média atualizada, considerando o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do ano corrente. Além do cachê individual, a diretriz também estabelece um limite para o orçamento geral da festa. Se o município gastou R\$ 2 milhões com o São João em 2025, ele deverá tomar esse valor como base para 2026, aplicando apenas



Foto: Divulgação/Famup

Representantes da Famup e do Ministério Público reuniram-se para debater soluções

a atualização monetária pelo IPCA. A ideia é evitar crescimento expressivo das despesas de um ano para o outro sem justificativa técnica ou financeira. Nesse ínterim, a Famup entrou em contato com a UPB e, em seguida, foi realizada uma reunião estratégica com os presidentes das nove federações do Nordeste. Segun-

do Pedro Dantas, o principal receio dos gestores “é o valor elevado que as bandas estão cobrando para a realização das festas, seja aqui, na Paraíba, seja em qualquer lugar”. De acordo com secretário-executivo, após a reunião com o TCE-PB e o MPPB, houve um entendimento claro de que os órgãos de controle não interferem na autonomia exe-

cutiva dos prefeitos em relação aos gastos do São João. “O olhar tanto do Ministério Público quanto do Tribunal de Contas é muito específico: ter cuidado, cautela com os pagamentos dos cachês [dos artistas], já que eles se elevaram bastante, justamente em paralelo com as despesas ordinárias de cada prefeitura”, reporta.

Ferramenta condiciona despesa à mitigação de crise hídrica

O Ministério Público da Paraíba iniciou, neste ano, o projeto chamado “Água Digna, Festa Legal”, que tem como objetivo unir gestão hídrica e gastos com festividades nos municípios, em especial os que estão em situação de emergência hídrica. Um dos pontos centrais da estratégia é a calculadora de compatibilidade hídrica — ferramenta técnica e auditável que visa condicionar o gasto público festivo à mitigação da crise hídrica com a proposição de medidas compensatórias.

O coordenador do projeto e do Centro de Apoio Operacional do Patrimônio Público, Fazenda e Terceiro Setor do MPPB, o promotor Arthur Magnus Dantas de Araújo, reforça que a iniciativa não tem o intuito de proibir contratações de *shows*, mas, sim, de garantir que os municípios adotem medidas compensatórias.

“O projeto não busca frear as contratações em si, mas que sejam adotadas medidas compensatórias, a depender da realidade do município em que o projeto for executado. Como exemplos de medidas compensatórias, podemos citar a elaboração de plano de contingenciamento e a construção de poços artesianos”, explica.

O promotor complementa que o órgão defende a necessidade de um “parâmetro razoável” para as contratações

artísticas, “compatibilizando os cachês pagos, a agenda cultural e a execução de políticas públicas de direitos fundamentais”. O promotor adverte que, caso ignorem o bom senso e gastem excessivamente em festas enquanto a cidade está em emergência, os gestores podem responder por improbidade administrativa. “Se vai recair em improbidade, apenas com elementos do caso concreto poderíamos fazer um juízo de valor, até porque, após a reforma legislativa de 2021, as hipóteses de improbidade diminuiram bastante. Entretanto, é possível o manejo de ação civil pública para compelir os entes a obrigações de fazer [essas medidas compensatórias]”, pondera. Por fim, o membro do MPPB afirmou que o órgão atuará em outras frentes para abordar a temática das contratações artísticas, inclu-

do a colaboração com o Tribunal de Contas.

Alertas

A atuação conjunta do Ministério Público estende-se ao acompanhamento técnico das finanças municipais. No âmbito do Tribunal de Contas do Estado (TCE-PB), o monitoramento das contratações para o São João foca na adequação dos gastos à realidade orçamentária das prefeituras. As Resoluções Normativas nº 03/2009, nº 01/2013 e nº 07/2015 do TCE-PB alertam os municípios para observarem rigorosamente as normas legais e os princípios da responsabilidade fiscal na realização de despesas com festividades. Segundo o presidente do TCE-PB, o conselheiro Fábio Nogueira, a Corte de Contas emite alertas aos municípios, de caráter preventivo e educativo, com o objetivo de orientar os gestores públi-

cos quanto à correta aplicação dos recursos e fortalecer a boa governança, a legalidade e a transparência na administração pública. “As despesas com festividades precisam ser compatíveis com a capacidade financeira da gestão e não podem, em hipótese alguma, comprometer a execução de po-

líticas públicas essenciais, como saúde, educação e assistência social”, ratifica. O descumprimento de qualquer dispositivo legal vigente ou das resoluções aplicáveis poderá resultar na aplicação de multa ao ordenador de despesas e/ou na determinação de ressarcimento ao erário.

Saiba Mais

Relembre os gastos registrados no ano passado com festas juninas na Paraíba, segundo o Sagres/TCE-PB:

Município	Valor empenhado
Santa Rita	R\$ 11.301.500,00
Sapé	R\$ 7.799.759,97
Santa Luzia	R\$ 7.596.345,75
Monteiro	R\$ 4.443.103,83
João Pessoa	R\$ 3.077.907,66
Esperança	R\$ 2.962.175,54
Conceição	R\$ 2.586.275,76
Campina Grande	R\$ 2.374.384,00
Cabedelo	R\$ 2.350.666,78
Cajazeiras	R\$ 2.163.022,27



Governo Federal promoverá a formação profissional e tecnológica de mulheres em situação de vulnerabilidade social

CONSCIENTIZAÇÃO

Iniciativa busca combater violência contra mulheres

Ações dão concretude ao Pacto Brasil para o Enfrentamento do Feminicídio

Da Redação
com Agência Gov

O Ministério da Educação (MEC) e o Ministério das Mulheres lançaram, na última semana, um pacote de ações para mobilização nas escolas em combate à violência de gênero. As ações dão concretude às iniciativas previstas no Pacto Brasil entre os Três Poderes para o Enfrentamento do Feminicídio, firmado, em fevereiro deste ano, entre o Governo Federal, o Congresso Nacional e o Poder Judiciário. As propostas envolvem da Educação Básica à pós-graduação e abrangem desde a prevenção até o acolhimento de mulheres em situação de violência.

A ministra das Mulheres, Márcia Lopes, e o ministro da Educação, Camilo Santana, assinaram uma portaria interministerial que dispõe sobre a inclusão no currículo escolar de conteúdos relativos ao combate à violência contra meninas e mulheres. A iniciativa deve impactar cerca de 46 milhões de estudantes da Educação Básica em todo o país.



O trabalho entre ministérios e organizações é uma construção que reflete a realidade e os desafios em todas as instituições do país

Márcia Lopes

O ato prevê, ainda, que o Conselho Nacional de Educação (CNE) terá 30 dias para instituir uma comissão destinada a elaborar proposta de aperfeiçoamento das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. A medida visa conscientizar estudantes e professores sobre a importância da Lei Maria da Penha e reforçar a cultura de proteção à mulher na sociedade.

Protocolo de intenções

MEC e Ministério das Mulheres também firmaram um protocolo de intenções com universidades públicas, institutos federais e o Colégio Pedro II — instituição de ensino público federal localizada no Rio de Janeiro —, com o objetivo de prevenir e enfrentar a violência e discriminação contra as mulheres nessas instituições.

Entre as principais atribuições previstas no protocolo estão:

- prevenir situações de assédio, discriminação, abuso ou violência contra mulheres;
- acolher mulheres em situação de violência nas instituições de ensino;
- coibir práticas discriminatórias e encaminhar casos às autoridades competentes;
- implementar núcleos de acolhimento nas instituições;
- divulgar amplamente os canais formais para denúncias;
- promover programas de valorização e incentivo à liderança das mulheres nos espaços acadêmicos;
- incentivar planos de trabalho para enfrentamento da violência e envolvimento de homens como aliados na prevenção;
- assegurar que o protocolo e os canais de denúncia sejam acessíveis, com versões em linguagem simples, Língua Brasileira de Sinais (Libras) e formatos inclusivos.

A ministra das Mulheres, Márcia Lopes, ressaltou a importância da ini-

■ **Propostas envolvem da Educação Básica à pós-graduação e abrangem desde a prevenção até o acolhimento de vítimas**

ciativa para transformar a realidade dentro das universidades.

“Este protocolo visa estimular campanhas permanentes, para que os planos pedagógicos incorporem esse conteúdo e que todos os currículos de graduação incluam o debate sobre gênero, raça e etnia. Que cada universidade tenha uma política de prevenção e atendimento às estudantes e servidoras. O trabalho entre ministérios e organizações é uma construção que reflete a realidade e os desafios em todas as instituições do país. Essa ação conjunta fortalece o compromisso federativo que amplia as condições para que o protocolo seja implementado de forma efetiva em todas as regiões do Brasil”, afirmou.

O ministro da Educação, Camilo Santana, destacou a atuação conjunta entre os ministérios do Governo do Brasil, as instituições representativas e as organizações de mulheres, destacando a importância de o debate ser inserido na Educação Básica. “Sabemos que essa discussão [de prevenção e combate à violência contra meninas e mulheres] precisa começar lá no início, com nossas crianças e jovens nas escolas brasileiras”, defendeu.

Para Camilo Santana, as ações dialogam com a Lei nº 14.164/2021, intitulada “Lei Maria da Penha vai às escolas”. “Não estamos lançando apenas políticas públicas, estamos afirmando um projeto de país, um Brasil onde meninas possam estudar sem medo,



Camilo Santana

Estamos afirmando um projeto de país, um Brasil onde o conhecimento seja um instrumento de libertação, e não de exclusão

um Brasil onde mulheres possam ocupar todos os espaços, um Brasil onde o conhecimento seja um instrumento de libertação, e não de exclusão”, enfatizou o ministro.

Cooperação técnica

Os ministérios também assinaram um acordo de cooperação técnica para a ampliação das vagas do Programa Mulheres Mil, iniciativa que promove a formação profissional e tecnológica de mulheres em situação de vulnerabilidade social. O programa articula educação, cidadania e autonomia econômica.

O objetivo é qualificar 10 mil mulheres nas áreas das Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática, mediante a oferta de cursos de capacitação técnica e profissional. As vagas são destinadas, prioritariamente, a mulheres negras, indígenas, quilombolas e residentes em áreas periféricas urbanas ou em zonas rurais, por meio da Bolsa-Formação, no âmbito do Programa Nacional de Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), a ser executado em institutos federais em todo território nacional.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (37)

Tenho um gato preto chamado Cirilo, que está com Aids felina. O bicho tem quase 20 anos. Um idoso adético. Está sendo bem tratado pelo veterinário.

Infelizmente, não é de hoje que os gatos pretos sofrem maus-tratos devido a estigmas e superstições da sociedade. Esse preconceito tem raízes históricas e começou a ser disseminado na Idade Média, também conhecida como “Idade das Trevas”.

Pierre Granjeiro, historiador, explica que isso acontecia devido aos hábitos dos bichanos. “Como o gato preto era associado a estar à noite nos lugares, começou a ter uma crença de que essa era uma espécie de animal macabro”.

Muito mais que apenas um estigma disseminado entre as pessoas, os bichanos pretos foram até mesmo perseguidos pelo Tribunal da Inquisição, no século 15. Eles foram colocados nessa lista pelo Papa Inocêncio VIII.

Hoje é o dia de São Longuinho, aquele soldado que furou Jesus com uma lança. Esse soldado se arrependeu e acabou virando santo.

Diz a lenda bíblica que, ao furar o crucificado, saiu um líquido do corpo de Jesus que teria respingado nos olhos do soldado, curando-o instantaneamente de uma grave doença ocular.

Na tradição popular, São Longuinho é invocado para encontrar coisas perdidas. Diz outra lenda que Madame Preciosa reza todo dia para São Longuinho a fim de encontrar seu cabaço.

Se você perdeu a vergonha, é só repetir: “São Longuinho, São Longuinho, se eu achar a vergonha dou três pulinhos”.

Se perdeu a fé, não adianta apelar para São Longuinho. Ele não encontrará.

De um cachacista contemporâneo: “Aquele antiga leve ressaca, hoje vira uma doença, quase dengue, para quem tá com 70”.

Já não andamos com a faca nos dentes e sangue nos olhos. Vamos deixando nossas forças e nossa fé na bacia das almas, já no apagar das luzes, para ficar nos chavões do futebol.

Não aprontamos mais aquele salseiro dentro da área, perdemos o gol mais ou menos bisonhamente. Poderíamos ter liquidado a partida, mas é certo que a partida nos liquidará, botando ponto final no clássico.

O gol do epílogo é um gol por cobertura, com requintes de crueldade, aos oito segundos para terminar o segundo tempo. Ainda por cima, o centroavante abriu a caixa de ferramentas e pisou deslealmente no meu pé.

“O amor pela meu país está no meu sangue” (Maciel Caju).

“Pois, no meu sangue só tem colesterol” (Ameba).

Tenho pena de quem não sabe ler além das palavras.

As flores nada mais são do que o órgão sexual das plantas. Se aquela deputada pudibunda tiver ciência disso, mandava proibir os canteiros das rosas.

Gil Messias: “Velemos com zelo pelo poeta, porque a poesia não está no mundo, nem nas coisas, nem nas palavras; a poesia, na verdade, está mesmo é no peito do poeta”.

“Que nada! A poesia está por aí, em todo canto. Poeta só é o catador de invisíveis recicláveis” (José Sóter).

“E a única forma que pode ser norma/ é nenhuma regra ter/ é nunca fazer nada que o mestre mandar/ sempre desobedecer/ nunca reverenciar” (Belchior).

POPULAÇÃO ADULTA

Estudo mapeia saúde mental no país

Pesquisa inédita vai verificar a ocorrência de transtornos psíquicos e o acesso aos serviços de saúde no território

Agência Gov

O Ministério da Saúde (MS) iniciou a etapa nacional de coleta de dados da Pesquisa Nacional de Saúde Mental (PNSM-Brasil). Trata-se do primeiro grande estudo de base populacional dedicado exclusivamente a compreender a situação da saúde mental da população adulta brasileira.

A iniciativa foi anunciada pela pasta em janeiro deste ano, quando a etapa-piloto da pesquisa começou a ser realizada em oito municípios. Na fase inicial, foram testados os instrumentos de coleta, os procedimentos operacionais e as estratégias de abordagem nos domicílios, permitindo aperfeiçoar o questionário eletrônico, avaliar a duração das entrevistas e garantir a padronização na coleta de informações.

A PNSM-Brasil integra as ações de vigilância em saúde do Ministério da Saúde e tem como objetivo produzir evidências inéditas sobre a ocorrência de transtornos mentais no país, além de investigar o acesso aos serviços de saúde e os impactos dessas condições na vida das pessoas em todo o território nacional.

Os entrevistadores receberam capacitação específica sobre procedimentos éticos de pesquisa, abor-

dagem domiciliar e manejo adequado de temas sensíveis relacionados à saúde emocional.

A etapa nacional de coleta abrangerá municípios selecionados em todas as regiões do país, permitindo a obtenção de informações representativas da população adulta brasileira sobre diferentes aspectos da saúde mental e os desdobramentos referentes ao aten-

dimento na rede pública.

Contexto

Problemas relacionados à saúde mental, como depressão, ansiedade e uso excessivo de álcool e outras drogas, estão entre as principais causas de sofrimento, incapacidade e afastamento do trabalho no Brasil e no mundo.

Segundo a diretora do Departamento de Análise

Epidemiológica e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis (Daent) do Ministério da Saúde, Letícia de Oliveira Cardoso, ao participar da pesquisa, a população contribui para ampliar o conhecimento sobre a saúde mental no Brasil.

“A pesquisa fortalece a produção de evidências para políticas públicas, apoia a qualificação da organização dos serviços de

saúde mental no Sistema Único de Saúde (SUS) e contribui para a redução do estigma associado ao sofrimento psíquico”, explica.

Informação

Apesar de coletar dados importantes sobre um aspecto da saúde dos brasileiros, a pesquisa não tem caráter de diagnóstico médico e não substitui consulta ou atendimento de saúde.

■ Pesquisa vai investigar o acesso aos serviços de saúde e os impactos da saúde mental nas condições de vida das pessoas

Participação é voluntária e protegida por sigilo

A PNSM-Brasil é um estudo domiciliar com amostra probabilística representativa da população brasileira com 18 anos ou mais. Os domicílios participantes serão selecionados de forma aleatória, garantindo a representação de pessoas de diferentes regiões, perfis sociais e condições de vida. Em cada domicílio selecionado, uma pessoa será sorteada para participar da entrevista. Caso a sorteada não possa responder naquele momento, é possível agendar outro horário para a realização da entrevista.

Apenas um número limitado de domicílios será selecionado; portanto, a participação das pessoas convidadas é fundamental para que os resultados representem adequadamente a população brasileira.

Durante a abordagem, serão feitas perguntas sobre condições de saúde, experiências de vida, relações sociais, trabalho e renda, bem como aspectos de bem-estar emocional, uso de álcool e outras substâncias e busca por cuidados em saúde. A participação na pesquisa é voluntária e ocorre apenas após o consentimento livre e es-

clarecido do participante — que poderá interromper a entrevista ou deixar de responder alguma pergunta, se assim desejar.

Para garantir a confidencialidade, as respostas serão registradas em sistema seguro e os dados analisados de forma agregada, sem identificação individual. Todas as etapas seguem as normas éticas vigentes e a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

O Ministério da Saúde reforça que os pesquisadores atuam devidamente identificados e não serão solicitados dados bancários ou qualquer tipo de pagamento durante as entrevistas.

Critérios

Domicílios

participantes serão

selecionados de forma

aleatória, garantindo

a representação de

pessoas de diferentes

regiões do país

Fase-piloto ajudou a definir estratégias

A fase-piloto, realizada em janeiro, teve como objetivo estimar a prevalência de transtornos mentais, como depressão, ansiedade, uso de álcool e outras drogas, além de comportamentos relacionados ao suicídio. A iniciativa foi fundamental para assegurar a padronização dos procedimentos, a qualidade das entrevistas e o acolhimento adequado dos participantes.

Os entrevistadores passaram por um processo de treinamento que abrangeu o uso do questionário eletrônico, as orientações de abordagem domiciliar, os cuidados éticos no manejo de temas sensíveis relacionados ao sofrimento psíquico, uso de substâncias e ideações suicidas.

O trabalho teve início em municípios dos estados do Amazonas, Ceará, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e no Distrito Federal, incluindo cidades como Manaus, Sobral, Jundiá, São Paulo (capital), Porto Alegre, Santa Cruz do Sul, Campo Grande e Brasília.

Segundo Letícia de Oliveira Cardoso, a pesquisa é uma oportunidade de contribuição dire-

ta dos brasileiros à saúde pública. “Ao participar da PNSM, a população contribui para dar visibilidade à realidade da saúde mental no Brasil, reduzir estigmas e fortalecer o Sistema Único de Saúde com informações qualificadas para ampliar e qualificar o cuidado”, avalia a diretora do Daent.

Coleta de dados

Serão realizadas entrevistas presenciais em domicílios, com amostra probabilística representativa da população adulta brasileira. Essa fase da pesquisa será guiada por uma ferramenta padronizada internacionalmente e terá duração média de 60 minutos, conduzida por entrevistadores capacitados e apoio de questionário eletrônico aplicado em *tablets*.

O instrumento aplicado segue padrões internacionais recomendados para pesquisas sobre saúde mental.

Serviços de saúde

Além disso, ao final, a PNSM-Brasil permitirá uma avaliação do acesso e do uso dos serviços de saúde, como quantas pessoas buscam atendimento, quais tipos de cuidado

recebem e quais barreiras enfrentam para acessar o tratamento.

Os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde Mental permitirão estimar a prevalência de diferentes condições de saúde mental na população, permitindo compreender como esses agravos se distribuem conforme sexo, idade, escolaridade, renda e região do país, bem como identificar fatores de risco e de proteção associados às condições de vida, experiências de violência, discriminação e adversidades ocorridas na infância.

Melhoria do SUS

A coleta de informações ainda será útil para subsidiar o planejamento, o aprimoramento e a implementação de polí-

ticas públicas voltadas à promoção da saúde mental, à prevenção do sofrimento psíquico e ao fortalecimento da Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde.

“

Ao participar da PNSM, a população contribui para dar visibilidade à realidade da saúde mental no Brasil

Letícia de Oliveira Cardoso

Saiba Mais

Iniciativa inédita

■ A PNSM-Brasil é uma iniciativa inédita do Ministério da Saúde, com participação da Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente — por meio do Departamento de Análise Epidemiológica e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis — e também da Secretaria de Atenção Especializada à Saúde, por meio do Departamento de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas. A execução técnico-científica é de responsabilidade da Universidade Federal do Espírito Santo.

Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

NORDESTE

Editais somam mais de 830 vagas

Oportunidades estão distribuídas na Prefeitura de Itabaiana, na PM de Alagoas e no concurso unificado do RN

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Nem sempre a oportunidade mais interessante está logo ao lado de casa. Para muitos concurseiros, conquistar um espaço no serviço público significa considerar editais em cidades vizinhas e até em outros estados. Na Paraíba, um dos concursos que merecem destaque é o da Prefeitura de Itabaiana, com 126 vagas imediatas em áreas como saúde e educação. Fora do estado, a Polícia Militar de Alagoas (PM-AL) abriu 530 vagas para candidatos de nível médio, enquanto o concurso unificado do Rio Grande do Norte reúne quase 180 oportunidades em órgãos estratégicos da administração estadual.

Agreste paraibano

Muito aguardado pelos concurseiros paraibanos, o edital de Itabaiana contempla vagas imediatas e formação de cadastro reserva para níveis médio, técnico e superior. Das 126 oportunidades oferecidas, 49 são para o cargo de professor, com atuação em diferentes disciplinas — de Matemática a Educação Física, passando por Ciências e Informática. Também há vagas para enfermeiros, médicos, dentistas, fonoaudiólogos, analista de redes, agentes fiscais e engenheiros, entre outras funções. Os salários variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 6 mil, com a possibi-

lidade de complementação de R\$ 5 mil para o cargo de médico da Estratégia Saúde da Família (ESF).

As inscrições devem ser feitas até 26 de abril, por meio do *site* do sistema da Comissão Permanente de Concursos da Universidade Estadual da Paraíba (CPCon/UEPB). De acordo com edital, as taxas cobradas variam de R\$ 95, para cargos de níveis médio e técnico, a R\$ 115, para os de nível superior e magistério. Quanto à avaliação, o certame prevê a aplicação de prova objetiva para todos os cargos, marcada para 24 de maio, além de etapas complementares para funções específicas — prova prática para condutor socorrista e análise de título para candidatos de nível superior. Todo o processo será realizado em Itabaiana.

Segurança pública

Já entre as seleções com maior volume de vagas, está o edital da PM de Alagoas. São 530 oportunidades para candidatos de nível médio, distribuídas entre os cargos de soldado do quadro de praças e oficial de Estado-Maior. Durante o período de formação, o salário inicial para soldado-aluno é de R\$ 2,3 mil, podendo chegar a R\$ 6 mil após a conclusão do curso. No caso da carreira de oficial, os valores variam de R\$ 3,8 mil a R\$ 4,7 mil durante a formação, alcançando R\$ 11,5 mil na fase de as-



Concurso unificado do Rio Grande do Norte tem vagas para diferentes órgãos da administração, com remuneração de até R\$ R\$ 4,6 mil

pirante. A jornada é em regime de dedicação integral, conforme o edital.

Organizado pelo Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebraspe), o concurso, cujas inscrições vão até 30 de abril, será composto por várias etapas, incluindo provas objetiva e discursiva, previstas para 19 de julho, além de teste de aptidão física, avaliação psicológica, exames de saúde, investigação social e exame toxicológico. As provas serão aplicadas nas cidades de Maceió e Arapiraca.

Seleção unificada

Outra oportunidade relevante é o concurso unificado do Rio Grande do Norte, realizado pela Secretaria de Estado

da Administração (Sead), que reúne vagas para diferentes órgãos da administração estadual, como o Departamento Estadual de Trânsito (Detran), a Central de Abastecimento (Ceasa) e o Instituto de Previdência dos Servidores (Ipern). A seleção é organizada pelo Instituto Avalia e segue aberta até 24 de abril. Para participar, é necessário desembolsar

de R\$ 120 a R\$ 150, conforme o nível de escolaridade.

Entre as funções disponíveis, há vagas para assistente de trânsito em diversas especialidades, agente administrativo previdenciário, técnico em abastecimento e assistente técnico previdenciário. Já para nível superior, as oportunidades são destinadas ao cargo de analista

de trânsito, em áreas como administração, direito, engenharia, estatística, economia, tecnologia da informação (TI) e psicologia. A remuneração varia de R\$ 1,7 mil a R\$ 4,6 mil, com jornada de 40 horas semanais e regime estatutário. Sobre a seleção, será aplicada uma prova objetiva, no dia 31 de maio, nas cidades de Natal, Mossoró e Caicó.



Use o QR Code para acessar o edital da Pref. de Itabaiana



Use o QR Code para acessar o edital da PM-AL



Use o QR Code para acessar o edital da Sead-RN

Fonoaudiólogo é elo entre saúde, educação e qualidade de vida

Falar, ouvir, compreender e alimentar-se parecem processos tão naturais quanto respirar. Mas, quando alguma dessas funções falha, é o fonoaudiólogo quem entra em ação para ajudar a restabelecer essas conexões fundamentais. Presente em todas as fases da vida, da infância até o envelhecimento, esse profissional não atua somente com a correção da fala, como muitos pensam; na realidade, ele trabalha com aprendizagem e reabilitação, passando pela voz, audição e deglutição. Como resume a fonoaudióloga Dayane Nóbrega, especializada em linguagem infantil, trata-se de uma profissão que impacta a qualidade de vida de crianças, adultos e idosos — sendo estratégica tanto na saúde quanto na educação.



Dayane entende a profissão como forma de transformar vidas

Transformação

Embora o caminho até a profissão tenha começado pela voz, a graduação revelou um campo muito mais amplo do que ela imaginava. Segundo Dayane, foi o interesse pelo canto que despertou sua curiosidade inicial pela fonoaudiologia, mas a vivência na faculdade provou que poderia ir além desse universo. “Percebi que poderia atuar em diversas áreas, ajudando pessoas não só a falar, mas, também, a se comunicar melhor, se alimentar com segurança e ter mais qualidade de vida”, relata. A formação ainda a ajudou a tornar-se mais comunicativa e segura no relacionamento com as pessoas, ao mesmo tempo em que

passou a compreender melhor a própria expressão. “Foi aí que a profissão deixou de ser apenas uma escolha e passou a ser um propósito. Hoje, eu entendo a fonoaudiologia como uma forma de transformar vidas, inclusive a minha”, resume.

Mais do que lidar com a fala, a profissão atravessa funções que estruturam o dia a dia das pessoas e que, muitas vezes, só são percebidas quando surge alguma dificuldade. Mas o impacto disso não é apenas clínico, como a especialista observa. Quando funções como falar, ouvir, mastigar e engolir são comprometidas, o indivíduo pode ter sua autonomia reduzida, o que repercute, tam-

bém, na autoestima e nas relações sociais. Além disso, limitações nessas áreas podem afetar o processo de aprendizagem e até a própria nutrição. Não por acaso, a atuação do fonoaudiólogo dialoga diretamente com áreas cruciais como saúde e educação. “A fonoaudiologia está ligada à educação, porque ajuda na aprendizagem, e à saúde, porque melhora a qualidade de vida”, resume.

Atualização

Nos últimos anos, à medida que o desenvolvimento humano passou a ser estudado com mais atenção, cresceu, também, a procura por acompanhamento especializado,

tornando a figura do fonoaudiólogo cada vez mais requisitada pela sociedade. Antes associado a hospitais e clínicas, esse profissional passou a ocupar espaços mais variados, como escolas e empresas, acompanhando questões ligadas não apenas à aprendizagem, mas à comunicação e qualidade de vida. Para acompanhar esse movimento, porém, não basta estar atento às novas abordagens terapêuticas: a profissão exige atualização constante, tanto no campo técnico quanto no humano. Segundo Dayane, investir no próprio conhecimento faz diferença na prática e na qualidade do atendimento oferecido. “É preciso atualizar-se constantemente. Isso foi um diferencial para mim, porque sempre procurei investir no meu conhecimento e me manter em constante aprendizado”, reforça.

Se a graduação oferece a base teórica, é na prática que o profissional compreende a complexidade da sua atuação clínica. A especialista explica que, além do conhecimento técnico, habilidades comportamentais e emocionais são decisivas no exercício diário de escuta qualificada. É preciso saber ouvir tanto o paciente quanto a família, assim como gerir as próprias expectativas e emoções. “A forma como a gente se comunica com os pais influencia diretamente no resultado da terapia”, observa. Com o tempo, reforça Dayane, o profissional aprende a respeitar o ritmo de cada caso

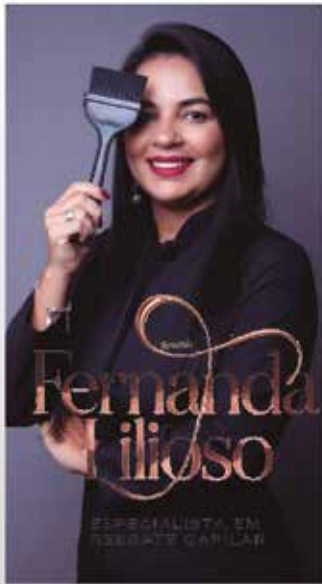
e a buscar estratégias baseadas em evidências, construindo uma atuação mais segura.

Atuação no serviço público

Para quem pretende prestar concurso na área, a fonoaudióloga recomenda investir em uma formação sólida e desenvolver um olhar clínico que vá além da teoria, compreendendo o papel do profissional dentro da sociedade. “Também é importante ter sensibilidade. No serviço público, lidamos com diferentes realidades, e isso exige empatia, escuta e compromisso”, finaliza.

No concurso da Prefeitura de Itabaiana, há uma oportunidade para o cargo de fo-

noaudiólogo, com jornada de 40 horas semanais e remuneração de R\$ 2,8 mil. Conforme o edital, o profissional será responsável pelo diagnóstico e tratamento de distúrbios da comunicação humana, atuando em aspectos relacionados à audição, linguagem e motricidade oral (controle e coordenação dos músculos da face e da boca para funções como fala, mastigação e deglutição). A função exige formação superior em Fonoaudiologia e registro no conselho profissional, além de habilidades voltadas à avaliação clínica e à condução de processos de reabilitação.



CANSADA DE PASSAR HORAS ARRUMANDO O CABELO? ELA VAI TE AJUDAR A FICAR PRONTA EM 5 MINUTOS

ATENDIMENTO NO CONFORTO DA SUA CASA

LIGUE AGORA : (83) 98724-7975

O Luxo do Salão No Conforto Da Sua Casa.

A CABELEIREIRA DAS ESTRELAS

Com mais de 18 anos de experiência, Fernanda Lilio une ciência e estética para transformar seu cabelo através do Alinhamento Natural. -Meu foco não é apenas a beleza, é a saúde real do seu fio.

Serviços Exclusivos a Domicílio:

- Alinhamento com Movimento Natural
- Reposição de Massa, Lipídios e Aminoácidos
- Tratamentos Personalizados e Coloração
- Finalização Premium (Escova e Babyliiss)

SERVIÇOS COM ASSINATURA FERNANDA LILIOSO : @fernandalilioso

Selic	Sálário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 18 de março de 2026					IPCA do IBGE (em %)	
14,75%	R\$ 1.621	-0,28%	-0,32%	-0,12%	Fevereiro/2026 0,7	181.556,77 pt
		R\$ 5,241	R\$ 6,036	R\$ 6,976	Janeiro/2026 0,33	
					Dezembro/2025 0,33	
					Novembro/2025 0,18	
					Outubro/2025 0,09	-0,64%

CIDADE CONECTADA

Divulgação em redes sociais impacta negócios na capital

Marketing de influência tem potencial de trazer retorno até cinco vezes maior

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Quem procura um lugar para sair ou para comer em João Pessoa começa, muitas vezes, pelo celular. Um vídeo rápido mostra uma nova padaria, fatias generosas de torta servidas na praça ou um quiosque à beira-mar com batida de coco. É assim que se cria o desejo pelo consumo em um bar recém-descoberto em Miramar ou por restaurantes temáticos, que vão desde o universo de Harry Potter até o Sertão nordestino. E esses empreendimentos passaram a atrair novos públicos depois de aparecerem em perfis de gastronomia e cultura.

Nas redes sociais, essas indicações circulam como recomendações pessoais, em que perfis dedicados a explorar a cidade registram visitas, descrevem suas experiências e apresentam histórias de quem está por trás de cada negócio local. Nesse cenário, influenciadores digitais passaram a ter um poder determinante para impulsionar, ou simplesmente ignorar, negócios na Paraíba. Mas quais seriam as implicações disso?

Para Thiago Ferreira, sócio e proprietário da Autêntica Pizzaria, significou tudo. Formado em publicidade e com cerca de 10 anos de experiência na área, ele decidiu aplicar os conhecimentos de Comunicação no próprio negócio gastronômico. A presença nas redes sociais viralizou desde o lançamento da pizza “Pau no Mito”,



Pizzaria de Thiago Ferreira cresceu em número de vendas a partir de ações nas redes

durante a pandemia, e uma ação em que “pizzas” foram distribuídas impressas em frente a um batalhão do Exército, em meio a manifestações políticas da extrema direita.

O tom provocativo e cheio de humor teve forte repercussão digital. “Quando a gente surgiu, há seis anos, não éramos praticamente ninguém. O primeiro ano foi mais de trabalho de formiguinha, melhorando o produto. A partir do segundo ano, começamos a divulgar mais e a pizza foi crescendo de forma assombrosa”, lembra Ferreira. “A gente é uma pizzaria pouco conhecida dentro de várias marcas grandes de João Pessoa. Então, a gente sentiu que precisava trazer algo diferente no marketing”.

Um dos caminhos foi o marketing de influência, que se tornou uma indústria global mul-

tibilionária. Os investimentos publicitários migraram para as redes sociais por meio de indivíduos que monetizam audiências digitais. Pesquisas de mercado mostram que cerca de 23% das empresas afirmam destinar mais de 40% do orçamento de marketing a campanhas com influenciadores, segundo levantamentos compilados pelo Influencer Marketing Hub. De acordo com o estudo, cada US\$ 1 investido nessa modalidade gera, em média, US\$ 5,78 de retorno.

Os resultados apareceram com o tempo. De acordo com Thiago Ferreira, o volume de vendas passou de cerca de 40 pizzas em um dia para uma média atual de até 150 unidades. Em algumas ações específicas de divulgação, o movimento chegou a 250 pizzas em um único dia.

Nas redes sociais, o perfil da empresa cresceu de cerca de cinco mil para mais de 30 mil seguidores. Parte da explicação está no tipo de relação que esses perfis constroem com o público.

Conteúdos produzidos por criadores de conteúdo costumam gerar taxas de engajamento mais altas do que publicações institucionais das próprias marcas. Mas o empresário também aposta na própria exposição como dono do negócio. Segundo ele, mesmo criadores de conteúdo com públicos menores, mas mais específicos, podem gerar maior identificação. “Influencer é um papel que está em constante mudança. Esse microinfluenciador trabalha mais nichado e, às vezes, consegue dar um pouco mais de legitimidade para o conteúdo”, comenta.

Perfil divulga experiências para criar conexões

Se, para os empresários, os influenciadores funcionam como uma estratégia de visibilidade, para quem produz conteúdo essa atividade tornou-se uma profissão. Um exemplo é Giotto, publicitário criador da página Pra Ver e Comer JP, no Instagram. Mineiro, ele mora em João Pessoa há quatro anos e criou o perfil, inicialmente, para divulgar arte e cultura da cidade, depois de perceber a dificuldade

de encontrar informações sobre eventos e espaços culturais locais. Com o tempo, o projeto transformou-se em uma espécie de curadoria digital.

“A gente faz uma comunicação voltada para a experiência. E essa experiência fura a bolha. Eu não queria comunicar de qualquer jeito. Queria abraçar pequenos empreendedores, gente de feira, negócios menores que, muitas vezes, ficam à margem

da divulgação”, diz. Hoje, o perfil soma cerca de 23 mil seguidores e mantém um crescimento médio de 34% ao mês. Segundo Giotto, as publicações geram mais de 710 mil visualizações e alcançam mais de 100 mil contas por mês. Em um ano e oito meses, a página passou de 640 seguidores para mais de 23 mil.

Entre as publicações de maior alcance, estão vídeos com dicas do que fazer na cidade, agendas culturais e sugestões de passeios e restaurantes. Apesar disso, Giotto afirma que o mercado enfrenta resistências, já que parte dos empresários continua tratando o trabalho do influenciador como simples permuta, oferecendo produtos em troca de divulgação. “Um prato de comida a gente tem em casa. Não vou trocar horas de trabalho por dois hambúrgueres”, afirma.

O modelo também apresenta outros desafios estruturais para empreendedores. Um deles é a saturação de formatos repetitivos nas redes sociais, que pode reduzir a credibilidade de determinados perfis. Há, ainda, um fator que afeta tanto empresas

quanto criadores de conteúdo: a dependência das plataformas digitais. O alcance das publicações está sujeito às regras dos algoritmos das redes sociais, que podem mudar sem aviso e alterar drasticamente a distribuição do conteúdo.

O alcance dessas recomendações, porém, não depende apenas do número de seguidores. Para Thiago Ferreira, a eficácia das campanhas está ligada à capacidade de manter uma comunicação que pareça autêntica. “É importante olhar para essas pessoas e entender qual é o perfil delas, se elas têm uma linguagem parecida com a da empresa. Senão a comunicação fica massificada e o produto começa a parecer genérico”, observa.

Do lado do influenciador, a lógica é semelhante. Giotto diz que seu trabalho depende justamente da relação de confiança construída com quem acompanha o perfil. “O público percebe quando aquilo é só publicidade. Por isso, eu tento sempre contar a história do lugar, mostrar quem está por trás do negócio. É isso que cria conexão”, aponta.

Economia em Desenvolvimento

Marcílio Correia
marciliorcorreia.professor@gmail.com | Colaborador

Páscoa em cenário restritivo

A chegada da Páscoa, tradicionalmente ligada a celebrações religiosas e momentos em família, também provoca mudanças relevantes no comportamento de consumo das famílias brasileiras. Em um contexto econômico ainda sensível às oscilações de preços e renda, a economia doméstica ganha maior importância, exigindo planejamento e decisões mais conscientes por parte dos consumidores.

Esse cenário não se baseia apenas em percepção. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que a inflação oficial tem girado em torno de 4% ao ano, mas os alimentos continuam pressionando mais intensamente o orçamento. Em vários períodos recentes, esse grupo registrou aumentos de 6% a 8%, afetando diretamente o consumo, sobretudo entre as famílias de menor renda.

Um dos principais símbolos da Páscoa, o chocolate, costuma concentrar altas sazonais. A alta do cacau no mercado internacional, somada à variação do câmbio, aliada a custos logísticos e tributários, eleva os preços e impacta no orçamento, especialmente das famílias de renda média e baixa, que acabam readequando suas tradições à realidade financeira. Levantamentos da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) indicam que os preços dos chocolates frequentemente sobem acima da inflação geral.

Esse cenário ocorre em um momento delicado. Segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), cerca de três em cada quatro famílias brasileiras estão endividadas. A entidade aponta uma crescente fragilidade financeira, confirmada pelos dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor: em fevereiro de 2026, 80,2% dos lares tinham dívidas, o maior patamar desde o início da série histórica, em 2010, e 3,8% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Diante disso, observa-se uma mudança no perfil de consumo, em que muitos consumidores têm buscado alternativas mais acessíveis, como barras de chocolate, caixas de bombons ou até a produção caseira de ovos de Páscoa. Essa última opção tem ganhado espaço não apenas como estratégia de economia, mas também como oportunidade de renda extra, estimulando pequenos negócios e movimentando a economia local.

Outro ponto importante é a substituição de produtos tradicionais por opções mais baratas ou em promoção. Durante o período, supermercados e comércio intensificam estratégias de vendas, com descontos, kits promocionais e facilidades de pagamento. Mesmo assim, é fundamental que o consumidor evite compras impulsivas, que podem comprometer o equilíbrio financeiro nos meses seguintes.

Além do chocolate, a inflação dos alimentos também impacta outros itens típicos da Semana Santa. Produtos como peixes e azeites apresentam variações de preço que exigem planejamento. Nesse sentido, a pesquisa de preços torna-se essencial para garantir economia e evitar gastos desnecessários.

Nesse contexto, a educação financeira ganha destaque. Planejar compras com antecedência, comparar preços e controlar o uso do crédito são atitudes fundamentais para reduzir impactos no orçamento doméstico. Em um período marcado por forte apelo comercial, o consumo consciente é decisivo para evitar endividamento.

Na Paraíba, onde muitas famílias convivem com restrições orçamentárias, adaptar-se à realidade econômica já faz parte do dia a dia. Ainda assim, a criatividade do consumidor permite manter tradições sem comprometer as finanças.

Mais do que uma celebração religiosa, a Páscoa também se torna um momento de decisões econômicas importantes. O desafio é nivelar tradição e responsabilidade, mantendo o espírito da data sem prejudicar o orçamento. Em tempos de incerteza econômica, o consumo consciente consolida-se como a melhor estratégia para atravessar datas comemorativas com equilíbrio e segurança.



Giotto dá dicas culturais e sugestões de restaurantes

NOVA FASE

Governo moderniza Garantia-Safra

Instituição de uma estratégia de adaptação climática fortalece capacidade produtiva de agricultores familiares

Agência Gov

O Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) publicou, na última semana, o Decreto nº 12.889/2026, que representa um avanço na modernização do Garantia-Safra. A norma atualiza a regulamentação do programa e inaugura uma nova fase ao instituir a Estratégia de Adaptação Climática da Agricultura Familiar, marco na incorporação de ações estruturantes para a convivência com as mudanças climáticas no campo.

A publicação do decreto ocorre em um contexto de fortalecimento das ações do Governo do Brasil voltadas ao semiárido. Nesse sentido, o ministro Paulo Teixeira destaca a ampliação de iniciativas direcionadas à região, com foco na produção de alimentos e na permanência das famílias no campo, diretrizes que dialogam com as mudanças promovidas na regulamentação do Garantia-Safra.

Criado para assegurar renda mínima a agricultores familiares em situação de perda de safra, o Garantia-Safra operava, até então, sob a lógica estabelecida pelo Decreto nº 4.962/2004, centrada na compensação financeira



Foto: Albino Oliveira/MDA

Política incentiva a produção de alimentos em locais como o semiárido e contribui para permanência de famílias no campo

após eventos climáticos adversos. Com a nova regulamentação, o programa mantém essa função, mas amplia significativamente seu alcance ao incorporar instrumentos voltados à redução da vulnerabilidade produtiva.

Para o secretário de Agricultura Familiar e Agroeco-

logia do MDA, Vanderley Ziger, a modernização das diretrizes do programa re-flete o compromisso com o futuro do campo diante das mudanças climáticas globais. “Estamos qualificando o Garantia-Safra para que ele atue não só na proteção de renda, mas também

no fortalecimento da produção. Com essas atualizações, ampliamos o acesso a tecnologias e conhecimentos que permitem ao agricultor produzir mesmo em condições adversas, garantindo permanência no campo com mais segurança e autonomia”, afirma.

Transformação

A principal inovação do decreto é a criação da Estratégia de Adaptação Climática da Agricultura Familiar, que redefine o papel do Garantia-Safra no contexto das políticas públicas. Para além da proteção de renda em situações de perda, o programa

passa a incorporar uma abordagem estruturante, voltada à convivência com o semiárido e ao fortalecimento das capacidades produtivas das famílias agricultoras.

A estratégia prevê o incentivo à diversificação produtiva, à adoção de tecnologias sociais e agroecológicas e à ampliação da segurança alimentar e nutricional, contribuindo também para a autonomia econômica das famílias. Outro avanço é a integração entre políticas de transferência de renda e ações de fomento produtivo, superando o caráter predominantemente reativo do modelo anterior.

O decreto também autoriza a utilização de recursos do Fundo Garantia-Safra em ações estruturantes, desde que preservados o pagamento dos benefícios e o equilíbrio financeiro do fundo. Com isso, parte dos recursos poderá ser direcionada a iniciativas que reduzam a recorrência das perdas agrícolas, diminuindo, no médio e longo prazo, a pressão sobre o próprio mecanismo de compensação. Na prática, o fundo passa a combinar proteção de renda com indução ao desenvolvimento rural sustentável.

Redução de índice mínimo de perda favorece acesso

O Decreto nº 12.889/2026 também introduz avanços institucionais e operacionais relevantes, com medidas que ampliam o acesso, qualificam a gestão e modernizam a execução do programa. Entre os principais pontos, destacam-se:

- Redução do percentual mínimo de perda de 50% para 40%, ampliando o acesso ao benefício;
- Fortalecimento dos mecanismos de validação e controle antes do pagamento dos benefícios;
- Definição mais clara das competências do órgão gestor e dos entes federativos;
- Modernização dos processos de inscrição, seleção e adesão por meio de sistemas informatizados.

Essas medidas consolidam a transição do programa para um modelo orientado por evidências, com maior transparência, rastreabilidade e segurança na execução. O decreto também aperfeiçoa a lógica de financiamento do Fundo Garantia-Safra ao estabelecer parâmetros mais claros para a participação dos entes federativos. A definição de percentuais mínimos de contribuição para União, estados, municípios e agricultores amplia a previsibilidade orçamentária e reforça o caráter compartilhado da política. A incorporação de critérios de sustentabilidade financeira fortalece a capacidade do fundo de responder a eventos climáticos cada vez mais frequentes e intensos.

Agenda sustentável

Com o decreto, o Garantia-Safra passa a articular proteção social e promo-

ção da resiliência produtiva. A criação da Estratégia de Adaptação Climática alinha o programa aos desafios contemporâneos da agricultura familiar, especialmente diante do agravamento dos eventos climáticos extremos.

Ao incorporar ações de adaptação, o programa passa a dialogar com agendas mais amplas, como a segurança alimentar e nutricional, sustentabilidade ambiental, inclusão produtiva e desenvolvimento territorial. A nova abordagem amplia o papel do programa, que passa a atuar não apenas na resposta a perdas, mas também na redução de vulnerabilidades e no fortalecimento de sistemas produtivos mais adaptados e sustentáveis.

Entenda

O Garantia-Safra é um benefício que assegura condições mínimas de subsistência a agricultores familiares da Região Nordeste, do norte de Minas Gerais, Amazonas, além de outras áreas sujeitas a perdas por eventos climáticos extremos. O programa cobre prejuízos em culturas fundamentais como feijão, milho, arroz, mandioca e algodão.

Os pagamentos referentes à safra 2024–2025 foram iniciados neste mês e vão beneficiar, nesta primeira etapa, mais de 685 mil agricultoras e agricultores familiares. Ao todo, 934 municípios de 11 estados serão contemplados com um volume total de recursos que ultrapassa R\$ 823 milhões. O cronograma segue as portarias de autorização para municípios com perdas validadas.

Crédito para setor pecuário é ampliado

Também nesta semana, o Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou a Resolução CMN nº 5.288, que amplia as finalidades financiáveis no âmbito do Programa de Financiamento a Sistemas de Produção Agropecuária Sustentáveis (RenovAgro). A partir de agora, produtores rurais poderão acessar crédito rural para a aquisição de sêmen, óvulos e embriões destinados ao melhoramento genético de bovinos, bubalinos, ovinos e caprinos, bem como para os respectivos serviços de inseminação artificial e transferência de embriões, biotecnologias reprodutivas que aumentam a produtividade da pecuária brasileira.

O RenovAgro é o principal instrumento de crédito rural voltado à promoção de sistemas de produção agropecuária de baixo carbono no Brasil. A inclusão do melhoramento genético animal entre as finalidades financiáveis reforça a estratégia do programa de apoiar tecnologias que elevam a eficiência produtiva e reduzam a pegada ambiental dos sistemas pecuários.

Estudos técnicos demonstram que a adoção da inseminação artificial em tempo fixo (IATF) pode reduzir em até 37% a pegada de carbono por litro de leite produzido na pecuária leiteira e em até 49% a pegada de carbono por quilograma de peso vivo em sistemas de bovinos de corte em ciclo completo, em comparação com sistemas baseados exclusivamente na monta natural. Esses ganhos decorrem da redução



Foto: J. F. Dionio/Estação Conteúdo

Recursos agora poderão ser adquiridos para melhoramento genético de bovinos

da idade ao primeiro parto, da diminuição do intervalo entre partos e do aumento da eficiência produtiva do rebanho.

Entre os avanços produtivos documentados, destacam-se a redução da idade ao primeiro parto, de 48 para 24 meses, e a elevação da taxa de desmame, de 60% para 80%, em sistemas de bovinos de corte, com impacto direto sobre a competitividade da pecuária nacional.

O que muda

A norma acrescenta dispositivo ao Manual de Crédito Rural (MCR), no âmbito do RenovAgro, tornando financiáveis, sem limite percentual do valor total do projeto, ou seja, permitindo a utilização da integralidade do limite disponibilizado ao produtor pelo programa, atualmente de

R\$ 5 milhões, para a aquisição de material genético e os serviços associados de inseminação artificial e transferência de embriões. O prazo de financiamento para essa finalidade é de até cinco anos, com carência de até 12 meses após a contratação.

A mesma resolução também atualiza regras do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), ampliando o acesso dos agricultores familiares às mesmas biotecnologias reprodutivas, com taxas de juros diferenciadas para a aquisição de sêmen, óvulos e embriões destinados à pecuária de leite.

Carbono zero

A medida integra a agenda do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) de promoção de sistemas

produtivos mais eficientes e ambientalmente responsáveis. A pecuária brasileira responde por parcela relevante da economia nacional, e a melhoria dos índices reprodutivos dos rebanhos constitui uma das estratégias mais eficazes para aumentar a produção de alimentos com menor utilização de recursos naturais e menor emissão de gases de efeito estufa.

Para a Secretaria de Política Agrícola, a lógica é clara: rebanhos mais eficientes, do ponto de vista reprodutivo, permitem produzir a mesma quantidade de animais com menor número de matrizes, reduzindo o consumo de insumos, o metano entérico emitido pelo rebanho e os custos de produção, benefícios simultâneos para o produtor, para o setor e para o meio ambiente.

WEB SUMMIT

Empresas jovens estarão no Rio 2026 representando a PB

Três startups foram classificadas em competição realizada no estado

Iluska Cavalcante
Ascom Secties

Três *startups* da Paraíba venceram a competição de *pitch*es do Spotlight Paraíba e vão representar o estado no Web Summit Rio 2026. A premiação, que inclui inscrição, passagens aéreas e hospedagem, coloca os empreendedores locais no radar de investidores e grandes empresas do setor tecnológico.

Realizado no último dia 20 de março, no Centro de Convenções de João Pessoa, o evento foi promovido pelo Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), em parceria com o Web Summit. Reconhecido como uma das maiores conferências de tecnologia do mundo, o Web Summit chega à Paraíba com a proposta de conectar *startups* locais a uma rede global de inovação.

A competição foi um dos pontos altos da programação. Dez *startups* subiram ao palco para apresentar soluções inovadoras em áreas estratégicas, como saúde, indústria e tecnologia da informação. Ao final, três delas foram escolhidas como vencedoras: Sous Clinic, Lubit e Workibi, que garantiram participação com tudo custeado no Web Summit Rio 2026, que acontece de 8 a 11 de junho, no Rio de Janeiro.

“O Spotlight Paraíba é uma iniciativa inédita no país e mostra, na prática, a força do nosso ecossistema de inovação. Tivemos mais de 200 *startups* inscritas, inclusive de outros estados, e selecionamos empresas paraibanas que foram premiadas e agora vão representar o estado no Web Summit Rio”, ressaltou o secretário da Secties, Claudio Furtado.

Para Artur Pereira, diretor Brasil/Portugal do Web Summit, o avanço do ecossistema de inovação no estado foi determinante para a escolha de realizar essa parceria com a Paraíba. “Sabemos bem a evolução do ecossistema de *startups*, o investimento enorme que está a ser feito aqui no esta-

do e na cidade de João Pessoa. Isso vai alterar bastante a dinâmica econômica da região”.

Startups premiadas

Com foco em transformar a relação entre pacientes e profissionais de saúde, a Sous Clinic aposta na inteligência artificial (IA) como aliada do cuidado contínuo. A *startup* desenvolveu um agente de IA capaz de compreender o histórico do paciente e garantir maior adesão aos tratamentos.

Atualmente, a solução já acompanha mais de 2.200 pacientes na Paraíba e em Pernambuco, ajudando clínicas a se digitalizarem e oferecerem um atendimento mais próximo.

Para o CEO da empresa, André Campos, a vitória no Spotlight Paraíba simboliza uma trajetória de persistência. “Empreender não é fácil. A gente abdica de muita coisa, enfrenta noi-

tes em claro e desafios constantes. Esse prêmio mostra que tudo isso está valendo a pena, que estamos realmente gerando impacto. Queremos chegar no Web Summit maiores do que somos hoje. Vamos representar o Nordeste no maior evento de tecnologia do mundo, levando nossa história, nossa cultura e mostrando nossa força”.

Também no setor de saúde, a Workibi apresenta uma solução voltada à continuidade do cuidado após a alta hospitalar. A plataforma funciona como um sistema de navegação clínica, auxiliando médicos e pacientes tanto dentro quanto fora do hospital.

Com integração via WhatsApp, a ferramenta busca garantir que o paciente siga corretamente o tratamento, reduzindo reinternações e custos hospitalares. “A gente cuida do paciente depois da alta, garantindo que ele siga todas as orien-

tações médicas. Isso reduz internações e melhora a eficiência do sistema de saúde”, explicou o representante da *startup*, Wesllen Sousa.

Para ele, a conquista tem um peso simbólico importante. “É uma sensação de muita felicidade. É levar uma *startup* que nasceu aqui na Paraíba para um evento internacional e mostrar que o Nordeste também produz inovação de ponta”.

A Lubit completa a lista de vencedoras, com uma proposta voltada à indústria. A *startup* desenvolve soluções para otimizar processos produtivos, ajudando empresas a reduzir custos e aumentar a eficiência operacional. A ideia central é simples: aproveitar melhor os recursos já existentes para tornar a indústria nacional mais competitiva diante do mercado global. “Se conseguirmos melhorar o uso dos ativos que a indústria já tem, conseguimos reduzir custos e aumentar a competitividade frente a mercados internacionais”, disse Rubens Barreto, CEO da *startup*.

Para ele, o prêmio é resultado direto do esforço coletivo. “É uma honra enorme. Esse reconhecimento mostra que estamos no caminho certo e que nosso projeto tem potencial real”. Com ambições que ultrapassam o Brasil, a Lubit já mira novos mercados. “Queremos criar uma plataforma paraibana que atenda o mundo inteiro, Estados Unidos, Ásia, Europa. Com esse apoio, não tenho dúvida de que vamos alcançar grandes resultados”.

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Março termina, o protagonismo feminino continua

Geralmente, quando falamos de mulheres na ciência, mencionamos pesquisadoras estrangeiras e brasileiras que deixaram a sua contribuição no passado. No entanto, acredito na importância de falar das mulheres que, atualmente, fazem seu trabalho com grande profissionalismo e maestria, ocupando níveis de forte presença internacional e desenvolvendo projetos e produtos que colocam o país em um cenário de referência.

Em determinadas áreas na ciência, a participação feminina ainda é muito pequena, mesmo em 2026, quando o país tem, pela primeira vez na história, uma mulher como ministra de Ciência e Tecnologia. Luciana Santos é engenheira elétrica e teve toda uma carreira política de luta a favor da democracia e do bem-estar social das pessoas e, agora, dá a sua contribuição para melhorar o dia a dia da nossa ciência no Brasil, com grandes projetos e ações.

Mas hoje eu pretendo falar de uma mulher da física, mais precisamente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): Márcia Barbosa, que hoje ocupa também o cargo de reitora da UFRGS. Ela é uma pesquisadora renomada internacionalmente pelos seus estudos na física e também pelo trabalho que fez durante todos os anos da sua carreira pela diversidade na ciência, especialmente a presença das mulheres nas ciências exatas.

Márcia Barbosa tem sua formação de graduação, mestrado e doutorado pela UFRGS e pós-doutorado nos Estados Unidos. Ela é uma física brasileira de destaque e foi incluída pela revista *Forbes* na lista das 10 brasileiras que transformaram a ciência em 2026, além de já ter recebido o prêmio L’Oréal-Unesco Para Mulheres na Ciência. Márcia tem uma trajetória na física que é também uma amostra da pouca participação feminina na área: foi uma das poucas mulheres da sua turma de Física e é apenas a segunda reitora da história da UFRGS.

Ela sempre teve um papel destacado na disseminação de políticas públicas, ocupando recentemente cargo na Secretaria de Políticas e Programas Estratégicos do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. Como pesquisadora, desenvolveu trabalhos relevantes na física, especialmente no estudo sobre a anomalia da água.

Conheci Márcia há alguns anos e sempre a admirei pela sua atuação em eventos nos quais ela sempre se posicionava de forma muito forte, defendendo uma política nacional que incluísse uma maior inclusão feminina. Participou de vários fóruns de discussão dentro da Sociedade Brasileira de Física e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e tem sido uma verdadeira batalhadora pela participação da mulher no desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

E é com exemplos como o de Márcia, e de tantas mulheres do nosso passado que mencionei nas últimas colunas, que fui adquirindo, ao longo dos anos, a dimensão da importância dessa luta, que, embora não seja vivida por mim de forma direta, é uma causa à qual, como homem e gestor público, tenho o dever de me somar.

A defesa de programas que ampliem a presença das mulheres na ciência tem sido uma prioridade da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação, que, ao longo deste mês de março, anunciou ações concretas voltadas ao fomento de pesquisas lideradas por mulheres aqui na Paraíba.

Nessa busca por mais inclusão, equidade e fortalecimento das políticas afirmativas, a secretaria tem consolidado esse compromisso como uma política institucional. Hoje, a Secties se destaca como um órgão da administração pública estadual com forte participação feminina, com mulheres atuando de forma decisiva em gerências e assessorias estratégicas para o avanço da política estadual de ciência e tecnologia.

Encerramos o mês das mulheres não como um ponto final, mas como um reforço de compromisso: o de continuar ampliando vozes e garantindo que cada vez mais mulheres ocupem os espaços que sempre lhes pertenceram.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Fotos: Júlio Marinho



Evento, no dia 20 de março passado, tinha mais de 20 empresas emergentes na disputa



Secretário da Secties, Claudio Furtado ficou entusiasmado com o interesse dos representantes

EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

Pirarucu tem manejo sustentável

Programa remunera tratadores da espécie por serviços ambientais e avança na certificação orgânica da produção

O Governo do Brasil, por meio do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), lançou na quinta-feira (26), em Manaus (AM), o programa de Pagamento por Serviços Ambientais do Pirarucu (PSA Pirarucu). Essa é uma iniciativa inovadora que valoriza o manejo sustentável da espécie por comunidades tradicionais e indígenas do Amazonas como serviço ambiental relevante, que contribui para a conservação da biodiversidade, a manutenção da identidade social e cultural dessas comunidades e a recuperação das populações naturais do peixe, entre outros.

Também foi anunciada a portaria conjunta entre o MMA e os ministérios da Agricultura e Pecuária (Mapa) e da Pesca e Aquicultura (MPA) que, após oito anos de debates com manejadores, viabiliza a certificação orgânica do pirarucu criado em sistemas de manejo sustentável em terras indígenas e unidades de conservação, abrindo acesso a mercados mais valorizados e a programas de compras públicas com acréscimo de até 30% no valor pago.

Aproximadamente cinco mil pessoas serão beneficiadas pelo PSA Pirarucu, representadas por mais de 40 organizações comunitárias que atuam em 41 terras indígenas e unidades de conservação e promovem a conservação de mais de 20 milhões de hectares. Cerca de R\$ 15 milhões serão mobilizados por meio do projeto Floresta+ Amazônia, ao longo de dois anos, com financiamento do Green Climate Fund (GCF) e apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud).

As ações integram o Plano Nacional de Desenvolvimento da Bioeconomia (PNDBio), que traçará as diretrizes para a promoção da bioeconomia brasileira ao longo dos próximos 10 anos. Em fase final de elaboração, o PNDBio é o centro da estratégia brasileira para promover o uso sustentável da biodiversidade como vetor de desenvolvimento econômico, inovação e justiça social, valorizando as atividades de povos e comunidades tradicionais e populações indígenas e quilombolas e ins-



Em auditório lotado, a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva (C), destacou a importância do fortalecimento das economias da sociobiodiversidade

tituindo as bases de uma econômica que mantém a floresta em pé.

O PSA Pirarucu soma-se ainda ao Programa Nacional de Sociobioeconomia — Prospera, que estabelece diretrizes para o reconhecimento e a valorização do papel dos povos e comunidades tradicionais na prestação de serviços ambientais.

Em um auditório com ampla maioria de manejadores do pirarucu, de diferentes calhas de rios do Amazonas, a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, destacou a relevância da iniciativa para a agenda climática e para o fortalecimento das economias da sociobiodiversidade.

“O pagamento por serviços ambientais, aliado ao modo de vida de vocês, a maneira como pescam e realizam o manejo do pirarucu, representa um avanço importante na geração de renda. A estimativa é que, ao final da implementação do programa, cada manejador e manejadora tenha um aumento de cerca de 40% na renda, resultado da valorização do trabalho que já realizam na proteção e no uso sustentável dos

recursos naturais”, pontuou. “O pagamento por serviços ambientais é um reconhecimento pela forma de viver de vocês, sua forma de ser e de estar no mundo”.

O PSA Pirarucu busca superar as limitações dos instrumentos atualmente disponíveis ao manejo sustentável da espécie, como o alcance restrito de políticas de apoio e a baixa remuneração individual dos manejadores.

A iniciativa também marca um novo padrão para a bioeconomia amazônica, conforme ressaltou a secretária nacional de Bioeconomia do MMA, Carina Pimenta. “Este programa inaugura um novo padrão para a bioeconomia amazônica ao reconhecer, pela primeira vez, dois serviços essenciais prestados pelos manejadores do pirarucu: a proteção dos lagos e seus ecossistemas e a produção sustentável. É uma inovação que responde à realidade das comunidades e cria um modelo mais justo, resiliente e alinhado aos desafios climáticos”, disse.

O programa conta ainda com a parceria do Minis-

tério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), garantindo a integração com as políticas ambientais e de abastecimento do país. Foi construído ao longo do último ano com a contribuição de diversas organizações da sociedade civil e academia, entre elas o Coletivo do Pirarucu.

“Bioeconomia é o que já se faz na prática: está no trabalho dos manejadores e no dia a dia das populações que vivem nas unidades de conservação, seja no manejo do pirarucu ou de outras espécies”, defendeu o presidente do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Mauro Pires.

Produto orgânico

A portaria interministerial entre o MMA, Mapa e MPA institui o Regulamento Técnico para a Obtenção de Produtos Oriundos do Extrativismo Sustentável Orgânico, incluindo a possibilidade de produtos extrativistas de base animal, como o pira-

rucu de manejo sustentável, serem reconhecidos como orgânicos no Brasil.

Após oito anos de debates com manejadores, comunidades e especialistas, a medida amplia significativamente o acesso a mercados públicos e privados, contribuindo para o aumento substancial da renda das comunidades produtoras.

A certificação oferece impacto social direto ao beneficiar comunidades em maior vulnerabilidade ao permitir seu enquadramento como manejo extrativista sustentável orgânico, facilitando condições mais vantajosas de inserção nos mercados da sociobiodiversidade. Além disso, a certificação possibilita o acesso a iniciativas de compras públicas, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), com acréscimo de até 30% no valor pago pelos produtos.

Apoio a coletivos

Durante o evento, o MMA também apresentou o Edital de Apoio a Coletivos da Sociobioeconomia, que reconhece o papel essencial das organizações coletivas na construção de políticas públicas e inovação sustentável na Amazônia. A medida complementa o PSA Pirarucu ao reconhecer que o fortalecimento da sociobioeconomia amazônica depende não apenas de instrumentos de pagamento por serviços ambientais, mas também do empoderamento e articulação das organizações lo-

cais que protagonizam essas transformações.

O edital, que será lançado no dia 31 de março, foi desenvolvido em parceria com a Fundação Amazônia Sustentável (FAS) e o Banco Alemão KfW, visando fortalecer coletivos, redes, grupos, fóruns e observatórios da sociobioeconomia formados por organizações regionais que atuem na articulação política, mobilização e desenvolvimento de cadeias produtivas da sociobiodiversidade. O público prioritário inclui organizações de povos indígenas, povos e comunidades tradicionais e agricultura familiar que contribuam para o uso sustentável dos territórios amazônicos.

Visita a peixes-boi

Após a cerimônia de anúncio das iniciativas, a ministra Marina Silva visitou filhotes de peixes-boi mantidos pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa/MCTI) e pela Associação Amigos do Peixe-Boi (Ampa), que realizam a reabilitação dos animais.

■ Bioeconomia está no trabalho dos manejadores e no dia a dia das populações que vivem nas unidades de conservação



Ministra visitou filhotes de peixes-boi mantidos pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

COPA DO NORDESTE

Botafogo enfrenta o ASA no Almeidão

Retrospecto mostra equilíbrio nos confrontos entre paraibanos e alagoanos, que jogam às 18h30

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo recebe, hoje, no Almeidão, às 18h30, o ASA, pela segunda rodada da fase de grupos da Copa do Nordeste. O Belo vem de triunfo por 2 a 1 diante do Vitória, clube da Série A do Campeonato Brasileiro e, agora, conta com o apoio do torcedor no primeiro duelo que faz em casa após a conquista do Campeonato Paraibano. As equipes não se enfrentam desde 2017.

Na partida desta tarde, Lisca deve ter o retorno do meia Nenê, que não atuou no meio de semana, em Salvador. Além disso, o treinador deve contar com o mais novo reforço do clube pessoense. Na última quinta-feira (26), o Alvinegro da Estrela Vermelha anunciou a contratação do meio-campista Gustavo Silva, de 24 anos, que disputou o Campeonato Paraibano pelo Serra Branca.

Botafogo e ASA já se enfrentaram 18 vezes ao longo da história. De acordo com Raimundo Nóbrega, pesquisador e entusiasta da história botafoguense, o jogo de número 19 será o primeiro confronto valendo pela Copa do Nordeste. O retrospecto contabiliza seis vitórias para o Belo, cinco triunfos para os alagoanos e sete empates. Nos três últimos encontros, o time da Ma-

ravilha do Contorno não venceu o rival, tendo dois empates e uma derrota. Em 2017, ano dos encontros mais recentes, os clubes jogaram em duas oportunidades (2 a 1 para o Fantasma, em Arapiraca; 0 a 0 em João Pessoa).

O rival

O ASA volta à fase de grupos da Copa do Nordeste após 13 anos. Na última aparição no torneio, foi vice-campeão, perdendo o título para o Campinense em 2013. Na estreia de 2026, no Estádio Coaracy da Mata Fonseca, em Arapiraca, venceu o Piauí por 1 a 0, gol de Higor Leite, que atuou pelo Belo em 2020. No Campeonato Alagoano, foi derrotado pelo CRB na final, com um agregado de 3 a 1 (1 a 0 e 0 a 3).

Ingressos

Para hoje, o torcedor encontra os bilhetes com os seguintes valores: Arquibancada Leste Sol, meia R\$ 35 e inteira R\$ 70; Arquibancada Oeste Sombra, meia R\$ 45 e inteira R\$ 90; Cadeiras Numeradas, meia R\$ 50 e inteira R\$ 100; e Visitantes, meia R\$ 35 e inteira R\$ 70. A expectativa é de que o Almeidão receba um bom público. Durante a semana, o técnico Lisca e o presidente da SAE, Fillipe Félix, fizeram uma convocação para os torcedores por meio das redes sociais.

Foto: João Neto/Botafogo

Nenê deve ser a novidade do Botafogo para o jogo de hoje, contra o ASA, pela segunda rodada da Copa do Nordeste

No Estádio Albertão, o Sousa mede forças contra o Piauí

A partida entre piauienses e paraibanos acontece às 17h de hoje, no Estádio Albertão, em Teresina. Será a primeira partida da história entre os dois clubes. O Dino aplicou a maior goleada da primeira rodada, na partida contra o Confiança, a qual venceu por 4 a 1. O clube sertanejo não se abateu pelo vice-campeonato estadual e chegou forte para o regional. O Piauí perdeu para o ASA, em Arapiraca, por 1 a 0.

O treinador Alessandro Telles concedeu entrevista coletiva e tratou sobre a partida de hoje. O técnico analisou o triunfo da estreia e alertou sobre os detalhes que sua equipe continua errando. “Temos que pensar jogo a jogo. Acho que a responsabilidade aumenta, porque a gente fez um grande jogo de estreia. Nós temos que manter esse nível. Temos cometido muitos erros bobos que precisam ser corrigidos, mas isso são detalhes, que serão atenuados com o crescimento da equipe”, destacou.

Alessandro destacou que acompanhou os jogos do Piauí para criar uma estratégia para o confronto. A ideia é escalar um time que se encaixe com o jogo do rival deste domingo (29). O treinador também comentou sobre a importância do novo reforço do Sousa, Everton Heleno, que chegou após o Estadual, vindo do Campinense. O atleta



Everton Heleno comemora gol contra o Confiança, na vitória por 4 a 1, no jogo de estreia

Foto: Davi Ângelo/Sousa

marcou dois gols na vitória da primeira rodada. “A chegada do Everton, ela me dá algumas outras possibilidades de jogar num outro sistema, aliás, que foi o aplicado no 4 a 1”, disse.

Adversário

Em 2026, o Piauí tornou-se hepta campeão estadual. Na decisão, passou pelo Atlético-PI. Com o feito, o Enxuga Rato ampliou sua vantagem como quinto maior vencedor no ranking de maiores campeões do estado piauiense. Além da Copa do Nordeste, na sequência da temporada, a equipe vai jogar a Série D do Campeonato Brasileiro.

Outros jogos

Além dos jogos dos paraibanos, os outros confrontos de hoje também prometem fortes emoções. Às 16h, no Estádio Adauto Moraes, a Juazeirense-BA recebe o Itabaiana, abrindo a programação do dia. Na sequência, às 17h, dois jogos acontecem simultaneamente ao do Piauí e Sousa: Confiança enfrenta o Fluminense-PI no Batistão; e o ABC mede forças com o Sport no Frasqueirão, em um duelo que chama bastante atenção dos torcedores. Amanhã, a rodada se completa às 18h30, com a Jacuipense-BA enfrentando o América-RN no Estádio Pitéuçu, em Salvador.

FUTEBOL DE CEGOS

Regional será disputado em Campina

Rainha da Borborema vai sediar a competição de 7 a 12 de abril, com a participação de seis estados

A cidade de Campina Grande (PB) será sede do Regional Nordeste de Futebol de Cegos, competição que reunirá 12 equipes, de seis estados diferentes — Paraíba, Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco e Bahia — de 7 a 12 de abril, no Colégio Estadual da Prata (Rua Duque de Caxias, Prata). Esse será o primeiro compromisso de 2026 da modalidade no calendário esportivo organizado pela Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV). Brasília (GO) e São Paulo (SP) também receberão o Regional Centro/Norte e o Regional Sul/Sudeste, respectivamente.

“
Nosso primeiro objetivo era fazer o time e colocar na competição. Isso a gente conseguiu
Bamba

Os três regionais de futebol concedem uma vaga no Campeonato Brasileiro Série B 2026 aos times mais bem colocados que já não estejam previamente classificados para algumas das divisões nacionais. No caso do Regional Nordeste, Escema-MA, Apace-PB, Adesul-CE e Apadevi-PB já estão garantidas na Série A e Cedemac-MA na Série B, portanto não brigam pela vaga. Nos últimos quatro anos, a Apace-PB consolidou seu



Foto: Nayra Vanderley/CBDV

Nos últimos quatro anos, a Apace-PB consolidou o seu domínio na competição, alcançando quatro títulos, nas edições de 2022, 2023, 2024 e 2025

domínio no campeonato, conquistando quatro títulos regionais consecutivos, em 2022, 2023, 2024 e 2025, e se consagrando tetracampeã. Apesar do grande feito, a hegemonia histórica ainda pertence ao heptacampeão ICB-BA, que venceu pela última vez em 2018. Os paraibanos vão poder acompanhar cinco equipes da casa em ação: Apace, Apadevi, CRP, Apid e a nova equipe do Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste (IEACN), que chega com um time formado principalmente por jovens que cresceram dentro do próprio instituto. Muitos começaram no esporte ainda crianças, entre sete e oito anos. “Era um sonho meu for-

mar um time dentro do instituto, que nunca teve uma equipe de futebol de cegos. E hoje, com esses meninos, a gente está conseguindo realizar isso”, destacou Bamba, idealizador da equipe. Além disso, o time já traz na bagagem experiências importantes, como a participação e o título nos Jogos Escolares de 2025, e agora vive a expectativa de disputar uma competição importante como o Regional da CBDV. “Nosso primeiro objetivo era fazer o time e colocar na competição. Isso a gente conseguiu. Agora é deixar eles jogarem com alegria, saber que fazem o que gostam. E ter a presença dos pais também, que gera uma expectativa muito boa para

eles. Acho que isso serve de exemplo para as próximas gerações que estão chegando”, completou. O Regional Nordeste conta com três grupos com quatro equipes cada. Todos jogam entre si nas chaves em turno único, e os oito melhores colocados, independentemente do grupo, avançam para as quartas de final. Na primeira rodada, no dia 7 de abril, os times paraibanos estarão em ação. A partir das 8h30, a Apace-PB enfrenta o IEACN-PB, às 10h será a vez da Acep-PI jogar contra o Cedemac-MA e às 11h30, o confronto entre Adesul-CE x Apid-PB. Depois do intervalo para o almoço virão os jogos a partir das 14h com Neacep-PI x AF-CP-PE, Apadevi-PB x CRP e Escema-MA x Ajece-BA.

Equipes

- Grupo A:**
Apace-PB (Associação Paraibana de Cegos)
Acep-PI (Associação dos Cegos do Piauí)
Cedemac-MA (Centro Desportivo Maranhense de Cegos)
IEACN-PB (Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste)
- Grupo B:**
Adesul-CE (Associação D’Eficiência Superando Limites)
Neacep-PI (Núcleo Esportivo da Associação dos Cegos do Piauí)
AFCP-PE (Associação Futsal de Cegos de Pernambuco)
Apid-PB(Associação Paraibana de Inclusão aos Deficientes)
- Grupo C:**
Apadevi-PB (Associação Paraibana dos Deficientes Visuais)
Escema-MA (Escola de Cegos do Maranhão)
Ajece-BA (Associação Jequeense de Cegos)
CRP-PB (Clube Real Paralímpico)

PATROCÍNIO

Flamengo pode bater R\$ 467,6 milhões em valor de uniforme

Agência Estado

O Flamengo aprovou mais um patrocínio para o uniforme. A novidade é a montadora chinesa GAC. O contrato tem três anos de duração, até 2029, com valor estimado em R\$ 12,5 milhões anuais. A marca ficará estampada nos calções de jogo e camisas de treino e pré-jogo do time. No começo de março, o clube rubro-negro também havia anunciado a empresa de consórcio Ademicon para a barra inferior frontal das camisas de jogo, treino e aquecimento do time masculino. O acordo também vai até 2029 e deve render R\$ 14 milhões por ano. Com tudo isso, o Flamengo chega a 11 parcerias em uniformes e deve bater mais de R\$ 467,6 milhões por ano com patrocínios, incluindo o patrocinador de material esportivo, a Adidas. O maior deles vem do máster, com a Betano, que paga

R\$ 268,5 milhões. “Esse incremento nas receitas e a procura cada vez maior por grandes empresas refletem a grandiosidade da gestão, que se tornou referência no futebol brasileiro”, analisa o sócio-diretor da Channel Associados e especialista em finanças no esporte, Moises Assayag. Para o máster do uniforme, os valores pagos ao Flamengo são maiores do que 14 times da Premier League, além de outros clubes de grandes ligas da Europa, como o Atlético de Madrid. Os R\$ 268,5 milhões anuais do Flamengo significam 42,3 milhões de euros, ou 34 milhões de libras. Apesar de não ser o suficiente para entrar no top 10 da Europa, a quantia faz frente aos patrocínios do Velho Continente. “Quando tivermos nossos jogos transmitidos para todo o mundo, como o caso da Premier League, por exemplo, com certeza aumentaremos as cifras, assim como teremos um maior

número de marcas globais ocupando esses espaços”, diz o CEO da Heatmap e especialista em patrocínios e ativações de marketing esportivo, Renê Salviano. Para especialistas e executivos do marketing esportivo, as cifras alcançadas pelo Flamengo retratam o tamanho que o clube se tornou dentro e fora de campo, com visibilidade global e a comprovação de um trabalho eficiente de gestão alcançada por seus departamentos que vão além do futebol, como comercial e finanças. “Ainda que o festival de acordos de patrocínio com valores surpreendentes feitos pelas casas de apostas ao futebol brasileiro já tenha ficado para trás, propriedades premium como o Flamengo seguem no radar”, aponta Ivan Martinho, professor de marketing esportivo pela ESPM. “Elas são alvo natural de empresas grandes que têm planos ambiciosos para o mercado brasileiro, justamente por reunirem

grande alcance, alta visibilidade e capacidade de ativação em escala nacional”, afirma. Em janeiro deste ano, o Flamengo subiu uma posição e passou a figurar como o 29º clube no relatório “Football Money League 2025”, elaborado pela Deloitte, como a principal referência de avaliação financeira da indústria do futebol. Foi o único brasileiro dentre os 30 citados. De acordo com a publicação, a instituição registrou receita estimada em 202,7 milhões de euros na temporada 2023-2024, aproximadamente R\$ 1,26 bilhão. O Football Money League colocou Real Madrid, Barcelona e Bayern de Munique no topo da lista. O Flamengo também tem diversificado suas fontes de receitas, firmando acordo com empresas de relevância no mercado. Entre elas está a Absolut Sport, agência multinacional de experiências esportivas, que é parceira oficial da Conmebol.



Foto: Adriano Fontes/Flamengo

Flamengo segue muito forte no mercado publicitário

GRUPO C

Haiti ansioso para jogo contra Brasil

Seleção caribenha está de volta a uma Copa do Mundo depois de 54 anos e sonha surpreender os adversários

A Copa do Mundo da Fifa 2026 está cada vez mais perto — faltam menos de 75 dias —, e o Haiti está ansioso para jogar o torneio pela segunda vez. Após 52 anos de ausência, a seleção caribenha conta com um técnico bastante viajado para essa empreitada: o francês Sebastien Migne.

O Haiti foi sorteado ao lado de Brasil, Marrocos e Escócia em um grupo C bastante desafiador.

“Caímos em um grupo difícil, com o Brasil, que para todos é a seleção mais icônica da história da Copa do Mundo, e um time marroquino que chegou às semifinais na última edição”, disse Migne à Fifa. “Olhando pelo lado positivo, certamente estaremos sob os holofotes, o que é uma recompensa tremenda para nossos rapazes. Agora teremos que entrar em campo e provar que estamos à altura do desafio”.

O treinador de 53 anos, que conduziu os insulares à tão sonhada qualificação para a Copa do Mundo sem nunca ter pisado no país caribenho assolado por conflitos, conhece bem as dificuldades do futebol de seleções, tendo atuado como auxiliar técnico de equipes como Omã, República Democrática do Congo e Togo, antes de se tornar treinador principal do Congo, Quênia e Guiné Equatorial.

No entanto, o momento de maior destaque da carreira nômade de Migne como treinador aconteceu, sem dúvida, no banco de reservas de Camarões na Copa de 2022, no Catar, onde atuou como braço direito de Rigobert Song.

Os Leões Indomáveis tiveram uma campanha louvável na fase de grupos, que começou com uma derrota bastante cruel, por 1 a 0, para a Suíça, após uma exibição promissora. Em sua partida seguinte, contra a



Fotos: Divulgação/Fifa

Jogadores do Haiti comemoram a classificação para a Copa do Mundo após eliminatórias

Sérvia, os camaroneses lutaram muito para conquistar um ponto, depois de estarem perdendo por 3 a 1, aos 53 minutos.

Precisando da vitória na última partida da fase de grupos, contra os favoritos brasileiros, que já estavam classificados, para ter alguma esperança de avançar, o capitão Vincent Aboubakar marcou o único gol da partida nos acréscimos do segundo tempo. Um triunfo histórico, muito celebrado.

Apesar de terem garantido a vitória sobre os gigantes sul-americanos, que haviam promovido várias alterações, a noite acabou sendo agridoce para os craques africanos, com a vitória dos suíços por 3 a 2 sobre a Sérvia, garantindo a classificação junto dos brasileiros.

Quatro anos depois daquele feito épico no Estádio Lusail e com o foco em arquivetar uma segunda vitória sobre a Seleção, Migne saboreou a oportunidade de reverir aquele triunfo tão heroico.

“Tive a sorte de enfren-

tar o Brasil na última Copa do Mundo, com Camarões. As coisas não correram nada mal para nós naquela partida”, brincou. “Vamos tentar repetir esse feito. Se fosse uma série melhor de 10, não teríamos chance, mas tudo pode acontecer em um só jogo. É isso que todos nós amamos no futebol e na Copa do Mundo”.

Classificação à Copa

O país caribenho fez sua estreia em Copas em 1974, disputada na Alemanha. A seleção do Haiti ocupa a 84ª posição no ranking mundial da Fifa, segundo dados de dezembro de 2025.

Os Granadeiros, como são conhecidos os jogadores do Haiti, passaram com sucesso pelas duas fases que disputaram nas Eliminatórias da Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (Concacaf). Na segunda fase, a equipe terminou em segundo lugar no grupo C, atrás de Curaçao, somando três vitórias e uma derrota em quatro partidas.

Na terceira fase, em um grupo bastante forte, com Costa Rica e Honduras, ambas habituadas à Copa do Mundo, além da Nicarágua, os haitianos sofreram apenas uma derrota, contra Honduras, e somaram quatro pontos contra a Costa Rica, resultado decisivo para conquistar a liderança do grupo C, com 11 pontos, garantindo a presença na Copa dos Estados Unidos, México e Canadá.

1974

Ano em que o país caribenho fez a sua estreia em Copa do Mundo, torneio disputado na Alemanha. Seleção ocupa a 84ª posição no ranking da Fifa

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Exemplo está aí

Já marcava mais de 22h no bonito e caro relógio, que nem sei pronunciar o nome da marca, do meia do Botafogo, Nenê, quando ele recebeu uma ligação ilustre na noite do último sábado (21). Do outro lado da linha digital em que a ligação agora é atendida com um xingamento de amigos após a cara de quem liga saltar na tela do celular de quem atende, e vice-versa, um dos maiores jogadores do passado brasileiro: Neymar.

O camisa 10 do Santos fazia questão de ligar para seu grande amigo, o camisa 10 do Belo, que àquela altura comemorava a conquista do título paraibano, sacramentado horas antes, no Estádio Almeidão, diante do Sousa, com mais de 21 mil botafoguenses nas arquibancada para ver Nenê e companhia buscarem mais uma taça para o Belo. Com Nenê contratado com a tarefa de alcançar essa e outras missões, o Paraibano 2026 realmente virou vitrine, e todo o Brasil foi obrigado a ver que na Paraíba tem futebol. Ou, pelo menos, torcida, visto que os times paraibanos, em campo, até aqui, ainda demonstram várias fragilidades.

Mas nem é disso que trato aqui hoje. Fiquei pensando como Neymar tem ao seu lado um “parça” para chamar de seu, que tem 44 anos e ainda consegue viver glórias, mesmo que não as maiores da carreira de um futebolista, já próximo ao fim da sua fantástica trajetória, que acumula títulos, reconhecimento em clubes de vários países, incluindo algumas idolatrias.

No auge dos seus 34 anos, 10 a menos do que Nenê, Neymar é um produto também de escolhas, como todos nós. No seu caso, eu diria que muito mais delas do que de acasos. Diante de todo seu poder econômico e de seu *status*, arduamente conquistado, com muito suor, mas ainda mais com um talento herdado do divino, o jogador já lidou e segue lidando com todo tipo de gente e de exemplos. Desde os “parças” que deve ter conhecido na infância ou adolescência e que leva para a vida numa espécie de gratidão afetiva, mas, ao que me parece, para também nunca largar a mão desses tempos, negando a inexorável vida adulta que sempre chega — tá bom, Ney, eu também muito lamento isso... mas encaro — a grandes personalidades. Umas que são bons exemplos. Outras que não são. Pessoas que prosperaram financeiramente, seja como tenha sido. Grandes ídolos. Muitos talentos desperdiçados da bola. Líderes religiosos e políticos. Tudo isso passa, em algum momento, pelo olhar do jogador. Neymar pode ter quase todo mundo que quiser do lado. Só, talvez, eu, Lula e Bruna Marquezine não topamos orbitar o planeta Neymar hoje em dia. O fato é que o ex-craque pode se aproximar de quem quiser e ter perto quem preferir. E seguir exemplos que julgue que deve seguir. Não é que ele não tenha escolha. Neymar conviveu com Messi, por exemplo. E para a mim não é à toa, ou apenas crédito ao vigor da juventude, que foi com o argentino e no Barcelona o melhor momento técnico daquele que é o melhor talento futebolístico brasileiro da sua geração. Foi tendo Messi como exemplo diário, em um clube enorme e que fazia questão de deixar claro que era maior do que Neymar, que o atacante brilhou e fez o mundo ser melhor para tanta gente que dá importância a uma bola.

Hoje, como sempre, Neymar tem vários exemplos ao lado. Acredito que mais ruins do que bons. Mais bajuladores do que amigos reais, que devem acarinhar, mas que também deveriam ter conversas espinhosas. Mas, para além disso, Neymar tem exemplos que falam com atitudes. Boas e ruins. Não são poucos os acessos a boas pessoas, dignas de inspirar, que Neymar tem. Um deles, aliás é parça. O seu amigo Nenê, de 44 anos, que foi campeão paraibano pelo Belo. A essa altura de sua carreira já consolidada, o Campeonato Paraibano é também uma Copa do Mundo. A de Nenê. E, para conquistar ela, o jogador foi atleta, profissional. Entendendo que, para ter conquistas em um mundo de *performance* que exige do físico, é preciso ter renúncias e foco. De trabalhos árduos para além do ordinário, com treinos individuais, além dos do cronograma do clube. Nenê faz treinos em casa, se cuida, dorme cedo. Bota a bota de recuperação no sofá do apartamento. Entra em câmara hiperbárica semanalmente para recuperar os músculos. Não joga pôquer de madrugada. Demanda suas atenções para a carreira, respeitando o contrato, seu clube e a profissão. Sabendo que são seus últimos momentos de profissional. Tudo isso porque disse que quer e demonstra que quer ganhar a sua Copa do Mundo, que agora é colocar o Belo na Série B. Neymar não precisa querer igual. Ninguém precisa ser igual a ninguém. Nem ser profissional para sempre. Mas quem diz que quer disputar a Copa do Mundo deste ano precisa mostrar que quer. E fazer por onde. O que Neymar não faz. Mesmo tendo um grande exemplo para seguir bem próximo.



O capitão Vincent Aboubakar, de Camarões, marcou o único gol da partida na vitória sobre o Brasil, nos acréscimos do segundo tempo, em 2022

COPA DO MUNDO

Zico cobra mais dedicação de Neymar

Ex-jogador cita Messi e Cristiano Ronaldo como exemplos de grandes profissionais ainda atuando em alto nível

Agência Estado

Um dos grandes nomes do futebol brasileiro e com três Copas do Mundo no currículo, Zico sempre foi protagonista na Seleção Brasileira. A menos de três meses do início do Mundial que acontecerá nos Estados Unidos, México e Canadá, ele comentou sobre a indefinição que cerca a ida de Neymar ao mais importante torneio de seleções do planeta e questionou o atleta.

Zico citou Messi e Cristiano Ronaldo como os outros dois nomes que sempre estiveram no mesmo patamar do brasileiro e cobrou dedicação do atleta santista. “Nesse mundo que estou falando [em termos de talento], é Messi, Cristiano Ronaldo e Neymar. São os três. Mas os outros dois são tremendos profissionais e ele não estava sendo”.

Em entrevista à ESPN, o ex-astro disse ser fã confesso do atacante do Santos, mas fez ressalvas sobre ao retorno do camisa 10 da Vila Belmiro.

“Quero mais que ele se recupere, jogue, sou um fã, Deus deu um talento para ele como poucos. Nos últimos dois, três anos, qual foi o período que o Neymar teve essa continuidade de jogos”, afirmou Zico.



Foto: Raul Baretta/Santos

Para o Galinho de Quintino, uma avaliação correta sobre o atleta só pode ser feita se ele tiver uma sequência bem maior de partidas pelo time santista

Para o Galinho de Quintino, uma avaliação correta só pode ser feita se o atleta demonstrar isso jogando seguidamente. “Esse é o problema, a saúde dele. Põe o Neymar para jogar 10 jogos seguidos no San-

tos, aí você pode fazer uma avaliação”.

O maior ídolo flamenguista discordou de que uma não convocação de Neymar possa trazer um peso a mais para Carlo Ancelotti e os atletas do grupo no caso de o Brasil

não conquistar o hexacampeonato. “Não sei. Depende de como ele estiver”, afirmou.

Zico viveu uma situação parecida há 40 anos, quando foi convocado para o Mundial do México sem estar totalmente recuperado de uma

grave lesão no joelho. Nas partidas que o Brasil realizou na Copa, ele iniciou sempre no banco de reservas para entrar no decorrer dos confrontos.

Apesar do seu esforço, o ex-craque acabou ficando marca-

do por desperdiçar um pênalti no tempo normal em duelo contra a França. O empate terminou em 1 a 1, a equipe comandada à época por Telê Santana foi eliminada na disputa por penalidades e voltou para casa mais cedo.

Mbappé não imagina uma Copa sem o craque do time santista

Marina Borges
Agência Estado

O atacante Kylian Mbappé saiu em defesa de Neymar ao comentar a ausência do brasileiro nas últimas convocações da Seleção. Em entrevista à ge TV, o francês destacou a relevância do camisa 10 no cenário mundial e afirmou ter dificuldade em imaginar uma Copa do Mundo sem a presença do atleta.

Durante a conversa, Mbappé foi questionado sobre o protagonismo da Seleção Brasileira — se hoje a equipe deve ser vista como o time de Neymar ou de Vinícius Júnior. O francês preferiu dividir o peso entre os dois nomes.

“Que pergunta [risos]! Acredito que pode ser dos dois. Vini agora necessita dar um passo a mais na Seleção, mas Neymar é Neymar. Neymar é um grandíssimo jogador. A Copa do Mundo é a competição das estrelas. Todas as estrelas estão aqui e, no meu livro, Neymar é uma das maiores estrelas. Não vejo o Mundial sem Neymar. Mas ao final não posso ir contra o meu ex-treinador, que é o Ancelotti. Tenho que respeitar a sua decisão”, afirmou. Mbappé também lembrou o período em que atuou ao lado do brasileiro e ressaltou o impacto técnico do jogador dentro de campo.

“Para mim, Neymar é um jogador que faz muita diferença. Eu joguei com ele, aprendi muito com ele. É ver como ele está. Mas eu conheço Neymar, ele vai se preparar, vai estar lá, eu o conheço [risos]”.

Em tom descontraído, Mbappé também foi questionado



Foto: Reprodução/Instagram @mbappe

Mbappé brilha no Real Madrid e na Seleção Francesa

nado sobre a possibilidade de disputar a Libertadores no futuro. O atacante não descartou a ideia e citou até um possível destino. “Quem sabe? Nunca sabemos o que vai acontecer. Vou perguntar a Vini se ele me deixa ir assistir a um jogo do Flamengo na Copa Libertadores”, brincou.

Aos 27 anos, Mbappé é o grande expoente de uma geração francesa que chegou a duas finais de Copa do Mundo consecutivas. Em 2018, foi campeão na Rússia. Em 2022, no Catar, marcou um *hat-trick* na final contra a Argentina — feito inédito na história do torneio.

Ainda pela França, conquistou a Nations League em 2021 e disputou duas Eurocopas. São 56 gols em 138 jogos, a apenas

um de igualar Giroud como o maior artilheiro da história dos Bleus. Ele marcou na vitória sobre o Brasil por 2 a 1, na última quinta-feira, em Boston.

56

Número de gols marcados por Kylian Mbappé jogando pela Seleção Francesa; o último foi contra o Brasil, no amistoso da última quinta-feira, nos Estados Unidos

Noite da LITERATURA

Terça, 31/03, às 19h na Livraria A União

PARAÍBA na LITERATURA VII

Memórias A UNIÃO Volume 2

Lançamentos: Memórias A União II e Paraíba na Literatura VII

Livraria A UNIÃO

A UNIÃO

UNION

GOVERNO DA PARAÍBA



Proposta do livro é rememorar pessoas e legados importantes para uma sociedade mais justa e democrática; Ibiapina será o quarto paraibano a constar no projeto, caso o seu nome seja aprovado no Senado Federal

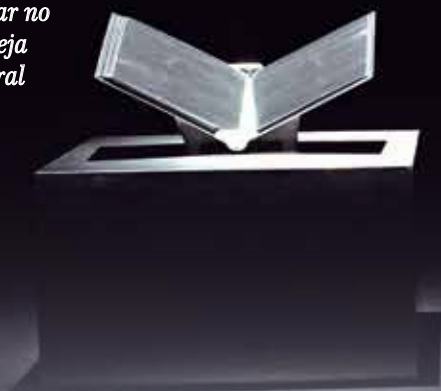


Foto: Geraldo Magela/Agência Senado

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Passado quase um ano do decreto do Vaticano que reconheceu virtudes como fé, esperança e caridade em grau heroico no padre Ibiapina, missionário que se dedicou ao trabalho social na região do Cariri, entre o Ceará e a Paraíba, uma notícia voltou a animar seus admiradores. Trata-se da aprovação do nome do religioso na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados para que ele seja inscrito no *Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria*. O projeto de lei proposto pelo deputado Luiz Couto (PT-PB) deve ser levado ao plenário do Parlamento e, caso não haja recursos, será encaminhado ao Senado para apreciação.

Couto, que é natural de Soledade, cidade paraibana que se formou a partir de um cemitério e uma capela fundadas pelo padre Ibiapina, afirma nutrir uma profunda admiração pela trajetória do missionário não só pela proximidade histórica de seus feitos, mas principalmente pelo compromisso do religioso com a justiça social. “Ele dedicou sua vida aos pobres, à educação, à caridade e à promoção da dignidade humana. Por isso, apresentei esse projeto com a convicção de que o Brasil precisa reconhecer oficialmente personalidades que fizeram do serviço ao próximo uma missão de vida”, declarou.

Sem desvincular a fé das ações em favor dos mais vulneráveis, padre Ibiapina não mediu esforços para construir hospitais de emergências quando a epidemia de cólera assolava a província da Paraíba, dizimando quase um terço de sua população. Para o parlamentar, a presença transformadora do chamado “Peregrino da Caridade” no Nordeste e seu testemunho de solidariedade, cuidado com os pobres e defesa da dignidade humana o tornam uma figura que merece ser tomada como exemplo.

“A possível inclusão do nome de padre Ibiapina no *Livro de Heróis e Heroínas da Pátria* representa um ato de justiça histórica e de reconhecimento nacional a uma figura extraordinária do nosso povo. Significa afirmar que o Brasil também se constrói a partir do exemplo daqueles que dedicaram a vida ao bem comum, à solidariedade e à justiça social. É uma homenagem à memória de padre Ibiapina, mas também um reconhecimento da contribuição do Nordeste à formação moral, social e humana do país”, destaca o parlamentar.

O reitor do Seminário Maior da Diocese de Guarabira, padre José Lucas Nóbrega, aprofundou a vida do

missionário, que é considerado venerável pelo Vaticano e confessa que fica feliz com a possível homenagem, que considera mais do que justa. Ele relata que, quando começou a pesquisar sobre o padre Ibiapina, perguntava-se o porquê de um homem de grande relevância histórica ficar por tanto tempo no esquecimento.

“Em meados de 1855, apenas com dois anos de padre, alastrou-se por Pernambuco e nas províncias vizinhas uma epidemia de cólera e, quando todo mundo estava fugindo dos rincões do interior, que não tinham hospitais, Ibiapina fala com o bispo, deixa todos os cargos que tinha na Diocese de Olinda e se mete no interior do Nordeste do Brasil, para salvar e socorrer as vítimas, consolar as famílias dos mortos. Ele começou a construir cemitérios, tanto no sentido cristão da caridade de dar descanso e respeito aos mortos, como no sentido

profilático, atento à questão da higiene e da saúde”, relata o sacerdote.

É nesse contexto de grande orfandade e escassez, que surgem as 22 Casas da Caridade nas províncias do Ceará, Pernambuco, Paraíba, Piauí e Rio Grande do Norte, construídas em mutirões que eram incentivados pelo religioso. Padre José Lucas faz questão de frisar que todas essas ações não contavam com recursos do Império. A pregação e as orações eram acompanhadas de gestos concretos realizados com a força do próprio povo.

“Padre Ibiapina deixa uma mensagem de otimismo para o povo brasileiro. A sociedade de sua época tinha seus desafios, como seca, fome, epidemia e a corrupção na política, mas esse homem não desistiu. Como um bom brasileiro, diante do sofrimento e das situações extremas, ele não desistiu nem jamais desanimou. Com o povo, ele fez a diferença e foi um pioneiro. Padre Ibiapina mostra que, se nos unirmos, nós que muitas vezes somos excluídos e até tratados com certo preconceito por sermos nordestinos, podemos mudar a nossa própria realidade”, aponta o presbítero.

Padre José Lucas destaca, ainda, outros fatos da trajetória do religioso que corroboram a proposta de sua inscrição como Herói da Pátria, como sua atuação como juiz, advogado e político, assim como o próprio nome “Ibiapina”, acrescentado ao nome de batismo pelo pai, Francisco Miguel Pereira, como homenagem à terra que o acolheu, mas também em razão de seu espírito patriota. Basta dizer que o pai de Ibiapina participou da Confederação do Equador, foi preso, condenado e fuzilado em praça pública.

Livro da memória

Para a historiadora Noemia Oliveira, a indicação de padre Ibiapina como herói nacional diz não só sobre o homenageado, mas também sobre o próprio brasileiro como povo personalista, muito propenso a condensar lutas e pautas políticas em figuras proeminentes, assim como de um contexto social que vive carente de lideranças, a ponto de buscar alguém de dois séculos atrás para reconhecer seus feitos. Isso não significa que a pesquisadora, que estudou a atuação do padre Ibiapina no mestrado e doutorado, discorde da proposta. Ela considera que reconhecer a trajetória do religioso nordestino, assim como de outras pessoas já inscritas no *Livro de Aço*, representa uma forma importante de referendar histórias de vidas que até bem pouco tempo eram silenciadas no Brasil.

“O livro acaba sendo um lugar de memória, no qual as pessoas podem ir lá e visualizar o nome dessas pes-

soas, ou pelo menos saber que elas existiram, mas também um lugar de reconhecer que nosso país tem histórias políticas, de lutas e enfrentamentos que, muitas vezes, não somos dados a pensar nelas”, recorda a pesquisadora, elencando nomes de religiosos como José de Anchieta, frei Caneca, Antônio Conselheiro e dom Helder Câmara que já figuram no *Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria*.

Noemia Oliveira chama atenção, ainda, para como estes nomes são reveladores de como as lideranças religiosas têm se destacado no campo de ações políticas, já que a proposta do livro é rememorar pessoas e legados importantes para uma sociedade mais justa e democrática. No caso do padre Ibiapina, ela destaca que ele pode ser o primeiro a ressaltar um caráter de política filantrópica e assistencialista junto às populações mais pobres, evidenciando também essa dimensão histórica nacional.

“Diferente de outros religiosos, a atuação de padre Ibiapina nas províncias do Norte, que hoje a gente conhece como Nordeste, tem ações que foram concretizadas, e as Casas de Caridade são uma representação disso. Cidades no interior da Paraíba, como Soledade, foram criadas pelo padre Ibiapina. Então, ele foi, além de um filantropo, um modernizador e nada mais justo que ele apareça nesse livro de heróis e heroínas do Brasil, levando em consideração que as suas ações são importantes e tiveram muito impacto na história do país e na história das populações pobres do Nordeste”, completa.

Registro perpétuo

O *Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria* ou simplesmente *Livro de Aço*, pois a obra de fato é formada por páginas desse material, destina-se ao registro perpétuo do nome dos brasileiros, ou de grupos de brasileiros, que tenham oferecido a vida à nação, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo.

Depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, na Praça dos Três Poderes, em Brasília (DF), foi idealizado em 1985, durante a comoção nacional causada pela morte de Tancredo Neves, o primeiro presidente civil eleito após 20 anos de Regime Militar, mas foi criado somente em 1992.

A inscrição de um novo personagem depende de lei aprovada no Congresso Nacional. Até agora, figuram no livro 99 nomes, sendo três paraibanos: o líder da Insurreição Pernambucana e governador, André Vidal de Negreiros, e as lideranças da luta camponesa assassinadas, João Pedro Teixeira e Margarida Maria Alves. O último nome a ser colocado no *Livro de Aço*, em novembro de 2025, foi o de dom Hélder Câmara, bispo católico que atuou pelos direitos humanos durante a Ditadura Militar brasileira. Para que o nome de padre Ibiapina seja incluído, a proposta ainda deve ser aprovada no Senado Federal.



Peregrino da Caridade no Nordeste tem a sua trajetória calcada na solidariedade, no cuidado com os pobres e na defesa da dignidade humana

Foto: Reprodução/Facebook @Santuario Pe. Ibiapina



Paraibano expandia as suas perspectivas tanto na produção científica, inspirado nos oradores com os quais conviveu ao longo de sua formação médica, quanto na feitura das crônicas do cotidiano

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Médico, professor e ensaísta paraibano, Waldemir de Miranda construiu a sua trajetória profissional em Pernambuco, fazendo de sua vida uma síntese da ciência e da arte. Buscava, na prática clínica, o conhecimento técnico como forma de cuidado humano, visão que se expandia para o ensino universitário e o diálogo com as letras, estreitado tanto na produção científica quanto nas crônicas do cotidiano.

Nascido em 24 de abril de 1903, em Caiçara, no Brejo paraibano, Waldemir Soares de Miranda era filho de Enedina Soares de Miranda e Antônio Florentino da Costa Miranda, mais conhecido como cel. Tota Miranda, liderança que trabalhou pela emancipação do município e tornou-se seu primeiro prefeito. A condição familiar permitiu-lhe estudar em colégios da capital do estado, como Pio X e Liceu Paraibano, de onde seguiu, em 1921, para a capital federal, a fim de prestar vestibular para a Faculdade Nacional de Medicina, na qual foi diplomado médico cinco anos depois.

O gosto pelas letras, cultivado ainda na juventude, já era percebido nas colaborações de estilo agradável para periódicos estudantis e locais, a exemplo do jornal *O Pirilampo*. Em suas notas pessoais, o próprio médico recorda do primeiro texto publicado, na década de 1920, como um “diálogo imaginário de um amor em declínio, com evasivas de um lado e desespero informado de outro”.

Como morador-estudante do bairro da Lapa, no Rio de Janeiro (RJ), costumava frequentar o Silogeu Brasileiro, edifício histórico localizado nas pro-

ximidades onde funcionava a Academia Brasileira de Letras (ABL). Por lá, ele ouvia os discursos de grandes nomes como Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto ou Graça Aranha, presenciando momentos significativos da vida cultural brasileira.

“Entre os marcos dessa frequência, a recordação de uma noite inesquecível: a de 19 de julho de 1924, quando Graça Aranha, impetuoso e arrogante, sacode o plenário da casa e a todos os presentes com o seu grito de modernismo literário, de inconformismo, de rebeldia antiacadêmica. Trava-se, então, emocionante duelo literário entre Duque Estrada, letrista do Hino Nacional, e Coelho Neto por um lado (o do humanismo helênico) em oposição às invectivas desrespeitosas de Graça Aranha, que bradava para a plateia perplexa: ‘Mudança ou Morte à Academia!’ Tumulto generalizado na sala, sessão encerrada pelo presidente. Entre apupos e aplausos, saem os contendores por portas diferentes, carregados em triunfo por admiradores de um e de outro pendor literário”, descreveu o próprio Waldemir de Miranda.

O namoro com as palavras, no entanto, tomou o rumo da literatura científica, marcada por uma estética de expressão francesa e inspirado nos oradores com os quais conviveu ao longo de sua formação médica, à qual se somaram, posteriormente, uma pós-graduação no Hospital Saint Louis de Paris, na França, e uma especialização pelo Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, na Alemanha.

Da capital federal seguiu para o Espírito Santo, onde atuou como médico e inspetor de ensino. Em 1928, foi convidado para trabalhar no Recife (PE), fixando-se aí definitivamente, dedicando-se tanto ao exercício clínico pro-

percepção de responsabilidade muda ao identificarmos o sujeito agressor no início da frase?”.

Apesar de a postagem de Abaurre ser direcionada a professores de Língua Portuguesa, ela é uma verdadeira aula para todos nós, jornalistas. A professora ensina que a gramática não é neutra. “A escolha entre voz ativa e passiva é uma escolha política de quem narra o fato”.

A linguista e escritora Janaisa Viscardi (@janaisa) também costuma apontar, em seu perfil no Instagram, a opção pela voz passiva em textos jornalísticos.

Além de criticar o fato de que os veículos de comunicação ocultam o autor da violência nas manchetes (“ataque a faca” em vez de “adolescente/menino esfaqueia”), ela também condena a exposição, em destaque, da justificativa dada pelo agressor: “aluno sofria bullying”.

Para Janaisa Viscardi, é possível fazer diferente: “Jornalistas devem ser melhor preparados e remunerados; nas redações não deveriam existir tantas publicações por dia dos jornalistas, que deveriam ter tempo para encontrar o caminho que não contribua para reforçar as dinâmicas de opressão”. Como bem dito pela professora Maria Luiza Abaurre, “A língua constrói e manipula a realidade social”.

Angélica Lúcio

O título que você escolhe pode favorecer agentes de violência

Como as manchetes escondem quem comete violência contra as mulheres? Refleti sobre isso ao ver uma publicação da professora Maria Luiza Abaurre (@abaurre_portugues), cujo perfil apareceu para mim no Instagram recentemente.

Na postagem, direcionada a professores de Língua Portuguesa, Abaurre explica como o uso da voz passiva pelos jornalistas contribui para ocultar o agressor. Logo no início, ela faz um questionamento: “Você já notou que escolhas sintáticas, no jornalismo, podem esconder agressores?”.

Ao longo do carrossel, Maria Luiza analisa como manchetes utilizam a voz passiva em notícias de feminicídio e demonstra como o tema pode ser abordado em sala de aula. O primeiro exemplo dado por Abaurre é uma manchete da *CNN*: “Quatro mulheres são assassinadas por dia”.

A escolha pela voz passiva analítica, conforme a professora, faz com que o foco do título da matéria recaia sobre o paciente (as vítimas), enquanto o agente da passiva é indeterminado ou omitido. Ou seja, o sujeito da ação “desaparece”. Para Abaurre, ao noticiar “Mulher é morta”, a estrutura permite que o texto exista “sem apontar quem matou, naturalizando a violência como um fato sem autor”.

Na postagem feita no Instagram, ela também sugere que os professores mostrem aos alunos uma comparação: “Ex-marido mata mulher” versus “Mulher é morta por ex-marido”. No exemplo na voz ativa, o sujeito grama-

Linguista e escritora Janaisa Viscardi costuma apontar, em seu perfil oficial no Instagram, a opção pela voz passiva em textos jornalísticos

tical é o responsável pelo crime; na passiva, ressalta Maria Luiza Abaurre, “a vítima ocupa a posição de destaque, mas sob uma ótica de inércia e sofrimento”.

Além de alertar para o uso da voz passiva como forma de ocultar agressores de mulheres, a professora também chama a atenção para o chamado “eufemismo intransitivo”: o uso de verbos intransitivos ou reflexivos falsos.

Veja o exemplo: “Mulher morre após briga”. Para Abaurre, esse artifício ainda é pior

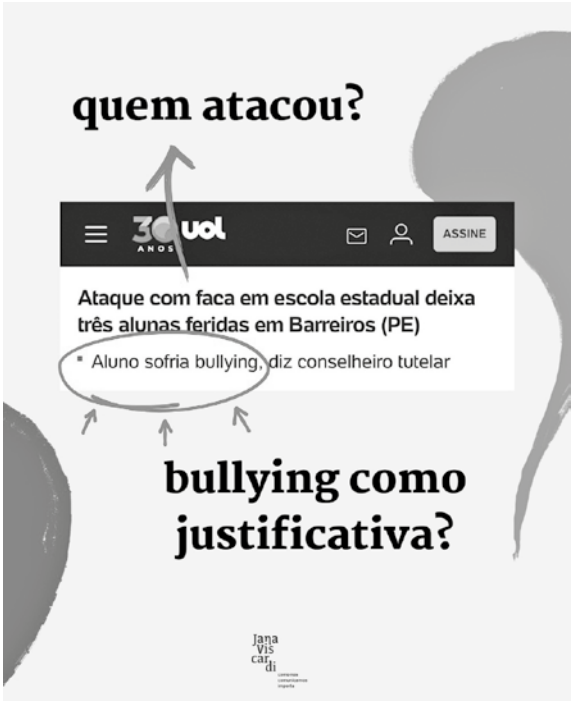


Imagem: Reprodução/Instagram @JanaisaViscardi

do que a voz passiva. “Aqui não há crime sintaticamente marcado, apenas um evento biológico (morrer)”. E ela orienta: “É crucial mostrar aos alunos como essa escolha lexical suaviza um crime: o feminicídio”.

Como dica de aula, a professora propõe que seja trabalhado com os alunos um exercício de escrita, com a transformação de manchetes passivas em ativas e inserindo o sujeito oculto (homem, namorado, ex-companheiro). Abaurre também sugere a seguinte discussão: “Como a

Waldemir de Miranda

Vida feita como uma síntese da ciência e da arte

fissional quanto a academia, conciliando-a com a pesquisa e a docência. O jornalista, médico e escritor Leduar de Assis Rocha, afirmou que Waldemir foi adotado por Pernambuco como um dos seus melhores filhos, destacando os relevantes serviços prestados na medicina e nas descobertas que empreendeu nessa área.

No discurso de saudação por ocasião da posse do paraibano na Academia Pernambucana de Letras, Leduar destacou o trabalho de Waldemir à frente da Faculdade de Medicina do Recife, onde obteve, por concurso, o título de livre docência para as cátedras de Dermatologia, Patologia Geral e Farmacologia, assim como a iniciativa da fundação da Clínica Dermatológica do Hospital Pedro II.

“Em 1935, mal saído dos bancos acadêmicos, arrastou-me Waldemir Miranda para a assistência não só dessa Clínica [Dermatológica do Hospital Pedro II], como da cadeira da Faculdade, então por ele regida. [...] naquela clínica não era só dar aula aos estudantes, atender aos doentes nas enfermarias e no ambulatório e passar receitas. Era algo mais. Era a sistemática investigação histopatológica dos casos novos, dos casos duvidosos e dos casos ditos interessantes, superior talvez ao precário conhecimento de um jovem médico, pouco versado na matéria, se não fora o amor próprio, que o impelia a duros sacrifícios, para não desmerecer da convidança do mestre”, rememorou Leduar.

O envolvimento de Miranda com associações de classe e de pesquisa demonstram sua vocação para cientista e pesquisador, destacando-se a

participação na Sociedade de Medicina de Pernambuco, na Sociedade Brasileira de Dermatologia, Sociedade Brasileira de Cancerologia, Sociedade Internacional de Medicina Tropical, Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, além da vice-presidência no Sindicato dos Médicos de Pernambuco e da fundação da Academia Pernambucana de Medicina.

A lista de trabalhos publicados de natureza médica é longa, caracterizada por uma escrita sóbria e correta, lúcida e simples, sem desprezar beleza e forma. Podemos citar, dentre outros, *A boubá no Nordeste Brasileiro*, *Um novo esporotricado e suas reações alérgicas* e *Alguns aspectos farmacológicos da Jatropha Curcas*. Como memorialista, escreveu *A medicina pernambucana e o desenvolvimento regional*, *A medicina e os médicos ao tempo da Confederação do Equador* e *O Ginásio Pernambucano e o seu profissional médico*.

O médico paraibano se lançou em ensaios para além da literatura científica em 1950, com *Palavras de médico*. “Tempos depois da década de 1970, veio-me de volta às letras não propriamente médicas no devaneio literário de jubilaro, de certo modo também jubiloso, além de saudoso de sua Faculdade — a de Ciências Médicas —

de que me orgulho como fundador e seu primeiro diretor. Em 1974, reuni alguns trabalhos numa coletânea sob o título *Vida Médica em Pernambuco*, seguida de outras publicações: com frequência, ensaios biográficos e crônicas do cotidiano”, descreveu Waldemir de Miranda. Na obra *Datas sem História*, reuniu crônicas sobre dias comemorativos.

Com essa trajetória profissional e acadêmica, foi eleito para a Academia Pernambucana de Letras em 1976, exercendo a presidência da instituição de 1982 a 1992. Por ocasião de sua escolha para o cargo, o professor Ranulpho de Oliveira Lima escreveu em artigo para o jornal *Diário de Pernambuco*: “Paralelamente ao cientista, estudioso e triunfante, ao professor que domina a cátedra e sensibiliza estudantes, e ao educar integrado na evolução do processo educativo brasileiro, caminhando o literato, o escritor erudito, sutil, de linguagem escurrita, despretenhiosa, agradável e inteligente, sem requintes de esnobismo. Sobressai nele o jornalista primoroso, observador arguto de nossos problemas sociais. Escreve seus artigos ao correr da pena, sem os artifícios de uma cultura espresnida, engarrafada”.

Sobre sua atuação à frente da Casa de Carneiro Vilela, o também acadêmico e cronista paraibano José Rafael de Menezes relatou: “O presidente não é somente um exortador e um conciliador: é um participante eficaz, original denso e criativo que encerra cada uma das reuniões com uma palavra eloquente, atualizada na pasta. Por vezes, ultrapassa o campo acadêmico com um discurso incisivo, pleno de lógica e erudição, literalmente qualificado”.

Waldemir de Miranda confessava-se leitor domingueiro que dava preferência aos autores médicos, particularmente aqueles que se dedicavam aos livros de memórias. Dizia ter se encontrado, na mocidade, primeiro com o romance de José de Alencar. Só depois vieram José Américo de Almeida, com *A bagaceira*, e Rachel de Queiroz, com *O quinze*. Nutriu grande admiração, ainda, pelo escritor Josué Montello.

Casado com Ione Madruga Brachy Miranda, com quem teve quatro filhos, o médico e escritor paraibano dedicou à esposa uma de suas obras, afirmando: “Se este livrinho vem a lume, a aventura não é minha: pertence à mulher que no marido-autor enxerga estrelas. Coitada! Muito obrigado a ela, cujo nome pronuncio com amor: Ione”.

Por ocasião de seu 99º aniversário, o médico e acadêmico recebeu, em 2002, o título de Cidadão Pernambucano da Assembleia Legislativa do Estado, em reconhecimento por sua vida profissional e literária. Waldemir Soares de Miranda morreu em 1º de novembro de 2009, aos 106 anos.

Tocando em Frente

O romantismo brega... e por que não?

Aos que ainda cultivam a perenidade da MPB, não nos compete avaliar valores, estilos musicais ou interpretativos. Nós os respeitamos, independentemente de apreciá-los, mas, numa avaliação auditiva, achamo-nos no direito de criticar a péssima “safra” por que vem passando a nossa dita música popular. Explico-me melhor: desconheço, porque assim prefiro, quase completamente o que se vem fazendo, por exemplo, nos ditos *funks*, sertanejo universitário, e produção de *MCs* e *DJs*, que são quase impostos pela mídia nacional e executados sobretudo nas chamadas festas populares. Começo a acreditar que a “grande massa” precisa mesmo é de “pão e circo” (*panis et circenses*), o que, certamente, nos levará, em um futuro bem próximo, a não termos mais nada a recordar o que foi um dia o nosso cancionista popular...

E não é que pretendamos ser elitistas musicais, mas tão somente não ouvir por aí que a música popular brasileira esteja sendo “nivelada por baixo”.

No entanto, mesmo o que se costuma chamar de “romantismo brega”, ainda se ouve por aí e, a meu ver, ainda está bem à frente da “música” que se faz e cultiva hoje em dia.

Retorno ao tema porque, ao reouvir intérpretes e compositores como José Augusto (Rio, 1953) e Fernando Mendes (Conselheiro Pena-MG, 1950), passo a ratificar o que alguns já sabem: todo romantismo conduz um pouco de brega, dependendo do momento e do estado de espírito dos que o ouvem.

Em assim sendo, como não reconhecer o valor daqueles que caíram no gosto popular, mesmo sendo tidos como bregas. E



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br



Na voz do paraibano Roberto Luna (1929–2022), vieram vários boleros, sambas-canções e tangos

concentro-me, não por acaso, em contrarâneos da Paraíba, que hoje são rotulados com esse perfil. Entre outros, refiro-me a Roberto Luna (Serraria-PB, 1929 – São Paulo-SP, 2022), Fernando Lelis (Itaporanga-PB, 1932 – ?, 2023), Maurício Reis (Santa Rita-PB, 1942 – Bonito-PE, 2000), Genival Santos (Campina Grande-PB,

1943 – Fortaleza-CE, 2014) e Bartô Galeno (Sousa-PB, 1950).

O primeiro dessa espécie de *playlist*, Valdemar Farias, o Roberto Luna rumou para o Rio de Janeiro, em 1945, fixando-se no universo da música como crooner em casas noturnas e teatros de revista. A estreia no rádio aconteceu em 1952,

contratado pela Rádio Guanabara, com passagens acidentais pela Rádio Globo. O primeiro disco foi um 78 rpm — *Por quanto tempo* (de Marino Pinto e Don Al Bibi). A partir daí, já contratado pela Rádio Clube do Rio, enveredou pelo caminho do bolero, samba-canção e tango em que se foi firmando internacionalmente com versões de sucessos chamados, na época, de dor de cotovelo ou música de “fossa”. Seu grande sucesso foi “Relógio”/“El Reloj”, bolero que consagrou Roberto Cantoral, o autor.

Já no fim dos anos 1950, enveredou pelo estilo que surgia, gravando “Serenata do adeus” (Vinicius de Moraes), “Castigo” (Dolores Duran). Já em 1960, estreou como compositor, gravando e “Por causa de você” (Tom Jobim e Dolores Duran). Em 1960, lançou-se como compositor, gravando o samba “Suplicio da saudade” (parceria com Paulo Rogério). Em 1961, cada vez mais firme no mercado discófilo, lança o álbum (*LP*) *Adiós, pampa mia e outros tangos famosos*, a que se seguiu, no mesmo estilo, o álbum (*LP*) *Tangos famosos*. Daí em diante, foram lançadas várias coletâneas dele, sempre nos padrões receptivos dos seus fãs.

A popularidade o levou a participar, em 1968, do filme *O Bandido da Luz Vermelha* (de Rogério Sganzerla).

Já na década de 1970, passou a apresentar-se, quase exclusivamente, em boates do Rio e de São Paulo, chegando a tornar-se proprietário de uma delas, no Rio.

Nos anos 1990, com os direitos adquiridos, a gravadora RGE passou a lançar todo o seu repertório em álbuns (*LPs* e *CDs*).

ECA DIGITAL

Como redes sociais vão checar idade do usuário?

Mecanismo de verificação digital vai ser implementado a partir deste mês

Paula Ferreira
Agência Estado

A Agência Nacional de Proteção de Dados (ANPD) vai monitorar, já a partir deste mês, a implementação de mecanismos de verificação de idade dos usuários por plataformas digitais. Em um documento com diretrizes preliminares, a agência sugere uma tecnologia considerada “padrão ouro” para realizar o trabalho, chamada “prova de conhecimento zero”.

O cronograma, divulgado pela agência no último dia 20, indica que a partir de novembro a agência já começará a aplicar sanções e em janeiro de 2027 fará ações de fiscalização para verificar o cumprimento do ECA Digital.

O ECA Digital, que define normas para proteção de crianças e adolescentes na internet, entrou em vigor nesta semana. Agora, a ANPD coordena a fase de implementação, com regulamentação de alguns pontos e monitoramento das plataformas.

Até agosto, a agência publicará os parâmetros normativos para os mecanismos de aferição de idade. A ANPD divulgou também um documento, com orientações preliminares sobre o tema.

Como o *Estadão* adiantou, o manual traz parâmetros mínimos a serem levados em consideração, como privacidade, não discriminação, entre outros. O manual da ANPD afirma que o mecanismo adotado pelas plataformas

deve ter capacidade de resistir a tentativas de burla ou fraude pelos usuários e ter funcionamento estável em condições reais de operação.

Privacidade

As plataformas terão de medir a eficiência da ferramenta utilizada e fazer reavaliações periódicas da tecnologia para identificar necessidade de aprimoramento. Nesse sentido, as empresas terão de monitorar o processo continuamente e documentar falhas que venham a acontecer e soluções adotadas.

Em relação à privacidade, o texto destaca que a ferramenta escolhida deve se restringir à verificação da idade, evitando “coleta excessiva de dados pessoais”.

O manual reforça a proibição de “reutilização dos dados para outras finalidades, inclusive publicidade comportamental, perfilamento e classificação de usuários, enriquecimento cadastral ou extração de inferências sobre hábitos, preferências e padrões de navegação”. Afirma ainda que é proibida a rastreabilidade da identidade do usuário e do seu histórico de acessos.

“Padrão ouro”

No documento, a agência cita como “dica” de mecanismo para verificação de idade a tecnologia de “prova de conhecimento zero”, conhecida como ZKP, na sigla em inglês.

Essa tecnologia é conhecida por preservar a privacidade dos dados do usuário. A partir dela, a

plataforma pergunta se aquele usuário que tenta acessar o conteúdo é maior de idade. Então a técnica, que usa dados criptografados, consulta outros aplicativos do celular da pessoa, como uma carteira digital, por exemplo, e fornece uma resposta binária à plataforma: sim ou não, sem informar quaisquer dados do usuário.

A tecnologia é considerada “padrão ouro” por especialistas e é classificada no documento *Radar tecnológico*, feito pela própria agência, como um mecanismo com *performance* “muito alta” de privacidade. Ele pode ser incorporado pelo método de aferição de idade para torná-lo mais seguro.

O documento da ANPD indica que as plataformas devem optar por soluções que minimizem a exposição de dados e recomenda “cautela em relação a métodos baseados em biometria facial”.

A agência explica que essa opção pode trazer ris-

cos de vigilância e vieses algorítmicos, além de coletar dados sensíveis.

Discriminação

A implementação desses mecanismos não deve resultar na exclusão de usuários da vida digital ou no impedimento desproporcional de acesso a produtos e serviços digitais legítimos, especialmente quando se trata de crianças e adolescentes, que merecem proteção integral e prioritária.

Soluções baseadas exclusivamente na avaliação de documentos oficiais, por exemplo, podem impor barreiras de acesso indevidas a refugiados ou outras pessoas em situação de vulnerabilidade social que não possuem tais documentos. Da mesma forma, fatores como limitações motoras ou cognitivas, bem como dificuldades de acesso à internet por meio de dispositivos próprios, também devem ser considerados no *design* dessas soluções.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Policial (2) = cabo + discernimento (2) = tino. **Solução:** presunçoso (4) = cabotino.

Charada de hoje: Nunca volte (2) sua raiva (2) diante do defeito de uma simples peça que distribui a água (3).



Ilustração: Bruno Chibassi



“Sou Mônica”

Uma das personagens mais queridas da cultura pop brasileira, Mônica celebrou mais um aniversário no último dia 21: são 63 anos da “dona da rua” do Limoeiro. Além do seu emblemático vestido vermelho, a sua trajetória nasceu marcada por acasos, inspirações reais e uma expansão que rompeu as fronteiras nacionais. Ao celebrar mais um aniversário, a trajetória da personagem criada por Mauricio de Sousa nos lembra que a verdadeira força está na valorização das diferenças. Abaixo, selecionamos alguns fatos que ajudam a explicar por que a menina de dentes proeminentes e gênio forte se tornou um pilar da nossa identidade nacional nas histórias em quadrinhos e afins, consolidou-se como uma das principais referências do entretenimento nacional, produzindo livros, animações, filmes, séries, *games*, músicas e uma variedade de conteúdos.

De coadjuvante a protagonista

A Mônica estreou em 1963, em uma tira do Cebolinha (publicada no jornal *Folha de S. Paulo*). No entanto, o carisma da personagem foi tão imediato que ela “roubou” o protagonismo, ganhando sua própria revista em 1970 e virando a dona da rua e líder da turma.

Uma inspiração real

Seu criador, o cartunista Mauricio de Sousa, baseou a personagem em sua própria filha, Mônica Spada e Sousa. O detalhe curioso? O comportamento decidido e o hábito de carregar um coelho de pelúcia eram traços reais da Mônica criança.

Nascimento do Sansão

O famoso coelhinho azul nem sempre teve esse nome e nem sempre foi azul. O nome Sansão foi sugerido por uma fã em um concurso nacional, nos anos 1970. Antes disso, ele era apenas “o coelho”. E antes de ser azul, ele era amarelo, em referência ao verdadeiro coelho de pelúcia da Mônica da vida real.

Embaixadora da Unicef

A Mônica possui um papel diplomático. Em 2007, ela fez história ao se tornar a primeira personagem criada para quadrinhos no mundo que foi nomeada embaixadora do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), um reconhecimento ao seu impacto na defesa dos direitos infantis e no incentivo à alfabetização de gerações de brasileiros.

Musa de artistas

A Mônica já foi reinterpretada por grandes nomes das artes plásticas e do *design* mundial. No projeto *MSP 50* e em exposições como *Mônica na Moda*, ela foi vestida por estilistas famosos e redesenhada por centenas de artistas diferentes. Personalidades como Ivete Sangalo e Maria Bethânia já declararam na imprensa que são fãs das histórias dela.

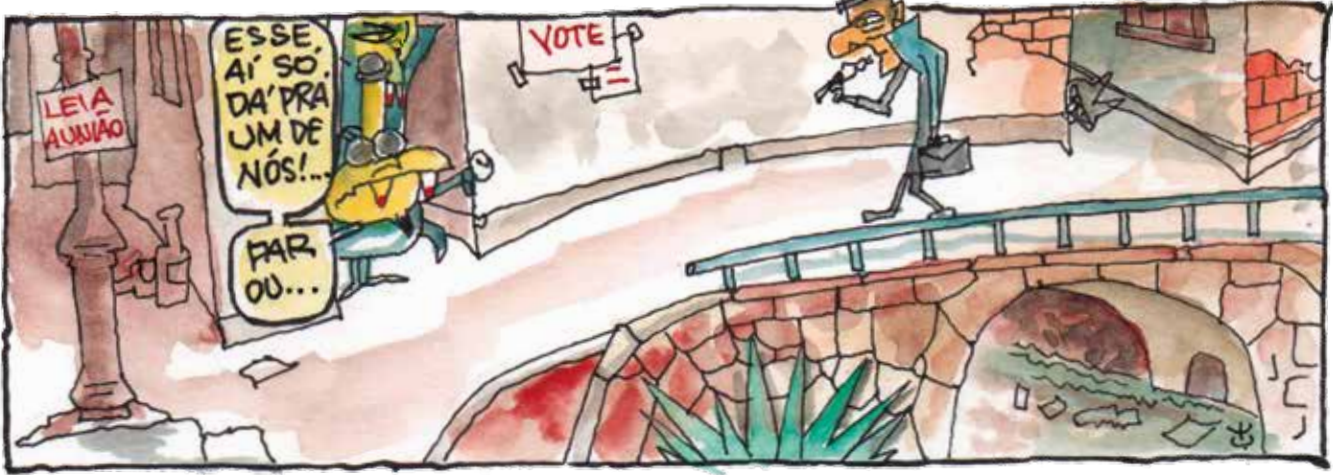
9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 – boca de mulher; 2 – língua da planta; 3 – óculos; 4 – gola de camisa; 5 – curativo; 6 – espinhos; 7 – coelha; 8 – avental; 9 – canuda do coelho.